Editora ABRIL
edição 2775 - ano 55 - nº 5
9 de fevereiro de 2022

veja

www.veja.com

A AGENDA PERDIDA

O Congresso Nacional retornou às atividades nesta semana. Mas o ambicioso projeto de modernizar a economia a partir do modelo liberal (que, aliás, ajudou a eleger Jair Bolsonaro) tem fim melancólico, vencido pela combinação de interesses políticos, populismo barato e pressões de corporações

veja

ÀS SUAS ORDENS

ASSINATURAS

Vendas
www.assineabril.com.br

Grande São Paulo:
(11) 3347-2121
Demais localidades:
0800-775-2828

De segunda a sexta, das 8h às 22h.

Vendas Corporativas, Projetos Especiais e Vendas em Lote
assinaturacorporativa@abril.com.br

Atendimento
www.abrilsac.com.br

Grande São Paulo:
(11) 5087-2112
Demais localidades:
0800-775-2112

De segunda a sexta, das 8h às 22h.

Para baixar sua revista digital
www.revistasdigitaisabril.com.br

EDIÇÕES ANTERIORES
Venda exclusiva em bancas, pelo preço de capa vigente. Solicite seu exemplar na banca mais próxima de você.

LICENCIAMENTO DE CONTEÚDO
Para adquirir os direitos de reprodução de textos e imagens, envie um e-mail para: licenciamentodeconteudo@abril.com.br

PARA ANUNCIAR
ligue (11) 3037-2302
e-mail: publicidade.veja@abril.com.br

NA INTERNET
http://www.veja.com

TRABALHE CONOSCO
www.abril.com.br/trabalheconosco

Fundada em 1950

VICTOR CIVITA (1907-1990) ROBERTO CIVITA (1936-2013)

Publisher: Fabio Carvalho

Diretor de Redação: Mauricio Lima

Redatores-Chefes: Fábio Altman, Policarpo Junior e Sérgio Ruiz Luz
Editora Executiva: Monica Weinberg **Editor Especial:** Daniel Hessel Teich **Editor Sênior:** Marcelo Marthe **Editores:** Amauri Barnabe Segalla, André Afetian Sollitto, Carlos Eduardo Valim Banhos Henrique, Cilene Gomes Pereira, Clarissa Ferreira de Souza e Oliveira, José Benedito da Silva, Raquel Angelo Carneiro, Sergio Roberto Vieira Almeida, Tiago Bruno de Faria **Editores Assistentes:** Larissa Vicente Quintino, Luiz Felipe de Oliveira Castro, Ricardo Vasques Helcias, Thomaz de Molina **Repórteres:** Alessandro Giannini, Allaf Barros da Silva, Amanda Capuano Gama, Augusto Fernandes Conconi, Bruno França Ribeiro, Eduardo Gonçalves, Felipe Barbosa da Silva, Felipe Branco Cruz, Felipe da Cruz Mendes, João Pedroso de Campos, Josette Goulart, Laísa de Mattos Dall'Agnol, Leandro Bustamante de Miranda, Leonardo Lellis, Luana Meneghetti, Lucas Vettorazzo Rodrigues Barros, Luisa Costa de Oliveira e Sousa, Luisa Purchio Haddad, Meire Akemi Kusumoto, Paula Vieira Felix Rodrigues, Reynaldo Turollo Jr., Sabrina Gabriela de Brito, Simone Sabino Blanes, Tulio Kruse de Morais, Victor Irajá **Sucursais:** ***Brasília* — Chefe:** Policarpo Junior **Editor Executivo:** Daniel Pereira **Editor Sênior:** Robson Bonin da Silva **Editora Assistente:** Laryssa Borges **Repórteres:** Hugo Cesar Marques, Letícia de Luca Casado, Rafael Moraes Moura ***Rio de Janeiro* — Chefe:** Monica Weinberg **Editoras:** Fernanda Thedim, Sofia de Cerqueira **Repórteres:** Caio Franco Merhige Saad, Caio Sartori Gavazza, Carolina Barbosa da Silva, Cleo Guimarães, Ernesto Augusto de Carvalho Neves, Jana Sampaio, Kamille Maria Viola de Azevedo Cunha, Paula Freitas Monteiro Autran, Ricardo Ferraz de Almeida **Estagiários:** Eduarda Gomes Silva, Eric Cavasani Vechi, Gabriela Caputo da Fonseca, Marcelo Augusto de Freitas Canquerino, Maria Eduarda Gouveia Martins Monteiro de Barros, Maria Fernanda Sousa Lemos, Mariah Fernandes Magalhães, Matheus Deccache de Abreu, Nathalie Hanna Georges Alpaca **Checadoras:** Andressa Tobita, Luana Lourenço Alves Pinto **Editor de Arte:** Daniel Marucci **Designers:** Ana Cristina Chimabuco, Arthur Galha Pirino, Luciana Rivera, Ricardo Horvat Leite **Infografistas:** Anderson Marçal Leandro, Wander Moreira Mendes **Fotografia — Editor:** Alexandre Reche **Pesquisadoras:** Ana Paula Galisteu, Iara Silvia Brezeguello Rodrigues **Produção Editorial: Supervisora de Editoração/Revisão:** Shirley Souza Sodré **Secretárias de Produção:** Andrea Caitano, Patrícia Villas Bôas Cueva, Vera Fedschenko **Revisoras:** Rosana Tanus, Valquíria Della Pozza **Supervisor de Preparação Digital:** Edval Moreira Vilas Boas **Preparador Digital:** Luiz Henrique Silva de Azevedo **Colaboradores:** Alon Feuerwerker, Dora Kramer, Fernando Schüler, Lucilia Diniz, Maílson da Nóbrega, Murillo de Aragão, Ricardo Rangel, Vilma Gryzinski, Walcyr Carrasco **Serviços Internacionais:** Associated Press/Agence France Presse/Reuters

www.veja.com

DIRETORIA EXECUTIVA DE PUBLICIDADE Jack Blanc **DIRETORIA EXECUTIVA DE DESENVOLVIMENTO EDITORIAL E AUDIÊNCIA** Andrea Abelleira **DIRETORIA EXECUTIVA DE OPERAÇÕES** Lucas Caulliraux **DIRETORIA EXECUTIVA DE TECNOLOGIA** Guilherme Valente **DIRETORIA DE MONETIZAÇÃO E RELACIONAMENTO COM CLIENTES** Erik Carvalho

Redação e Correspondência: Rua Cerro Corá, 2175, lojas 101 a 105, 1º e 2º andares, Vila Romana, São Paulo, SP, CEP 05061-450

VEJA 2775 (ISSN 0100-7122), ano 55/nº 5. VEJA é uma publicação semanal da Editora Abril. **Edições anteriores:** Venda exclusiva em bancas, pelo preço da última edição em banca mais despesa de remessa. Solicite ao seu jornaleiro. Distribuída em todo o país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. **VEJA** não admite publicidade redacional.

IMPRESSA NA ESDEVA INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA. Av. Brasil, 1405, Poço Rico, CEP 36020-110, Juiz de Fora, MG

www.grupoabril.com.br

vivo
Chegamos aonde só era possível imaginar.
A líder em rede móvel no Brasil traz a revolução de 5G. O futuro chegou e a Vivo segue avançando na digitalização do país para aproximar as pessoas de tudo que importa.
5G
Best 01 in 21 Test
umlaut Mobile Benchmark Brazil
Telefónica
App Vivo
vivo.com.br/5g
Para mais informações, condições, disponibilidade de cobertura e aparelhos compatíveis, consulte em vivo.com.br/5g.
Saiba mais

PEDRO LADEIRA/FOLHAPRESS

PROJETO ABANDONADO Votação da reforma da Previdência e capas de VEJA sobre o Plano Guedes: fracasso

CHANCE DESPERDIÇADA

ENTRE OS 57,7 MILHÕES de brasileiros que votaram em Jair Bolsonaro para presidente no segundo turno das eleições de 2018, uma parcela considerável de eleitores decidiu apoiar o ex-capitão pela perspectiva de avanços econômicos em seu governo — uma injeção liberal numa máquina que ainda depende em demasia do Estado. Tal raciocínio se sustentava na figura de Paulo Guedes, o Posto Ipiranga do novo presidente, devidamente qualificado para suprir as deficiências técnicas do chefe. Instalado em um superministério com poderes inéditos, seguidor da Escola de Chicago e dos princípios do prêmio Nobel Milton Friedman (1912-2006), Guedes imprimia ao governo um cunho liberalizante, pró-mercado e antiestatista, e desenhou um ambicioso projeto de mudar o país. Sua intenção era promover uma virada semelhante — ou ainda mais significativa — à ocorrida no Plano Real, dos anos 1990.

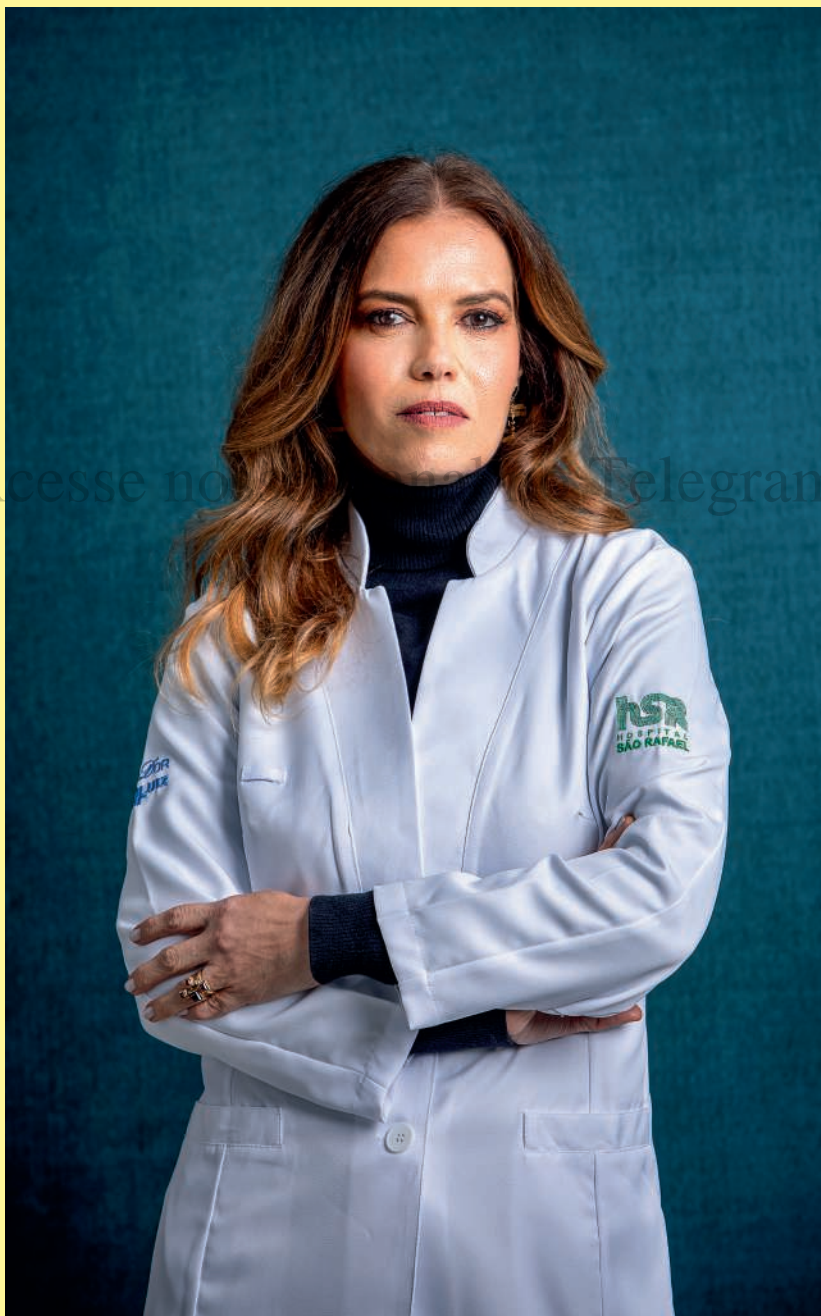
Em julho de 2019, com seis meses no cargo, o Posto Ipiranga acenou com o fim da era de voos de galinha na economia brasileira, marcada por decepcionantes taxas de crescimento e estruturas anacrônicas. Uma reportagem de capa de VEJA naquele momento mostrava que o ministro se preparava para desembrulhar, nos três anos seguintes, um pacote de medidas capazes de injetar 3,6 trilhões de reais na economia em uma década. A perspectiva com o programa apelidado de Plano Guedes era dobrar o PIB per capita do país nos próximos dez anos e promover, finalmente, a evolução que todos desejamos. Hoje, infelizmente, o que se tem é um resultado pífio. As privatizações, que prometiam render 990 bilhões de reais, tiveram avanços constrangedores, representados nas vendas de participações em algumas empresas públicas. A reforma tributária, avaliada em 450 bilhões de reais, foi desfigurada e emendada de tal forma que dificilmente chegará ao formato previsto — isso se sair do papel. A reforma administrativa, fundamental para dar agilidade ao Estado brasileiro e acabar com os privilégios corporativistas do funcionalismo, foi esquecida.

Seria injusto dizer que o país não teve nenhum avanço nesse período. A reforma da Previdência aconteceu — ainda que em tamanho e abrangência mais modestos que o planejado —, houve ganhos nas áreas de concessões e regulação em setores significativos, como de saneamento e gás. Mas, em essência, o que se viu nos últimos dois anos e meio foi o comportamento abilolado do presidente devorar por completo as ideias liberais e modernizantes de Guedes. O viés corporativista, estatizante, populista e eleitoreiro de Bolsonaro matou no berço medidas que enxergava como risco a seu projeto de reeleição. O resultado: uma agenda promissora foi jogada no lixo. Perdeu o país e perderam os brasileiros. ■

O BRASIL DEU UM SHOW

Professora da Universidade de Oxford, a brasileira destaca que a ciência, o SUS e o apoio da sociedade mostram ao mundo como é possível virar o jogo contra o negacionismo

PAULA FELIX

LEO AVERSA

A HISTÓRIA de como o corpo humano é infectado por micróbios e as doenças aparecem já estava nas brincadeiras de criança da pesquisadora, médica infectologista e pediatra Sue Ann Costa Clemens. Não é de espantar, portanto, que hoje ela esteja entre os grandes cientistas que ajudam o mundo a combater o coronavírus que causa a Covid-19. Entre outras atribuições, Sue é professora da Universidade de Oxford, a centenária instituição inglesa reconhecida como uma das melhores do planeta, e foi a responsável pela coordenação dos estudos clínicos com a vacina Oxford-AstraZeneca feitos no Brasil. O êxito foi tão grande que a universidade decidiu abrir no país sua primeira unidade fora do Reino Unido, com atuação inicialmente focada na área de vacinas. Acompanhou de perto a transferência de tecnologia da produção do imunizante para a Fundação Oswaldo Cruz, algo que fará o país subir alguns degraus na expertise de fabricação de vacinas. Nesta entrevista a VEJA, a cientista conta como é fazer ciência correndo contra o tempo, contra o negacionismo, e o que vamos aprender com a pandemia.

A senhora coordenou no Brasil o braço da pesquisa clínica da vacina Oxford-AstraZeneca com o maior número de participantes do mundo. Como foi a mobilização para que tudo desse certo? No dia 28 de abril de 2020, o professor Andrew Pollard, chefe do Oxford Vaccine Group, me procurou para falarmos sobre a

expansão da pesquisa que ele fazia com uma vacina contra a Covid-19. Eu estava no Brasil e por aqui os casos explodiam. Uma semana depois, tivemos nossa primeira reunião. Andrew estava à frente do estudo mais adiantado de um imunizante contra a doença. Ele havia sido aplicado em 1 000 participantes no Reino Unido, mas era preciso ter um volume maior de participantes. Andrew tinha pensado em registrar 1 000 voluntários brasileiros. Enquanto ele falava, a única coisa que eu pensava era: "Quando você quer que eu comece?".

E quando começou? Assim que terminamos a reunião. Nunca pensei que testemunharia uma epidemia se tornar uma pandemia e estava vendo a doença devastar as pessoas. Sabia que, se corrêssemos, salvaríamos mais vidas. O Brasil sempre teve ótimos centros de realização de estudos clínicos e isso ajudou. Seis serviços foram escolhidos nas cidades de São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, Natal, Porto Alegre e Santa Maria. No começo, eram 1 000 voluntários. Depois, foi passando para 2 000, 3 000, até que em quatro meses chegamos a quase 11 000 voluntários.

A senhora havia participado de algo parecido? Não. Foi um trabalho colossal. Os profissionais se dedicaram dia e noite. Era preciso ligar para mais de 10 000 voluntários uma vez por semana, seguir os indivíduos sintomáticos e analisar o que poderia ser considerado eficácia em uma doença desconhecida naquele momento. Tínhamos reunião à meia-noite para saber se algum voluntário teve reação. Ao mesmo tempo, eu precisava monitorar toda a qualidade, fazer a limpeza de dados. Agora, temos um imunizante inspecionado por cinco agências regulatórias de peso e quase 3 bilhões de pessoas vacinadas. Foi bastante emocionante ver nosso trabalho aqui no Brasil se concretizando quando a vacina foi aprovada.

"Sou pediatra e totalmente a favor da vacinação em crianças. É natural que surjam perguntas, mas todo imunizante liberado é eficiente e seguro"

A experiência foi decisiva para a Universidade de Oxford abrir no Brasil sua primeira unidade fora da Inglaterra? Sim. É um reconhecimento da instituição ao talento científico do profissional brasileiro. Houve profissionalismo, qualidade científica e garra para entregar resultados.

Como vai funcionar? Os alunos aprenderão todo o processo de desenvolvimento de vacinas, desde a descoberta até o registro do produto. Começaremos com cursos de atualização e outros mais básicos. Mestrado e doutorado serão oferecidos a menos pessoas, voltados a profissionais que são pesquisadores.

Serão acessíveis? Os cursos de atualização terão pagamento simbólico. No mestrado e doutorado, teremos taxa de inscrição, mas vamos procurar instituições que queiram financiar bolsas.

A senhora participa de uma epopeia científica sem precedente. A essa altura, como é deparar com o negacionismo que ainda persiste? Há negacionismo, é verdade. Mas a população brasileira deu um show. Começamos a vacinação de forma lenta, porém hoje somos um país com uma das maiores taxas de população totalmente vacinada. Apresentar 70% da população protegida é algo que temos de aplaudir. É preciso bater palmas para o SUS porque não adianta ter vacina e não a fazer chegar à população. Além disso, os brasileiros participaram de importantes ensaios clínicos cujos dados permitiram a aprovação de vacinas.

O Ministério da Saúde é acusado de adotar medidas para atrasar a vacinação infantil contra a Covid-19 e de se posicionar a favor de terapias sem base científica. A senhora mantém uma boa relação com o ministério? Passei por mais de um ministro. Falei com Nelson Teich, participei de reuniões com Eduardo Pazuello e Marcelo Queiroga. Sempre fui tratada com respeito e minha relação com o ministério é da mais alta qualidade. Minha relação com eles se restringe a conversas estritamente científicas. Nada mais.

O que achou da polêmica envolvendo a imunização das crianças? Sou pediatra e totalmente a favor da vacinação das crianças. Se você me perguntar como pesquisadora, digo que precisamos ter avaliação crítica, como as agências regulatórias internacionais estão fazendo, e bem, com todos os imunizantes criados contra a doença. A vacina de RNA mensageiro (caso da vacina da Pfizer) é nova e é natural que surjam perguntas. Mas o que a população deve ter em mente é que todos os imunizantes liberados para uso são eficientes e seguros. Os riscos de quadros graves de Covid-19 são infi-

nitamente maiores do que os apresentados por qualquer vacina. Por isso, é crucial proteger as crianças também.

Na semana passada, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária aprovou o uso da CoronaVac em crianças e adolescentes de 6 a 17 anos. O que acha da decisão? Toda vacina é bem-vinda. A CoronaVac é feita com uma plataforma que conhecemos (vírus inativado), sobre a qual temos experiência. Embora ela tenha um escape imunológico grande contra a ômicron, é primordial para a população brasileira, incluindo as crianças.

As crianças precisarão receber doses de reforço? Ainda não foram publicados dados sobre o assunto. Acredito que a Pfizer, pioneira no uso da tecnologia do RNA mensageiro para criação de vacinas, esteja buscando informações. Contudo, se formos fazer uma analogia com o que ocorre nos adultos, será preciso esperar de quatro a seis meses para medirmos as respostas imunológicas das pessoas nessa faixa etária.

A pandemia acaba em 2022? Ela vai passar para uma situação endêmica (o agente infeccioso continua presente, porém não provoca mais emergência sanitária). Agora, se isso acontecerá neste ano, vai depender muito do aumento e da celeridade da vacinação em grandes bolsões que permanecem sem cobertura adequada. No Malawi, 4% da população está totalmente imunizada e há outros países na África infelizmente na mesma situação. A Ásia também é um bloco com problemas semelhantes.

A que se deve essa situação? Não podemos só prover as nações com vacinas, é preciso fazer com que a distribuição tenha capilaridade. Isso seria um trabalho para instituições supranacionais, como a Organização Mundial da Saúde, que deveriam ter uma atuação mais forte nesse sentido. Ao mesmo tempo, vimos até hoje milhões de pessoas que não querem se vacinar em todo o mundo. Nos Estados Unidos, em países do Leste Europeu, como Romênia, Rússia ou Ucrânia, os índices de resistência à vacina são altíssimos.

Quais estratégias devem ser adotadas para aprendermos a conviver com a Covid-19? Vigilância, testagem e sequenciamento. Se a vacina protege menos com o tempo, o maior investimento deve ser em terapêutica, porque não há como fazer uma vacina para cada cepa que surgir. O futuro não é adaptar vacina toda hora, mas investir em prevenção e tratamentos e conseguir remédios em abundância e acessíveis para a população.

O que ficará de legado para o Brasil quando a pandemia terminar? Já podemos comemorar algumas boas heranças. Uma delas é termos criado e capacitado tantos centros de pesquisa. O desafio agora é montarmos sistemas que permitam a manutenção e a evolução desses serviços. Além disso, obtivemos a transferência de tecnologia de uma plataforma nova para a produção de vacina da Oxford para a Fundação Oswaldo Cruz. Isso tem um valor inenarrável para o Brasil. Os pesquisadores podem identificar novos patógenos e começar a testar uma vacina, além de o país se tornar autossustentável em relação aos imunizantes contra a Covid-19. Tudo isso pode resultar em pioneirismo em relação a outras vacinas.

“A pandemia é uma vitrine do trabalho da mulher cientista e mostrou a capacidade e a garra femininas. Nossa dedicação à pesquisa é maior. É como ser mãe. Não termina o interesse”

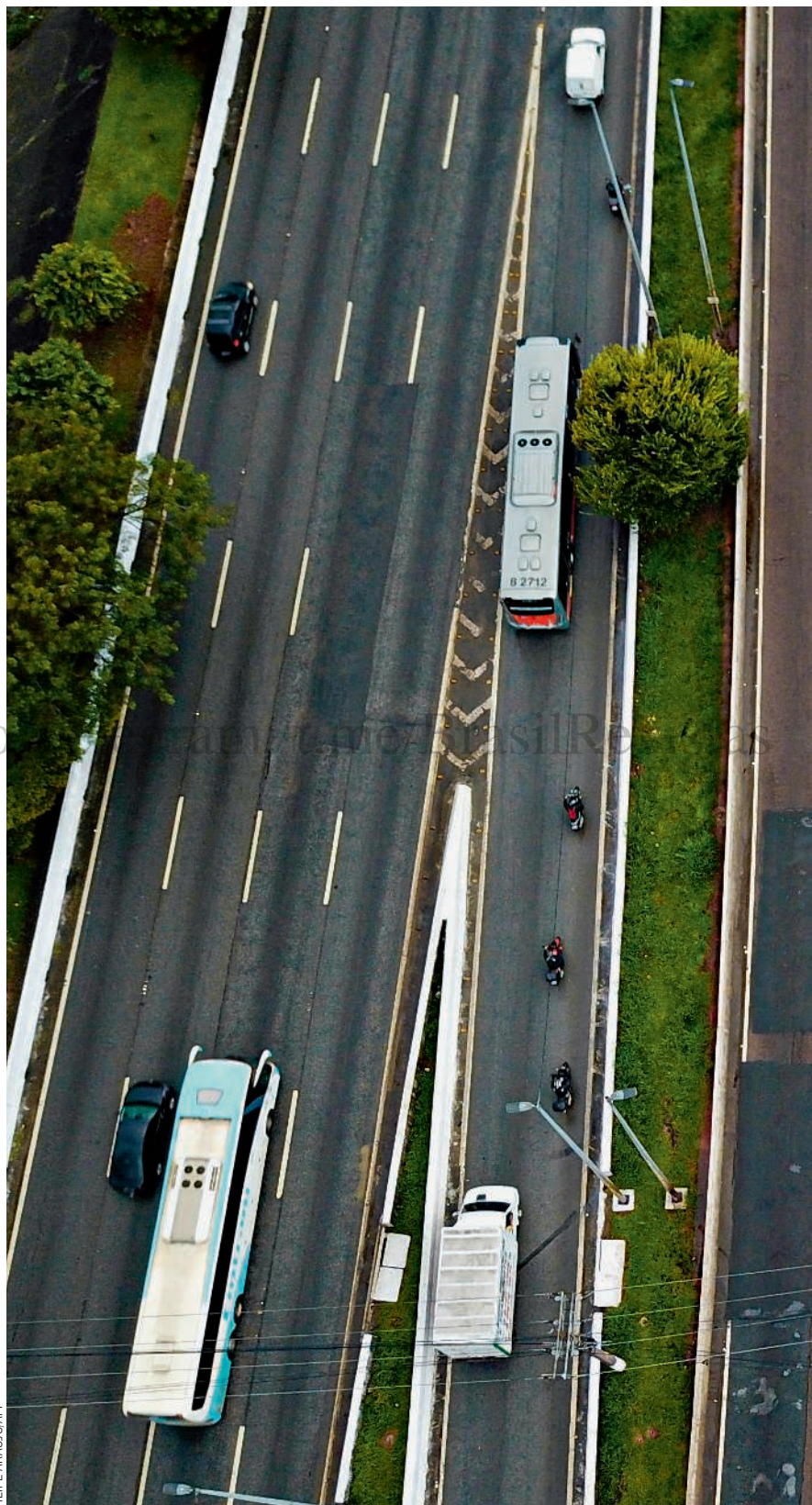
De onde vem seu interesse por micróbios? Desde criança eu era curiosa em relação à ciência e meu brinquedo era um microscópio. E sempre adorei parasitas, bactérias, vírus. Eles me fascinavam. Lembro-me de quando fui para a Região dos Lagos, no Rio de Janeiro, e não queria entrar na água por causa da esquistossomose *(doença parasitária causada por verme presente em água doce contaminada)*. Tinha uns 8 ou 9 anos. Todo mundo nadando, se divertindo, e eu tentando imaginar o parasita e em como ele iria entrar nas pessoas.

A pandemia é uma boa vitrine para o trabalho da mulher cientista? Sem dúvida. O que fazemos mostrou a capacidade e a garra femininas na ciência. Veja o exemplo do estudo clínico da vacina Oxford-AstraZeneca no Brasil. Dos seis centros de pesquisa que participaram, quatro são chefiados por mulheres. Temos uma dedicação à pesquisa clínica muito maior do que os homens. É como ser mãe. Não termina o interesse. Também não é por acaso que muitos países que estão indo bem contra a pandemia sejam liderados por mulheres, como a Nova Zelândia, que tem Jacinda Ardern como primeira-ministra, ou a Alemanha, que até poucas semanas atrás estava sob o comando de Angela Merkel. ■

UMA CRATERA NO MEIO DO CAMINHO

NA MANHÃ da terça-feira 1º, quem passou pela **Marginal Tietê,** em São Paulo, perto das obras da Linha 6 do Metrô, que ostentará a cor laranja, testemunhou um desastre de grandes proporções — atalho para imensos engarrafamentos na região. **O rompimento de dutos de esgoto inundou o túnel em construção e desestabilizou o solo, causando o desmoronamento que atingiu a pista de veículos.** Felizmente, não houve vítimas e a via foi interrompida. No mesmo dia, a concessionária responsável pelas obras, a espanhola Acciona, descartou que o desabamento estivesse relacionado às operações de construção da linha. "Trata-se do rompimento de um interceptor de esgoto", disse a empresa em nota pública. Uma das hipóteses era de que o "tatuzão", como ficou conhecida a máquina que abre caminho pelo subsolo, tivesse provocado o estrago. Mas isso também foi afastado. Como medida de contenção, a solução foi preencher a cratera com material rochoso e argamassa. A intenção é estabilizar o terreno, para que se possa recuperar a tubulação, a erosão e as pistas atingidas. Bombas farão a drenagem do coletor de esgoto. A Linha 6 foi lançada em 2008, pelo então governador José Serra, com previsão de entrega em 2012. Depois de idas e vindas, com interrupções frequentes, a obra foi retomada em 2020, com prazo, agora, para 2025. Com uma cronologia tão elástica, não surpreende que acidentes desse tipo aconteçam e provoquem imagens impressionantes e tristes. ■

Alessandro Giannini

FILIPE ARAUJO/AFP

VANS BUMBEERS/NETFLIX

NEGÓCIOS FEMININOS
Eliana: "Tive de puxar a peixeira para ser respeitada"

"SOMOS UMA SOCIEDADE PATRIARCAL E MACHISTA"

Prestes a estrear um game show de empreendedorismo na Netflix, em 9 de fevereiro, Eliana fala sobre a chegada dela ao streaming e os desafios femininos para conquistar espaço entre engravatados

***Ideias à Venda* é um programa voltado ao empreendedorismo. Qual sua relação com o tema?** Aprendi ao longo dos anos a gerir meu próprio negócio, assim como muitas mulheres. Quando começaram a me procurar para licenciamentos, entendi a importância de cuidar da minha marca. Então, fiquei muito feliz de fazer o programa e contribuir com a minha experiência como apresentadora e empresária.

Sua estreia no streaming ocorre após longa carreira na TV aberta. Como vê a mudança? Nasci na TV, e sou apaixonada por ela, mas gosto de inovar. O streaming dá ao espectador liberdade para ver o que quiser na hora que quiser. Acredito que essas mídias vão convergir, e eu sou prova disso.

A pandemia tem sido complicada para pequenos empresários. O programa pode ajudar nisso? De certa forma, sim. É uma maneira de mostrar a resiliência do brasileiro ao mundo. Mesmo com todas as dificuldades, somos um povo persistente e criativo. Empreender é uma tarefa árdua, mas não pode ser vista como um bicho de sete cabeças. Falar sobre isso de uma maneira acessível pode inspirar as pessoas. E o prêmio de 200 000 reais é um valor transformador para muita gente.

Quando falamos em empreendedorismo, a imagem que vem à cabeça é a de um homem engravatado. Há empecilhos para as mulheres? Claro. Ainda vivemos em uma sociedade patriarcal e machista. Nós, mulheres, somos sempre questionadas pela nossa posição e salário. Avançamos em alguns direitos, mas não tenho dúvida de que ainda há muito a ser conquistado.

Como o quê, por exemplo? Uma divisão doméstica justa, igualdade salarial e até uma maior visibilidade do prazer feminino. Enfim, a liberdade de ser quem somos. Não precisamos vestir um terninho para mostrar que somos profissionais, mas infelizmente ainda temos de nos posicionar muito mais que os homens para sermos vistas.

Viveu isso na sua carreira? Com certeza. Tenho ascendência nordestina e polonesa, e brinco que tive de puxar a peixeira muitas vezes ao longo desses trinta anos para ser respeitada. É uma batalha, mas me conforta saber que as próximas gerações terão uma rede de apoio muito maior do que aquela que eu, minha mãe ou minha avó tivemos.

E como são as mulheres da sua família? Muito empoderadas. Minha avó ficou viúva bem cedo e cuidou dos sete filhos sozinha, tendo o seu próprio negócio. Minha mãe administrava toda a renda da casa, trabalhava fora e cuidava da gente com muito carinho. A Manuela, minha filha, vai ter de lutar pelos direitos dela, mas com uma união feminina muito mais forte do que nós tivemos no passado. ■

Amanda Capuano

DA ARTE DE FALAR COM OS OLHOS

A postura da atriz italiana **Monica Vitti** valia por uma escola de cinema. Não há como dissociá-la de quatro filmes clássicos de Michelangelo Antonioni, com quem foi casada: *A Aventura* (1960), *A Noite* (1961), *O Eclipse* (1962) — a chamada "trilogia da incomunicabilidade, em preto e branco — e o colorido *O Deserto Vermelho* (1964). A postura aparentemente fria de Monica, que aprendera seu ofício no teatro, entre peças de Shakespeare e Molière, rapidamente virou ícone daquela revolução no cinema — Antonioni se alimentava de planos longuíssimos e dos silêncios, muitos silêncios, para evidenciar o desconforto de seus personagens com a aborrecida vida burguesa. Precisava, portanto, de intérpretes que soubessem se calar. Quando viu Monica pela primeira vez no palco, o diretor foi direito ao ponto. "Você tem uma bela nuca, poderia fazer cinema", disse. A resposta, que deflagraria um longo relacionamento: "Você quer me filmar apenas de costas?". Não foi assim, mas quase. Em *A Aventura,* aqueles olhos, bonitos e expressivos, preenchiam a tela, demoradamente. "É a coisa mais fascinante a respeito dela", disse Antonioni. "Eles não param em nenhum objeto, mas fixam segredos distantes. É o olhar de uma pessoa que está procurando onde terminar seu voo e não consegue encontrá-lo."

Depois do imenso sucesso no início dos anos 1960 e de estar tão intimamente ligada a um movimento artístico, ela ainda tentou fazer comédia, sobretudo as de Alberto Sordi — mas não convenceu, eram trabalhos sem força, francamente sem graça, e aos poucos foi perdendo o viço original. Transformara-se em prisioneira de seus primeiros personagens. Mas sabia rir dessa condição. "De manhã, sou como os filmes de Antonioni, um pouco triste, mal consigo começar o dia", diria numa entrevista. "À noite me sinto mais feliz, como minha personagem em *Um Caso Quase Perfeito (comédia romântica de 1979).*" Em 2011, Monica Vitti foi diagnosticada com doença de Alzheimer e saiu de cena. Morreu em 2 de fevereiro, aos 90 anos, em Roma. ■

ESCOLA DE CINEMA
A italiana Monica Vitti: musa e mulher de Michelangelo Antonioni

SUSAN WOOD/GETTY IMAGES

“Para ser honesto, há um mês e meio eu não sabia se conseguiria voltar ao circuito e jogar tênis novamente. Vocês realmente não sabem quanto eu lutei para estar aqui.”

RAFAEL NADAL, 35 anos, depois de vencer o russo Daniil Medvedev, 25 anos, na final do Torneio Aberto da Austrália. Com 21 vitórias em campeonatos do chamado Grand Slam, Nadal superou Roger Federer e Novak Djokovic, ambos com 20 – o sérvio era o favorito, mas por se recusar a tomar vacina contra a Covid-19 foi impedido de disputar a competição em Melbourne

“Não há mais espaço para ações contra o regime democrático.”

LUIZ FUX, ministro que preside o STF, ao abrir os trabalhos de 2022, ano de eleições

MARTIN KEEP/AFP

“Eles soltaram os cachorros da homofobia, do machismo, do racismo e do preconceito.”

FAFÁ DE BELÉM, a cantora “oficial” das Diretas Já e da escolha de Tancredo Neves pelo Colégio Eleitoral, em 1985, ao descrever o governo de Jair Bolsonaro

“Quero ser o homem que acabou com a pandemia.”

MARCELO QUEIROGA, ministro da Saúde, em laivo de exagerada autossuficiência

“Nós prestaremos continência a qualquer comandante supremo das Forças Armadas, sempre.”

CARLOS DE ALMEIDA BAPTISTA JR., comandante da FAB, induzido a dizer o que faria caso Lula seja eleito presidente da República em outubro

“Tem homem que não aguenta quando a mulher é independente.”
ANITTA, cada vez mais independente

“Os homens se tornaram descontroladamente feminizados.”
SEAN PENN, em tom machista

“Estar bem informado, ser ajudado a entender as situações com base em dados científicos, e não em notícias falsas, é um direito humano.”
PAPA FRANCISCO, em uma conversa com representantes da imprensa católica da Itália

“A sensação foi de morte. Ver aquilo me cortou o coração. Era uma facada no meu coração.”
LOTSOVE LOLO LAVY IVONE, mãe do congolês Moïse Kabagambe, espancado até a morte, aos 24 anos, no dia 24 de janeiro, em um quiosque de praia no Rio

“Tivemos uma semana praticamente sem nada feito. A partir da mobilização da sociedade e da imprensa o inquérito andou e já existem pessoas presas.”
ÁLVARO QUINTÃO, presidente da Comissão de Direitos Humanos da OAB-RJ

INSTAGRAM @ANITTA

FERNANDO SCHÜLER

O DIREITO DE DIZER "NÃO"

"AINDA NÃO estamos maduros para essa questão aí", tascou Bolsonaro, sobre o projeto da volta dos cassinos no Brasil, que deve ir à votação no Congresso. Me lembrei da dona Santinha, mulher do ex-presidente Dutra. Segundo consta, foi ela, muito carola, que assoprou no ouvido do marido, em 1946, que os cassinos tinham de fechar. "Manda fechar, Eurico, aquilo é só imundície." Foi o que ele fez. Hoje, quem quer arriscar na roleta pode ir a Livramento e cruzar a fronteira com o Uruguai, onde o povo já amadureceu, ou jogar pela internet, ou ainda fazer uma fezinha no bicho, em algum ponto de Copacabana, onde ninguém incomoda ninguém com essa história de imaturidade.

Caso parecido é o do voto obrigatório. Tempos atrás li um ministro do STF dizendo que "ainda somos uma democracia jovem" e que falta não sei quanto tempo para dar ao nosso cidadão-adolescente a escolha de votar ou deixar de votar. Me surpreendi. De onde vem essa ideia? Já votamos vinte vezes desde a redemocratização, fizemos dois plebiscitos e vamos para nossa nona eleição presidencial. Vamos sair exatamente quando da puberdade política?

Meu caso preferido é o do FGTS. O governo diz: "Vocês têm de ter uma poupança forçada, caso perderem o emprego". E logo: "Mas quem vai administrar o dinheiro somos nós". Dia desses fui ver o resultado. Alguém que colocou 250 reais por mês, no ano 2000, teria 76 000, pelo FGTS, no fim de 2016. Com a remuneração da Selic, em papéis que os bancos oferecem por aí, teria 166 000 reais. O governo tungou 90 000 da "poupança forçada" de nosso pacato cidadão.

BHCRJ

"MANDA FECHAR" Cassinos nos anos 1940: dona Santinha fez cara feia

Mas tudo bem. Somos "hipossuficientes" para escolher, não é mesmo? Estes dias alguém me retrucou que não era bem assim, que a taxa de 3% tinha sido boa nestes dois últimos anos, quando os juros estavam perto de 2%. Legal, pensei. O trabalhador fica rezando para o juro cair. Se ficar abaixo de 3%, comemora assando umas costelas. Neste ano, com a Selic a mais de 10%, deu zebra. Melhor dobrar a reza para 2023.

A última onda do paternalismo nacional é "banir o Telegram". "Se não fizer, vai ser um show de *fake news*", leio em uma reportagem. Em outra, leio que o ministro Barroso vai conversar com seus colegas para ver o que fazer. Não acredito nisso. Fico imaginando a conversa: "Tem 50 milhões de brasileiros lá", metade enganando, metade sendo enganada, temos de proteger essa gente toda". Brasileiro é assim, não sabe distinguir entre o falso e o verdadeiro, não sabe quem está ameaçando a democracia, se há risco nas urnas eletrônicas, se a Terra é plana, se tem déficit na Previdência. Tem de controlar, não tem jeito. O mais curioso é a naturalidade com que se discute o assunto. "Tem de achar uma saída jurídica para banir isso, senão vão achar que foi censura política." Foi a melhor que eu li.

Há quem diga que nossa tradição paternalista vem dos tempos da Colônia, do Estado que chegou antes da sociedade, neste imenso continente. Tradição que seguiu, na República dos coronéis, e logo em nossas duas grandes ditaduras, e impregnou nossas leis, nossa Constituição exaustiva, nossos hábitos políticos. Há quem debite tudo à desigualdade. À massa de despossuídos, que corre atrás da sobrevivência, que não faz lobby em Brasília, não tem tempo para abstrações em torno do "estado de direito", nem força para dizer não a qualquer coisa que venha de cima. Não sei dar a resposta precisa a essa questão. O fato é que a liberdade, o rigor com os direitos individuais, o zelo pelo "contribuinte", essa figura estranha, ficaram distantes da equação do poder.

A impagável Deirdre McCloskey culpa os economistas. Esses tipos "obcecados em oferecer conselhos utilitários, que em geral não dão a mínima para a liberdade". No fundo é isso que

■ *Os textos dos colunistas não refletem necessariamente as opiniões de* VEJA

há em comum nos exemplos que mencionamos. Tira a liberdade do sujeito decidir o que fazer com seu dinheiro que o país vai crescer mais rápido; tira a opção de usar esta ou aquela rede social que vai ser melhor para a democracia. A melhor: tira a liberdade de os pais escolherem a escola dos filhos que vai ser ótimo para a educação. Há algo muito errado aí. Governos deveriam focar em garantir o básico. Direitos fundamentais, incluindo acesso a educação, saúde, renda mínima, e o principal: a igualdade de todos diante da lei. Isso está inscrito desde muito em nosso contrato político.

O que não está é essa migração malandra do Estado de direito para o Estado-babá. A brutal diferença entre um governo que garante um vale-creche para uma mãe de menor renda escolher onde colocar o filho (como faz a dona da casa onde ela trabalha), e um governo que diz: "A creche que você vai colocar é na rua tal, número tal, e o que você acha ou deixa de achar não está em questão".

"A liberdade individual deve estar no centro da equação política"

Vai aí o abismo civilizacional brasileiro. Tem um país feito de gente que pode achar alguma coisa e no fim dizer "não". Que vai ao mercado se defender da precariedade do Estado e seus serviços. E tem outro que não pode. Que vive numa pré-modernidade, numa cidadania pela metade, que gostamos de empurrar para baixo do tapete.

Por vezes isso adquire dimensão trágica. É o caso da Betina, lá de Cruz Alta, no meu Rio Grande do Sul. Betina começou a vomitar e passar mal no domingo depois do Natal. O Rodrigo e a Catiele, seus pais, levaram-na à Unidade de Pronto Atendimento (UPA) do SUS. Entre idas e vindas, só na quinta a Betina foi transferida para o hospital, o que não adiantou muita coisa. Ela precisava de diálise, precisava de uma cirurgia, era fim de ano, não havia profissionais lá para fazer isso. Betina ficou esperando numa cama, a infecção tomando conta, os pais em desespero. E ela indo embora desta vida, enroscada na burocracia do SUS. No sábado à tarde, enquanto o país comemorava o início do novo ano, Betina se foi. Ela só tinha 2 anos e 10 meses.

Se foi porque não tinha escolha. Era a UPA ou nada. Era o "sistema único", que deveria ter evitado que ela se fosse, ou coisa nenhuma. Fosse filha de classe média, com um plano de saúde razoável, os pais tiravam de lá na segunda meia hora. Betina se foi porque nosso Estado faz-tudo não fez o mínimo que devia ter feito.

O fato é que fomos nos acostumando. Lemos as histórias tristes do SUS, da escola pública, os números do FGTS, a invasão de nossos direitos à expressão, e vamos dando de ombros. Em parte, porque nunca é bem com a gente; em parte, porque quem paga a maior parte da conta, em regra os mais pobres, não tem força para interferir no jogo. É assim que o fantasma de dona Santinha vai fazendo seu trabalho: a indiferença dos de cima, o silêncio dos de baixo.

O caminho para mudar essas coisas não é fácil, mas sua direção me parece bastante clara: colocar a liberdade individual no centro da equação política brasileira. Garantir às pessoas o direito mais elementar, negado ao Rodrigo e à Catiele, de dizer "não". Ele é, no fundo, o melhor antídoto à prepotência do Estado. A melhor bússola para dizer a que distância andamos de uma boa sociedade liberal. ■

Fernando Schüler é cientista político e professor do Insper

SOBEDESCE

SOBE

AUTOTESTE
Depois da liberação dos exames de Covid que podem ser feitos em casa, a Anvisa recebeu o primeiro pedido de registro de um importador, última etapa para o início da venda por aqui.

DOLCE & GABBANA
Até o fim deste ano a marca de luxo promete deixar de usar peles de animais em todas as suas coleções.

VINHO
Segundo estudo de pesquisadores do Hospital Shenzhen Kangning, na China, o consumo regular da bebida pode proteger o organismo contra a infecção do novo coronavírus.

DESCE

MILTON RIBEIRO
A PGR denunciou o ministro da Educação por homofobia devido a uma entrevista na qual relacionou a homossexualidade a "famílias desajustadas".

JOÃO DE DEUS
O médium, que cumpre pena em prisão domiciliar, recebeu a quinta condenação, por crime cometido contra uma mulher em 2018.

SPOTIFY
A empresa perdeu 2 bilhões de dólares em valor de mercado depois que astros como Neil Young retiraram músicas da plataforma de streaming, em protesto contra a veiculação de conteúdos negacionistas no app.

Desta vez, passou

Jair Bolsonaro seguiu o conselho de dois ministros do STF ao não bater em **Alexandre de Moraes** nessa questão do depoimento. Se atacasse, alertaram, o presidente fortaleceria o ministro porque obrigaria a Corte a defendê-lo.

Bola fora

Moraes, de fato, dividiu opiniões no STF com sua última canetada. “Não podemos dar a Bolsonaro o discurso de vítima de abusos”, diz um ministro.

Mas vem mais por aí

Bolsonaro poupou Moraes, mas vai bater no STF durante a campanha. Pesquisa em poder do Planalto mostra que a popularidade dele sobe quando explora as contradições da Corte.

FELLIPE SAMPAIO/SCO/STF

RACHA Moraes: ordem contra Bolsonaro divide opiniões de colegas no STF

Ele gosta de confusão...

Na reunião que teve com Braga Netto e os comandantes militares, Bolsonaro voltou a tratar da segurança das urnas eletrônicas. O documento do Exército enviado ao TSE, com críticas ao sistema, é a nova obsessão do presidente.

...e teorias alucinadas

Arthur Lira tentou de novo convencer Bolsonaro a tomar a vacina. Uma pesquisa mostra que 65% dos bolsonaristas querem o presidente vacinado. Bolsonaro não quis nem saber.

Missão dada

Em conversas com amigos, Walter Braga Netto já fala como futuro vice de Bolsonaro: “Tô pronto para ajudar o Brasil, o governo e o presidente”.

Me inclua fora dessa

Sergio Moro desistiu do União Brasil por medo de... Gilmar Mendes. “Moro viu que poderia cair numa arapuca e ficar sem legenda”, diz um aliado.

Diz que eu não estou

Michel Temer tentou falar com Bolsonaro nessa crise com Moraes. O presidente ignorou os telefonemas.

Vamos aguardar

Com a transferência, para maio, da eleição da lista de desembargadores candidatos ao STJ, a ala lulista do tribunal começou a trabalhar para que a escolha fique para o próximo presidente.

O infiltrado

Numa reunião com Gleisi Hoffmann, Carlos Siqueira tratou Marcelo Freixo como espião petista no PSB. “Pedimos apoio do PT em cinco estados (ES, RS, SP, RJ e PE). Vocês só aceitaram até agora no Rio, onde, no fundo, o candidato não é nosso, é de vocês.”

Cartas marcadas

No Maranhão, Flávio Dino vai filiar o vice, Carlos Brandão, ao PSB e formar uma aliança com PT e PCdoB. O movimento isola Weverton Rocha, do PDT, que também mira o governo estadual.

Inteiraço

Foi só deixar a prisão que Roberto Jefferson melhorou de saúde. No sítio onde descansa, no interior do Rio, está até dando socos num boneco careca desses de boxe.

Que vergonha

Investigada no STF por racismo, **Bia Kicis** admitiu à Polícia Federal a autoria de postagens em que usou fotos de Moro e Mandetta pintados de preto para atacar o programa de inclusão racial do Magazine Luiza, em 2020. “A ideia foi fazer uma piada”, disse. Augusto Aras, que não achou graça, avalia denunciar a deputada.

ROBSON BONIN

Com reportagem de Gustavo Maia, Laísa Dall'Agnol e Lucas Vettorazzo

Não é impossível

Lula disse a um cacique do MDB no Nordeste que não acredita na candidatura de Ciro Gomes. O PDT, segundo o petista, estará com ele na campanha.

Cota pessoal

Bolsonaro vai colocar o chefe de gabinete dele, Célio Faria, no lugar de Flávia Arruda, quando a ministra deixar o governo para disputar a eleição.

O braço direito

No lugar de Tarcísio de Freitas na Infraestrutura, quem vai assumir é o secretário-executivo, Marcelo Sampaio. Isso, claro, se o Centrão deixar.

Viagem insana

A ida de Bolsonaro à Rússia dividiu o governo. O chanceler Carlos França defende a visita. Já Paulo Guedes disse a Bolsonaro que a agenda é uma "fria" e um "gol contra" o projeto do governo de entrar na OCDE.

PAULO SERGIO/CÂMARA DOS DEPUTADOS

ABSURDO Kicis: ela admitiu, em depoimento, autoria de post racista

"Pior hora possível"

Guedes também ponderou com França sobre a falta de visão do Itamaraty. "É a pior hora possível. Imagina se o Putin resolve invadir a Ucrânia com o presidente ao lado", disse. França assumiu o risco *(veja a reportagem na pág. 24).*

Era só o que faltava

Não contente em se meter na confusão da Rússia, Bolsonaro autorizou Damares Alves a viajar ao Oriente Médio para negociar parcerias com Israel e Palestina na Faixa de Gaza.

Agora vai, prometo

Num almoço com Guedes, Rodrigo Pacheco culpou a CPI da Pandemia por ter tirado o protagonismo do Senado na reforma tributária. Segundo Pacheco, agora vai.

Disputa bilionária

A EDP retirou a exclusividade da Votorantim na negociação de três usinas no Brasil: Santo Antônio do Jari (AP), Cachoeira Caldeirão (AP) e Mascarenhas (ES). O negócio de 3 bilhões de reais já tem três novos interessados.

No verão passado

Guido Mantega vai depor em abril na ação que apura corrupção no BNDES. Delator, Joesley Batista também falará das propinas pagas ao ex-ministro e ao ex-chefe do banco Luciano Coutinho.

Jogo forte

Bolsonaro diz que é contra o projeto do marco dos jogos de azar, em tramitação na Câmara, mas liberou a Casa Civil a redigir um texto para regulamentar o mercado de apostas on-line no país. O lobby das grandes plataformas falou mais alto.

INSTAGRAM @MAIRACARDI

PROCURA-SE Maíra: a Justiça quer notificar a ex-*BBB* de uma dívida

Tudo novo

Em reuniões internas na Fiesp, Josué Gomes tem dito que está muito próximo de João Doria e de Rodrigo Garcia. Doria vem a ser o maior inimigo de Paulo Skaf, antecessor de Josué.

Por onde anda?

Com milhões de seguidores e uma vida de luxo nas redes, a ex-*BBB* **Maíra Cardi** é alvo, ao lado de dois irmãos, de uma ação na Justiça por dívidas de condomínio na casa de 62 000 reais. A Justiça tenta notificá-la há meses. ■

Aponte a câmera do celular para o QR code ao lado para ler notas diárias e exclusivas dos bastidores de Brasília. Todo assinante de VEJA tem acesso ilimitado. Basta se logar.

LEIA MAIS NO SITE DE VEJA

DESATINO DIPLOMÁTICO

Bolsonaro mantém a disposição de viajar à Rússia apesar de a agenda ser potencialmente prejudicial à imagem internacional, às relações comerciais e aos interesses do país

LETÍCIA CASADO

ERALDO PERES/AP/IMAGEPLUS

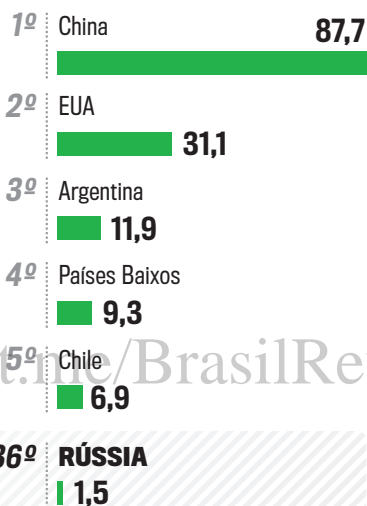
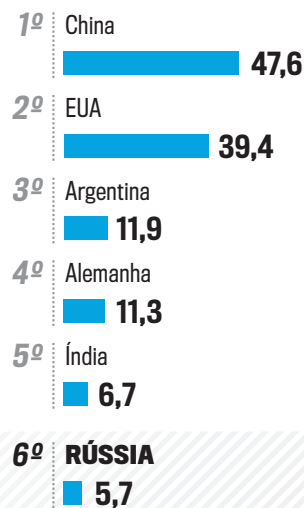
A política externa nunca foi um ponto forte do governo de Jair Bolsonaro. Representante da outrora poderosa ala ideológica, Ernesto Araújo, o primeiro chanceler nomeado pelo presidente da República, tinha orgulho da condição de pária internacional a que submetera o Brasil. O próprio mandatário e seus assessores também contribuíram para arranhar a imagem do país no exterior, especialmente ao adotarem uma postura negacionista em relação ao desmatamento da Amazônia e à pandemia do novo coronavírus. Preocupado com o desgaste de sua administração, o presidente até reduziu a participação dos radicais em sua equipe e, a pedido de aliados do Congresso, mudou o comando do Itamaraty, substituindo Ernesto Araújo pelo discreto embaixador Carlos Alberto França. A troca reduziu as caneladas da diplomacia nacional, mas não foi capaz de deter todos os desatinos do governo e, principalmente, de Bolsonaro. O mais recente deles é a intenção do presidente de fazer uma visita oficial em fevereiro à Rússia, país que ameaça invadir a Ucrânia e está em pé de guerra com a aliança militar do Ocidente e os Estados Unidos, o segundo maior parceiro comercial do Brasil.

Conhecido por distribuir descortesias gratuitas a outros líderes mundiais, como o francês Emmanuel Macron, Bolsonaro anunciou em dezembro que viajaria para um encontro com o presidente russo Vladimir Putin a fim de incrementar as relações comerciais entre os dois países e a importação de fertilizantes pelo agronegócio brasileiro. "Eles têm suas deficiências, nós temos aqui também. Vamos aprofundar esse relacionamento",

TRAPALHADA Putin e Bolsonaro: o presidente russo pode usar a visita como prova do apoio brasileiro

ELES GANHAM, A GENTE PERDE

No ano passado, a balança comercial brasileira fechou com superávit de 61 bilhões de dólares. Entre os principais destinos de nossas exportações estão China e Estados Unidos. Já a Rússia não figura nessa relação

(valores em bilhões de dólares)

PAÍSES QUE MAIS EXPORTAM BENS PARA O BRASIL

Fonte: *Ministério da Economia*

PEDRO LADEIRA/FOLHAPRESS

COMITIVA DE FARDA Heleno e Braga Netto: o presidente só quer a companhia de ministros militares na missão oficial

afirmou o presidente na ocasião. “Uma viagem dessas é sempre inesquecível.” De fato, o giro, se for mantido, tem tudo para se tornar inesquecível, mas por suas consequências negativas para o Brasil. Desde o ano passado a Rússia tem deslocado tropas para a fronteira com a Ucrânia, antigo território da União Soviética que ameaça invadir. Já há mais de 100 000 soldados russos na região, que fazem exercícios militares com o objetivo de intimidar a Ucrânia e interromper suas negociações para entrar na Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan), aliança militar do Ocidente criada após a II Guerra Mundial. A tensão regional ganhou escala global porque os ucranianos têm a promessa de apoio dos Estados Unidos, que no início da semana anunciaram o envio de mais 3 000 soldados para bases na Europa Oriental *(leia a matéria na pág. 50).*

Mantida a viagem, Bolsonaro se colocará voluntariamente no meio de uma disputa entre dois gigantes mundiais. Pior: o presidente corre o risco de, ao se encontrar com Putin, passar o recado de que o Brasil se alinha à Rússia na contenda. Não é boa ideia sob nenhum ponto de vista, principalmente o econômico. Os Estados Unidos — que hoje são o segundo principal parceiro comercial do Brasil, considerando exportações e importações, enquanto a Rússia ocupa a 16ª colocação *(veja o quadro na pág. 25)* — já fizeram chegar ao Itamaraty seu desconforto com a possibilidade de Bolsonaro insistir na agenda com Putin. “Não conheço na história da diplomacia uma viagem tão inoportuna como esta”, diz Rubens Ricupero, diplomata de carreira que já ocupou os cargos de embaixador do Brasil em Washington e de subsecretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU). De acordo com Ricupero, a viagem à Rússia, se ocorrer, superará qualquer desatino diplomático já cometido na gestão Bolsonaro. “Até então, os erros só repercutiam no Brasil, não havia repercussão mundial. Ninguém prestava atenção no que Bolsonaro fazia ou deixava de fazer com a Argentina, nas declarações sobre *(o ditador chileno Augusto)* Pinochet ou a Venezuela. Passavam despercebidas. Mas essa viagem não. Dada a gravidade da situação na Ucrânia, ninguém compreenderá por que ele vai para lá neste momento.”

Apesar de seu notório alheamento em determinados assuntos, Bolsonaro mostrou ter consciência dos riscos que ele e o país correm. Na última segunda-feira, o presidente lembrou numa entrevista que o Brasil é pacífico e, em uma tentativa de erguer um cordão de isolamento imaginário, afirmou que não tratará da tensão envolvendo Rússia, Ucrânia e Otan. “Obviamente, se esse assunto vier à pauta, será pelo presidente russo, não pela nossa parte. Queremos é cada vez mais integrar com o mundo todo na relação comercial e poder colaborar, no que for possível, para a paz mundial.” Quando assumiu a Presidência, Bolsonaro dizia que teria como parceiro preferencial os Estados Unidos. É bem verdade que, naquela época, os americanos eram governados por Donald Trump, a quem o ex-capitão fazia de tudo para emular. Os tempos e as justificativas agora são outros. “Temos necessidade de fertilizantes, pois grande parte de nossas reservas de fosfato está em áreas de preservação ambiental, o que impossibilita o uso delas, e carecemos de importação. E o Brasil pode fazer negociação grande de combustível, petróleo e gás natural com a Rússia ”, afirma o deputado David Soares (DEM-SP), presidente da Frente Parlamentar Brasil-Rússia e aliado de Bolsonaro.

ARTHUR MAX/AIG-MRE

ALERTA Ricupero: a viagem de Bolsonaro à Rússia é especialmente inoportuna

A análise do parlamentar peca ao desconsiderar que a viagem não tem um aspecto só comercial. Muito pelo contrário. O ex-embaixador Sergio Amaral destaca que Brasil e Rússia têm relação antiga e fazem parte do Brics, grupo que reúne ainda China, Índia e África do Sul. Em outras situações, uma missão oficial seria algo natural, mas não em meio a uma tensão que pode resultar em guerra. “Nesta circunstância é difícil evitar que essa visita seja interpretada como um gesto de simpatia e até solidariedade com Moscou”, diz Amaral. Já Rubens Barbosa, ex-embaixador em Washington e Londres, alerta para o fato de que o Brasil pode acabar se envolvendo, ainda que involuntariamente, numa disputa que não lhe diz respeito: “O risco existe. Imagina que Bolsonaro está em Moscou, e a Rússia ataca a Ucrânia. A visita pode ser interpretada como apoio”. Barbosa lembra de uma regra básica: sempre que possível, o país precisa manter equidistância das contendas externas para resguardar os próprios interesses.

No início do ano, o Brasil assumiu uma cadeira não permanente no Conselho de Segurança da ONU. Se a questão das tropas na fronteira com a Ucrânia entrar na pauta, o país terá de se posicionar sobre o tema. Isso, por si só, deixa o Brasil mais exposto internacionalmente. A viagem de Bolsonaro agravará essa exposição, quando a meta é justamente reduzi-la. Por enquanto, a agenda está mantida e prevalece no entorno presidencial a alegação de que o cancelamento poderia ser interpretado pelos russos como uma descortesia e implicar o esvaziamento de acordos e transações bilaterais. “É uma armadilha para a imagem externa de Bolsonaro, que se notabilizou pela crítica a Joe Biden (presidente dos Estados Unidos) e por certo tom de enfrentamento às organizações internacionais, mas também uma armadilha para sua imagem interna. Para o grupo mais radicalizado que apoia o presidente, sucumbir às pressões do presidente democrata dos Estados Unidos é demonstração de fraqueza”, diz Guilherme Casarões, professor da FGV e especialista em relações internacionais.

Em conversas reservadas, ministros e políticos do governo alegam que Bolsonaro deveria se concentrar na agenda interna, considerada essencial para sua reeleição, e não atravessar o mundo para pisar numa casca de banana em outro continente. O presidente não parece disposto a mudar de ideia. Na sua comitiva, por enquanto, não haverá vaga para os ministros políticos, mas apenas para os ministros militares, como Augusto Heleno e Braga Netto. Até nisso a viagem causa estranheza. ■

UM RETORNO INCÔMODO

José Dirceu articula apoio de antigos rivais do PT, mas sua volta à cena após três condenações e temporadas na prisão gera constrangimentos a Lula **BRUNO RIBEIRO E TULIO KRUSE**

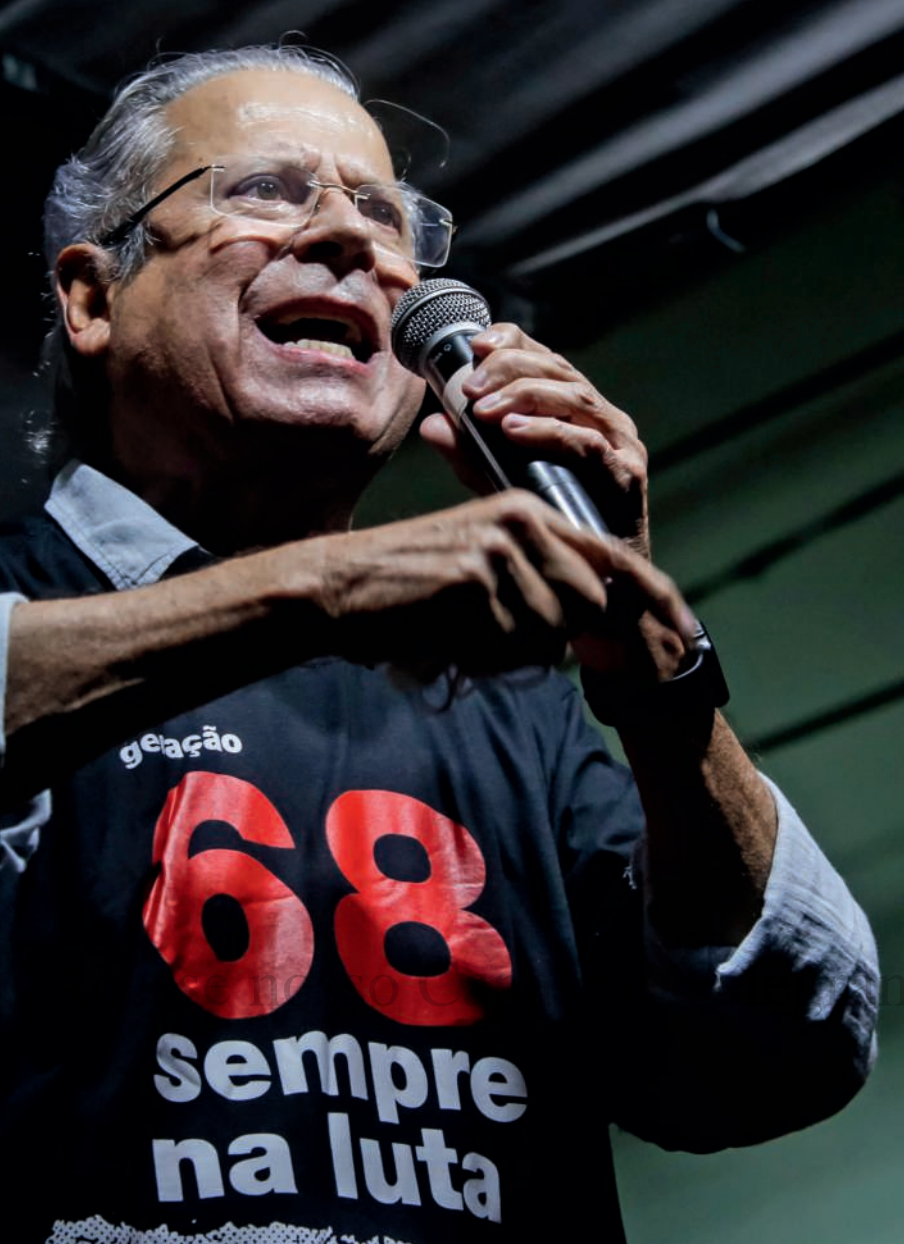
CIENTE de que qualquer erro pode ser fatal, o ex-presidente Lula tem sido muito cuidadoso na construção de sua candidatura, hoje a favorita disparada nas pesquisas. Ele dá a última palavra nas decisões de campanha (sua palavra sempre se impõe à vontade do PT) e está à frente de todas as principais negociações com vistas a engordar seu palanque na corrida ao Palácio do Planalto. No partido, só uma pessoa vem fazendo contatos políticos sem a autorização expressa do chefe. O companheiro, aliás, tem se movimentado bastante e com desenvoltura impressionante para quem era dado como acabado depois de condenações na Justiça e temporadas na prisão. Ex-ministro da Casa Civil no primeiro governo Lula e ex-presidente do PT entre 1995 e 2002, José Dirceu, o personagem em questão, articula, com apetite renovado, conversas nos bastidores com membros insatisfeitos de siglas rivais e com ovelhas desgarradas ainda sem destino partidário.

Trata-se de um movimento que gera óbvio incômodo nas agremiações, mas que também preocupa o próprio PT, pelo fato de trazer à tona um personagem muito atrelado a um passado que o partido não gosta de lembrar. Os tucanos insatisfeitos com a vitória de João Doria nas prévias do partido à Presidência estiveram entre os alvos principais das investidas de Dirceu nos últimos meses. São nomes como os dos ex-senadores Aloysio Nunes Ferreira, José Anibal e Arthur Virgílio, ou de políticos que já anunciaram a intenção de deixar a sigla, como o ex-governador de Goiás Marconi Perillo. Mas os contatos vão além dos tucanos. Dirceu procurou ainda antigos caciques do MDB, como o ex-presidente José Sarney, o senador Renan Calheiros e o ex-emedebista Roberto Requião, que tenta viabilizar uma campanha para o governo do Paraná. Por ali, Dirceu buscou também diálogo com o governador Ratinho Jr. (PSD).

Dentro do sutil jogo de flertes políticos, no qual nem tudo é explicitado de imediato e as conversas iniciais servem mais para a sondagem de terreno, ninguém tocou claramente em alianças ou pedidos de declaração de apoio nas conversas com os tucanos. No caso de Aloysio, por exemplo, com quem Dirceu não conversava desde o impeachment de Dilma Rousseff, o encontro teve uma parte de sessão de nostalgia do início da vida política de ambos, nos anos 60. Com Anibal, as amenidades deixaram a impressão de que Dirceu buscava garantir a existência de uma relação institucional entre os caciques. "Lula sabe que tão importante quanto vencer é poder governar", afirma o

TÁTICA Dirceu: diálogo aberto com tucanos que se opõem à candidatura de João Doria

AGÊNCIA SENADO

RUÍDO Roberto Requião: ciúme de Ratinho Jr. por aproximação a rival

ALICE VERGUEIRO/FOLHAPRESS

ex-senador. Entre a equipe de campanha de João Doria, a movimentação é vista como um gesto para isolar o tucano dos membros históricos do partido, com quem o governador paulista tem uma relação desgastada — a exceção é o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, que, reiteradas vezes, reafirma seu apoio a Doria.

Nesse périplo, a pauta para a aproximação de Dirceu com Renan foi bem mais explícita e serviu para tentar acelerar o que parece inevitável num futuro próximo. O senador do MDB não esconde sua preferência por uma aliança com Lula, caso seu partido não viabilize a candidatura da senadora Simone Tebet à Presidência. Detalhe: talvez ele seja surpreendido com um acordo entre seu partido e o PSDB. “Converso e tenho boa relação com todos. Conversei por telefone com Lula no fim do ano passado, com alguns que estiveram aqui em Alagoas e sempre converso com ele”, afirmou Renan a VEJA. Evidentemente, nem todas as investidas do petista foram bem recebidas. Quando Roberto Requião soube que Dirceu havia procurado também Ratinho Jr., contra quem ele deve disputar a eleição no Paraná, saiu criticando publicamente o petista. “Fiquei meio espantado com isso, mas depois me explicaram que ele gosta de parmigiana e eu não teria para oferecer”, ironiza Requião, bem ao seu estilo provocador.

A estratégia de Dirceu ao procurar esses encontros coincide com a da campanha de Lula. Integrantes da cúpula do PT sabem que é preciso caminhar em direção ao centro contra Jair Bolsonaro (o convite para Geraldo Alckmin ser o vice do partido é o sinal mais transparente disso) e contra o crescimento de uma terceira via. Mas

CRISTIANO MARIZ

ALVOS Renan e Aloysio: tentativa de ampliar ao centro a rede de apoios do ex-presidente

ERALDO PERES/AP/IMAGEPLUS

PASSADO Com Lula, nos tempos de glória da velha parceria: o candidato faz hoje vistas grossas à movimentação de Dirceu

a avaliação é que Lula tem condições de fazer por conta própria essas articulações, sem a necessidade de acionar o polêmico aliado. De acordo com interlocutores do líder petista, o ex-presidente acompanha a movimentação de Dirceu e tem se incomodado porque esse voo-solo ocorre sem a devida prestação de contas. Para piorar, Dirceu sempre deixa a impressão de que ele tem autoridade para falar em nome de Lula (o que não seria verdade). Nenhum integrante do núcleo duro da campanha, no entanto, aposta que o chefe irá desautorizar o ex-auxiliar, devido a seu passado de lealdade nos piores momentos do partido. Na corrida eleitoral deste ano, Lula queria que Dirceu trabalhasse junto aos militantes de base — e longe dos holofotes.

O apelo para uma atuação política bem mais discreta faz sentido, com base em uma avaliação de que a lembrança de ligação entre Dirceu e Lula só traz desgaste à candidatura. Condenado duas vezes no mensalão (em uma delas, conseguiu absolvição após recurso) e duas vezes pela Lava-Jato por crimes como corrupção ativa e passiva, formação de quadrilha e obtenção de ganhos indevidos, Dirceu já foi preso quatro vezes e, diferentemente de seu chefe, não teve as sentenças anuladas — ele ainda pode voltar à prisão após a análise de seus recursos pelo Supremo Tribunal Federal. Suas penas, somadas, resultam em mais de trinta anos de prisão.

MARCOS OLIVEIRA/AGÊNCIA SENADO

PRAGMATISMO Anibal: petistas já buscam assegurar governabilidade

Mesmo que a corrupção não seja o tema mais quente do debate eleitoral, a presença ativa de Dirceu na cena

política será um risco à imagem da campanha de Lula (ele próprio, aliás, sofrerá diversas pedradas em razão dos processos em que foi condenado). Os adversários do ex-presidente certamente vão lembrar dos esquemas do mensalão e do petrolão sempre que puderem — e as recentes reuniões de Dirceu com líderes de outros partidos só fornecem mais oportunidades para trazer esses assuntos à tona. “Lula vai ter de gastar energia para explicar o que aconteceu”, afirma o cientista político Carlos Pereira, da Fundação Getulio Vargas. “Ele já não vai conseguir escapar desse debate e vai ser confrontado não apenas por Sergio Moro, mas pelo próprio presidente Jair Bolsonaro, por Ciro Gomes e por Doria. Todos esses candidatos vão se utilizar estrategicamente dos escândalos bilionários em que o PT se envolveu e das condenações”, completa o especialista.

A bem da verdade, esse ponto da candidatura já tem sido explorado pelos rivais. Em um de seus últimos ataques aos petista, numa provocação certeira, Jair Bolsonaro afirmou que Dirceu voltaria à Casa Civil em um eventual governo do PT e que Dilma seria a ministra da Defesa. O ex-ministro teve de ir a público para desmentir (ainda bem que a ex-presidente, que pariu a pior recessão econômica da história, nem precisa fazer o mesmo). Em uma entrevista recente, Dirceu lembrou que petistas como ele ficaram muitos anos sem poder colocar os pés nas ruas — seja por manifestações desagradáveis das pessoas que os abordavam em locais públicos, seja por cumprimento de penas na cadeia. Ele sofreu na carne as duas situações. Agora está de volta, mesmo que isso gere incômodos e constrangimentos em seu próprio partido. ■

O INEVITÁVEL MAL-ESTAR DA POLÍTICA

Narrativas radicais e falsas expectativas geram esse sentimento

A POLÍTICA causa mal-estar. Por isso, para muitos, ela é desprezível. O mal-estar na política se confirma pela elevada desaprovação dos políticos entre a população, o que tende a se amplificar com a divulgação de narrativas antipolíticas por parte de quem não está no poder.

Identificamos, pelo menos, dois polos na questão: o cidadão insatisfeito e o oposicionista que deseja o lugar de quem está no poder. Entre os cidadãos, as origens desse mal-estar relacionam-se a três aspectos fundamentais: as elevadas expectativas que nutrimos em nossa vida; a incapacidade da sociedade e do Estado de atender a elas; e a transferência a outros de nossa responsabilidade por nossas escolhas e eventuais fracassos.

Nos dias de hoje, uma elevada expectativa é posta como fato consumado já ao nascermos, pois a Constituição nos assegura diversos direitos. Por exemplo, direito à educação, à saúde, ao trabalho, à Previdência Social, ao lazer, à segurança, à proteção à maternidade, à infância e a desamparados. Contudo a maioria desses direitos não é efetivamente garantida pelo Estado.

“A maioria dos direitos assegurados pela Constituição não é garantida pelo Estado”

Em sua mordaz e pertinente crítica à Carta Magna de 1988, o economista Roberto Campos menciona que “a palavra ‘produtividade’ só aparece uma vez no texto constitucional; as palavras ‘usuário’ e ‘eficiência’ figuram duas vezes; fala-se em garantias 44 vezes e, em direitos, 76 vezes, enquanto a palavra “deveres” é mencionada apenas quatro vezes.”

Assim, cria-se uma expectativa impossível de ser alcançada, já que a Constituição estabeleceu metas sem a devida preocupação de indicar os meios para que a sociedade se torne suficientemente produtiva a ponto de poder financiar o Welfare State imaginado. O resultado é a frustração.

O mal-estar também decorre da tendência do ser humano de terceirizar a responsabilidade diante do próprio fracasso ou das próprias pretensões não concretizadas. Sem responsabilidades sobre nossas expectativas, é cômodo transferir a outros a culpa por eventuais derrotas. Uma sociedade injusta e desigual como a nossa transforma essa tendência humana em algo quase inevitável. Como disse Jean-Paul Sartre, “o inferno são os outros”.

Nesse ponto, cabe uma analogia com o questionamento de Freud sobre a cultura: seríamos mais felizes se desistíssemos da política e retornássemos às condições primitivas? Creio que não. Primeiro, porque, mesmo que a humanidade recomeçasse do zero, a política faria parte dessa reconstrução. A política existiria em qualquer estágio da humanidade por causa das relações que se estabelecem entre famílias, clãs, tribos e nações. Segundo, porque ainda não foi inventado nada melhor que o processo político para mediar conflitos, criar instituições e reduzir os riscos inerentes à convivência entre seres humanos.

A inevitabilidade da política nos leva à conclusão de que o mal-estar causado por ela também é inevitável, já que resta impraticável atender às expectativas formalizadas na Constituição em um ambiente de elevada desigualdade como o nosso. De acordo com o filósofo Mario Sergio Cortella, somos “seres de insatisfação”. Sobretudo em meio a narrativas antipolíticas e radicais alimentadas por quem deseja ou quer conservar o poder. De nossa parte, como seres de insatisfação, continuaremos a desejar muito e a nos responsabilizar pouco por nossas escolhas e seus resultados. ■

A FÉ QUE MOVE CAMPANHAS

O Congresso está prestes a retirar as amarras da busca de votos em igrejas, o que deve acirrar a disputa pelo apoio dos evangélicos **LETÍCIA CASADO** E **RAFAEL MORAES MOURA**

SERMÃO Eduardo: o deputado ensaiou em igreja nos EUA o discurso que será entoado aos fiéis no Brasil

NA NOITE de 26 de janeiro, o pastor André Valadão, que tem mais de 10 milhões de seguidores nas redes sociais, convidou o deputado federal Eduardo Bolsonaro (PSL-SP) ao púlpito de sua igreja evangélica em Orlando, nos Estados Unidos. Em frente a um telão com uma foto do parlamentar, os dois lamentaram a morte do escritor e guru bolsonarista Olavo de Carvalho, ocorrida no início daquela semana. Um dos principais responsáveis pela articulação do presidente da República com o eleitorado conservador, o Zero Três falou durante uma hora e meia aos presentes. Na pregação, declarou que nenhum cristão pode ser socialista, associou o PT às ditaduras de Cuba, Coreia do Norte e Venezuela e, ecoando as teses preconceituosas de seu pai, afirmou que os homossexuais são massa de manobra da esquerda para atacar a família tradicional. Apesar do discurso político, Eduardo tentou posar de desinteressado. "Poxa, vou lá na igreja, será que o pessoal vai ficar achando 'olha lá, é mais um político aproveitador que vai querer enganar a população?'. Mas a gente está aqui a uns bons milhares de quilômetros do local onde as pessoas votam em mim", declarou.

De fato, Eduardo, eleito em 2018 pelo estado de São Paulo, estava distante de quem pode votar nele — apenas fisicamente, já que o culto foi transmitido ao vivo pela internet. Mas sua participação ali não foi em benefício próprio, e sim parte do projeto de reeleição de Jair Bolsonaro. No exterior, Eduardo comandou uma espécie de evento-teste, o treinamento de uma estratégia que será colocada em prática para garimpar votos em igrejas católicas e templos evangélicos durante a eleição de 2022. O plano do clã presidencial está desenhado e se divide em duas etapas. A primeira delas prevê a aprovação no Congresso de um projeto que promove um "liberou quase que geral" de campanhas dentro de igrejas e templos, ao assegurar aos candidatos o direito de comparecer a esses locais, usar a palavra e exibir vídeos de suas ideias, ficando proibidos apenas de pedir votos — de forma direta — a eles próprios. Um texto nesse sentido foi aprovado pela Câmara dos Deputados em setembro passado e deve ser votado em breve no Senado. Quando for sancionado, Bolsonaro e seus aliados pretendem deflagrar a segunda etapa do plano: comparecer principalmente a cultos evangélicos, pregar durante os eventos e, quando isso não for possível, apresentar vídeos aos fiéis com mensagens parecidas às difundidas por Eduardo em Orlando.

Aliada a Bolsonaro, a Igreja Universal do Reino de Deus já deu provas de que está comprometida com a empreitada e, no último dia 23, publicou um texto em seu site no qual afirma que "é impossível ser cristão e ser de esquerda". A aposta prioritária do presidente nos evangélicos tem razão de ser. O grupo foi fundamental para sua vitória em 2018, forma uma das principais bases de apoio a seu governo, tem uma bancada com mais de oitenta deputados federais e cresce na comparação com os católicos. Segundo o Datafolha, 31% dos eleitores são evangélicos. De acordo com o Censo, em 1980 apenas 6,6% da população se identificava com a religião. "Em outras eleições, o PT foi bem entre os evangélicos. Mas em 2018 cerca de 70% dos evangélicos votaram em Bolsonaro, o que equivale à diferença de 11 milhões de votos que garantiu a vitória dele no segundo turno", diz o demógrafo José Eustáquio Alves, professor aposentado do IBGE. "As pesquisas de agora mostram um retorno ao passado. Isso de dizer que o voto evangélico está com Bolsonaro não é mais verdade", acrescenta. O Datafolha corrobora essa análise ao mostrar que, em eventual segundo turno, 46% dos evangélicos optariam pelo ex-presidente Lula (PT) e 44% por Bolsonaro.

FACEBOOK @LAGOINHAORLANDOCHURCHOFICIAL

Caso tenha liberdade para fazer campanha nos templos, o presidente acha que pode reverter essa situação. Por isso, a aposta na mudança na legislação, que foi proposta sob a alegação de defender a liberdade de expressão. Hoje, com base nas regras em vigor, é comum adversários pedirem à Justiça Eleitoral punição a um determinado candidato quando ele participa de uma missa e divulga mensagens aos presentes. Em 2020, o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) tratou do tema ao analisar o caso da pastora Valdirene Tavares dos Santos, então vereadora do município de Luziânia (GO). Num discurso nas dependências de uma unidade da Assembleia de Deus, Valdirene discorreu sobre sua atuação na Câmara Municipal para cerca de quarenta jovens de 16 a 18 anos. Ela disse que travava uma "guerra espiritual tremenda naquele lugar" e pediu ajuda para continuar em sua missão. O Tribunal Regional Eleitoral de Goiás cassou a pastora e a declarou inelegível por "abuso de poder religioso". Valdirene, então, recorreu ao TSE, que anulou a cassação do mandato por unanimidade.

PABLO VALADARES/CÂMARA DOS DEPUTADOS

PÚLPITO Margarete: a relatora incluiu a liberação de discurso político nos templos

Na ocasião, mesmo sem ver provas contra a pastora, o relator do caso, ministro Edson Fachin, tentou emplacar uma tese que, se fosse aceita, puniria o abuso de poder religioso dali para a frente — e restringiria as campanhas em igrejas e templos. "A imposição de limites às atividades eclesiásticas representa uma medida necessária à proteção da liberdade de voto e da

própria legitimidade do processo eleitoral, dada a ascendência incorporada pelos expoentes das igrejas em setores específicos da comunidade", disse o ministro, que assume o comando do TSE no fim de fevereiro. Na prática, o projeto aprovado pela Câmara e à espera de votação no Senado tenta fechar as portas para qualquer interpretação na linha defendida por Fachin. A pretendida liberação de campanha eleitoral nas igrejas está embutida no projeto do novo Código Eleitoral, composto de 898 artigos que tratam de assuntos diversos, como a previsão de quarentena para juízes e policiais que queiram se aventurar nas urnas. A relatora na Câmara foi a deputada Margarete Coelho (PP-PI), colega de partido do presidente da Casa, Arthur Lira, e do ministro-chefe da Casa Civil, Ciro Nogueira, ambos entusiastas da reeleição de Bolsonaro.

Em seu relatório, Margarete também estipulou que sejam regidas pelas novas regras as universidades, onde o debate político e eleitoral já ocorre praticamente sem amarras. "O fato de um candidato entrar em uma igreja, ir à missa, comungar e até fazer a oração não é por si só abuso de poder. Existem centenas de ações judiciais no Brasil sobre isso. O que a gente está querendo é estancar essa sangria", afirma a deputada. Já o especialista em direito eleitoral Luiz Eduardo Peccinin — autor do livro *O Discurso Religioso na Política Brasileira: Democracia e Liberdade Religiosa no Estado Laico* — prevê mais confusão pela frente. "O projeto de lei dá um pretenso salvo-conduto para que o púlpito seja utilizado para fazer campanha eleitoral. É importante lembrar que o mesmo se aplica às universidades. Ainda que a preocupação com a censura seja legítima, a inclusão do dispositivo pode gerar mais confusão do que segurança, já que certamente a Justiça Eleitoral não deixará de agir nos casos concretos de abuso nessas situações."

DANIEL MARENCO/AG. O GLOBO

DIVERGÊNCIA Fachin: esforço para caracterizar abuso de poder religioso

CRISTIANO MARIZ

CARTILHA Benedita: os petistas apostarão as fichas no discurso econômico

Os candidatos, obviamente, estão mais preocupados em fazer campanha do que em debater sobre a devida aplicação do direito. E todos pretendem aproveitar a oportunidade de disputar votos em missas e cultos.

Líder das pesquisas de intenção de voto, o ex-presidente Lula, por exemplo, alega que os evangélicos não são um grupo unificado politicamente, o que tiraria de Bolsonaro a chance de ter o apoio de todas as lideranças do setor. O petista também acha que pode ganhar votos nesse segmento se — ao contrário do rival, que aposta no discurso conservador — falar sobre como melhorar a vida das pessoas, trabalhar com lideranças locais e focar na base evangélica de baixa renda. “Boa parte dos filiados e militantes do PT é evangélica e isso já cria várias pontes para o diálogo. Além disso, o maior fator de reaproximação da base evangélica e também de muitos pastores com Lula é a realidade social que nossos irmãos e irmãs estão passando. Para o povo que sofre calado, basta comparar a situação atual com sua vida durante o governo de Lula”, diz a deputada Benedita da Silva (PT-RJ). Em terceiro lugar nas pesquisas, Sergio Moro (Podemos) também tenta se aproximar desse grupo de eleitores e no dia 7 de fevereiro lançará uma carta de “princípios cristãos”. Enquanto candidatos e alguns líderes evangélicos negociam alianças eleitorais, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil mantém, até agora, distância regulamentar da disputa. A VEJA, a CNBB disse apenas que discute a elaboração de orientações para as eleições deste ano. Por maior que seja a tentação, nem todos estão dispostos a explorar a fé alheia na busca de votos. ■

RICARDO RANGEL

LULA NO PRIMEIRO TURNO?

Para conseguir governar, o petista terá de anular bolsonaristas

MANDETTA se inviabilizou rápido. Eduardo Leite tropeçou na prévia do PSDB. Doria está sendo abandonado pelo próprio partido. Ciro até hoje não encontrou seu caminho. Moro, após uma largada forte, estacionou. Simone Tebet é vista por alguns com esperança, mas é desconhecida do eleitorado e não une o próprio partido, o MDB, cuja parcela nordestina está com Lula.

Os meses passam e a terceira via não desencanta.

Lula tem lugar garantido no segundo turno e Bolsonaro, com 20% cristalizados, não sofre ameaça. Os petistas preveem vitória no primeiro turno, mas isso não aconteceu nem quando Lula estava no auge da popularidade, é improvável que aconteça agora. Se o cenário não mudar radicalmente, o petista deve vencer — mas só no segundo turno.

> **“O bolsonarismo fará uma oposição sistemática e desleal no Congresso, nas ruas e nas redes”**

Ganhar eleição, porém, é muito mais fácil do que governar, e governar o Brasil entre 2023 e 2026 será mais difícil para Lula do que jamais foi. Fernando Henrique legou ao PT um país arrumado e o PSDB ofereceu uma oposição sem dentes; a herança de Bolsonaro será — esta, sim — maldita: crise econômica e fiscal, com dólar, inflação, juro e desemprego nas alturas.

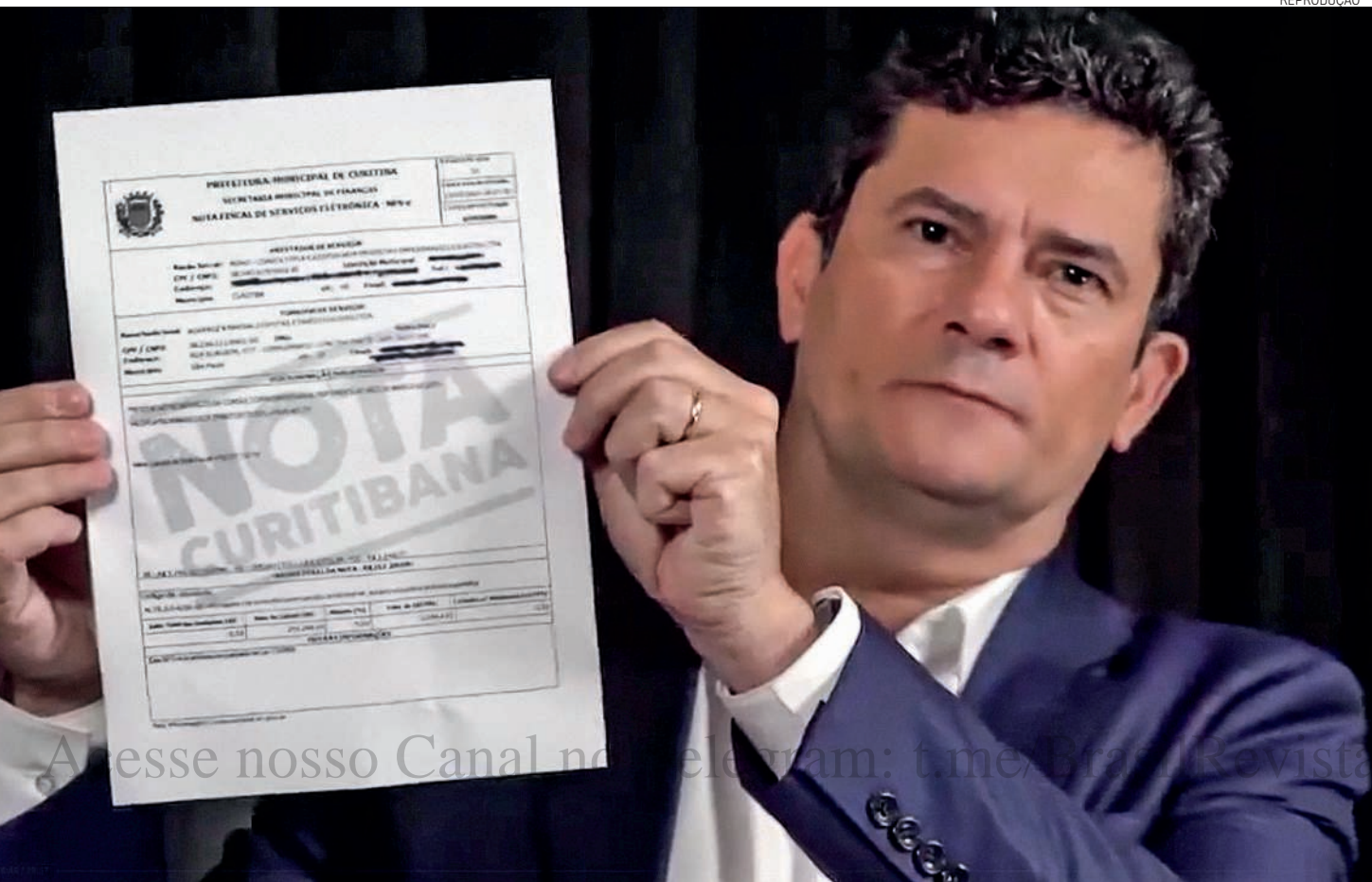
O bolsonarismo, que antes nem existia, estará vivo e forte e fará uma oposição sistemática e desleal no Congresso, nas ruas e nas redes. Sem aliança ao centro, Lula terá de governar com o Centrão, insaciável depois que obteve o controle do Orçamento. “Todos que governaram com o Centrão se lascaram”, ensinou Ciro Gomes (Lula foi para a cadeia por causa disso e é o exemplo definitivo). A crise para a metade do mandato estará encomendada desde antes da eleição.

Para garantir que, caso vença, conseguirá governar, Lula deve alcançar dois objetivos que se misturam. Um é vencer no primeiro turno, dando uma demonstração de força capaz de botar uma focinheira no bolsonarismo e outra no Centrão; com tanta legitimidade, até os antipetistas moderados terão menos má vontade. O outro é criar, *antes do início da campanha eleitoral,* uma aliança com o centro democrático que lhe permita prescindir do Centrão — aliança essa que é também a chave para unir o antibolsonarismo e matar a eleição no primeiro turno.

Se deixar para fazer a aliança ao centro no segundo turno, Lula (e o Brasil) enfrentará problemas em série. Bolsonaro terá quase um mês entre um turno e o outro para criar tumulto e organizar sua resistência. Declarada a derrota, gritará que houve fraude e ordenará seu “ataque ao Capitólio”. O bolsonarismo sairá forte, acreditando na fraude, e não dará trégua ao governo Lula. E se o governo for ruim — sem o apoio ao centro, isso é quase certo — e o bolsonarismo estiver forte, a chance de Bolsonaro ou algum filho voltar em 2026 não é desprezível.

Lula não é bobo, está conversando com gente de todo tipo. Apesar disso, ou por isso mesmo, seu partido radicaliza quanto pode, organiza abaixo-assinado contra Alckmin, inventa propostas econômicas malucas etc. Mas todo mundo sabe que Lula controla o PT: se há vozes se levantando contra o centro, é porque o chefe permite.

Se Lula quer não só vencer, mas também governar em paz, precisa enquadrar sua tigrada. Logo. ■

REPRODUÇÃO

CAPITULAÇÃO Moro: pressionado pelo TCU, o ex-juiz finalmente revelou sua remuneração e quer seguir em frente

CASO NÃO ENCERRADO

Novas frentes serão abertas para esquadrinhar os rendimentos na iniciativa privada de Sergio Moro, que faz de tudo para não tratar do assunto **LARYSSA BORGES** E **REYNALDO TUROLLO JR.**

DESDE que deixou a magistratura para enveredar na política, Sergio Moro (Podemos) sabia que não teria vida fácil, já que como juiz da Operação Lava-Jato semeou desafetos entre ministros de tribunais superiores, caciques políticos e dirigentes partidários. Pré-candidato à Presidência e terceiro colocado nas pesquisas, Moro trocou a condição de pedra pela de vidraça — e está tendo dificuldade para lidar com a pressão. Na sexta-feira 28, depois de muito relutar, ele anunciou ter recebido pouco mais de 650 000 dólares da consultoria americana Alvarez & Marsal, onde trabalhou por onze meses após deixar o Ministério da Justiça. Foi uma resposta a um questionamento do Tribunal de Contas da União (TCU), que desde o ano passado tentava saber se a atuação de Moro na Lava-Jato havia contribuído para a derrocada de empreiteiras investigadas na operação e se a empresa que o contratou lucrou indevidamente graças às decisões do então juiz. Além de revelar sua remuneração numa *live* com o deputado Kim Kataguiri, Moro declarou que — apesar de seu antigo empregador cuidar da recuperação judicial de empreiteiras investigadas por desfalques na Petrobras — ele nunca atuou em áreas que pudessem configurar conflito de interesse. E deu o caso por encerrado.

Os adversários do presidenciável, obviamente, querem mais explicações e cobram de Moro, o político, o mesmo que Moro, ex-juiz, exigia em seus

processos: transparência total. Líderes da corrida presidencial, Lula (PT) e Jair Bolsonaro (PL) não pretendem bater de frente com o oponente para não dar palanque a ele e não correr o risco de ver uma terceira força competitiva despontar no páreo. Mas aliados tanto do petista quando do ex-capitão continuarão com a ofensiva para fustigar o adversário em comum. A ideia é manter viva a suspeita de que o ex-ministro da Justiça enriqueceu de forma indevida ao trocar o serviço público pela iniciativa privada. O próprio TCU continua empenhado nesse projeto. Na segunda-feira 31, o subprocurador-geral do Ministério Público junto à Corte de Contas, Lucas Furtado, chegou a pedir o arquivamento do caso de Moro, mas nos bastidores continuou a trabalhar para que o tribunal mantenha uma espada sobre a cabeça do ex-juiz. Furtado e o ministro Bruno Dantas, responsável pelos autos que questionam a lisura das atividades profissionais do pré-candidato, decidiram recorrer a um gigantesco banco de dados em poder do TCU em busca de novos elementos que possam colocar Moro nas cordas.

Ao todo, mais de 40 terabytes de informações sobre contratos, licitações, auditorias e dispêndio de dinheiro público começaram a ser escarafunchados por técnicos, que foram orientados a elaborar um relatório de inteligência em busca de vínculos societários, ainda que ocultos ou por interpostas pessoas, que possam relacionar a Alvarez & Marsal e Moro a negócios com empresas pilhadas no petrolão. Há a esperança de que o pente-fino no acervo, alimentado por mais de 200 instituições públicas e privadas em 100 bases de dados diferentes, aponte indícios de que a A&M possa ter se beneficiado de forma indevida da contratação do ex-juiz, o que permitiria a instauração de uma nova investigação mirando o presidenciável. Em paralelo a essa pesquisa, setores do tribunal decidiram, na quarta-feira 2, pedir que as empreiteiras que fecharam acordos de leniência com a Lava-Jato forneçam informações sobre todas as empresas de consultoria que contrataram desde que a operação de combate à corrupção na Petrobras foi às ruas. O objetivo é tentar reunir elementos de que a Alvarez & Marsal lucrou não só com assistência jurídica na administração judicial de construtoras, mas com serviços periódicos de consultoria para as mesmas empresas investigadas. Até agora, o tribunal só obteve os valores pagos pelas empreiteiras em honorários relacionados a recuperações judiciais: pelo menos 42,5 milhões de reais, o que representa cerca de 75% do faturamento da A&M no Brasil nesse ramo.

WALLACE MARTINS/FUTURA PRESS

EM CAMPO Aras: o procurador foi instado por rivais de Moro a investigá-lo

VEJA teve acesso à minuta de uma notificação endereçada ao executivo Héctor Núñez, presidente do Conselho de Administração da Novonor, nome que a Odebrecht adotou após o escândalo do petrolão. No documento, a empresa é instada a informar os contratos de consultoria que celebrou entre 2014 e 2021, o escopo dos serviços pagos e os valores gastos. O objetivo final é verificar se a data dos eventuais contratos das investigadas na Lava-Jato tem relação com o avanço das apurações, o que poderia ajudar a correlacionar a atuação de Moro como juiz e a celebração de contratações privadas de consultoria, em uma suposta via de mão dupla.

Não bastasse a cruzada em curso no TCU, o ex-juiz ainda pode lidar com dificuldades em outras frentes. Na quinta-feira 3, o deputado federal Rui Falcão, ex-presidente do PT, protocolou pedido para que o procurador-geral da República, Augusto Aras, oficie o Coaf e a Receita Federal para investigarem a vida financeira do presidenciável, suas empresas e familiares e quaisquer empresas do grupo Alvarez & Marsal, “dada a existência de fortes indícios não apenas de um grave conflito de natureza ética, mas também de possíveis crimes contra a administração, tráfico de influência e utilização de informação privilegiada”. Moro não pretende divulgar nenhuma nova informação a respeito de sua atuação na iniciativa privada. Sua prioridade é virar a página e seguir em frente. O juiz, com uma canetada, até conseguiria fazer isso. Já o político, como ele está aprendendo agora, não tem muito para onde correr, por mais que tente fugir dos esclarecimentos devidos. ■

JEFFERSON BERNARDES/AGÊNCIA PREVIEW

ENCRUZILHADA O governador gaúcho: sem candidato forte, tucanos cogitam até abrir mão da cabeça de chapa

RUMO INCERTO

Derrotado nas prévias do PSDB, Eduardo Leite tem dificuldade para escolher sucessor no governo gaúcho e é cobiçado por partidos que querem tirá-lo do ninho tucano **LEONARDO LELLIS**

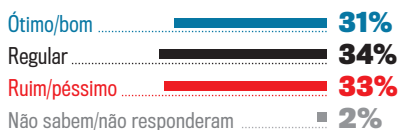
CONSIDERADO um dos políticos mais promissores da nova geração, Eduardo Leite, de 36 anos, sonhou com a possibilidade de chegar ao Palácio do Planalto. Depois de perder as prévias para João Doria, o gaúcho recusou fazer parte do staff da campanha à Presidência do governador paulista e vem dando declarações que colocam em dúvida a viabilidade dele na disputa. Embora insatisfeito, Leite continua negando a vontade de bater asas do ninho, mas é fato que o cortejo a ele de algumas siglas, em especial o PSD de Gilberto Kassab, aumentou muito nas últimas semanas (Kassab, aliás, segue firme em seu projeto de implodir a terceira via e se aliar a Lula nos próximos meses).

Apesar das declarações jurando fidelidade ao PSDB, chama atenção na cúpula do partido que Leite não se preocupe em fazer gestos claros de que está imune ao assédio de siglas rivais. O próprio Leite, aliás, deixa aberta a possibilidade de uma volta ao páreo presidencial por um outro caminho político. Em entrevista a VEJA, ele confirmou as conversas com Kassab, mas negou que tenha recebido qualquer convite do PSD para concorrer ao Palácio do Planalto. “Eu não me movimento buscando uma candidatura nem vou desrespeitar as prévias do PSDB”, afirmou Leite. “Mas, se não houver competitividade nos próximos meses, acho que o partido e outras lideranças que tenham proximidade conosco precisam buscar alternativas. Não estou dizendo que deve ser o meu nome, mas, se entenderem que seja, estarei à disposição”, completou.

Enquanto ainda é citado nos bastidores da política como uma possível alternativa presidencial de centro, Leite tem desafios domésticos consideráveis. Atual governador do Rio Grande do Sul, ele seria o favorito a um novo mandato no estado, mas não está no páreo por ser contra a reeleição. Fora da disputa, corre um risco considerável de não conseguir emplacar um sucessor. Dentro do Palácio Piratini, sede do governo gaúcho, o desafio é transferir para um candidato os bons índices de aprovação à gestão de Leite, marcada por medidas de austeridade

DESAFIO NA CAMPANHA

Eduardo Leite não conseguiu ainda transferir sua popularidade ao vice-governador Ranolfo Vieira Júnior, cotado para ser o candidato de situação

AVALIAÇÃO DO GOVERNO EDUARDO LEITE

APROVAÇÃO DO GOVERNO EDUARDO LEITE

INTENÇÃO DE VOTO PARA GOVERNADOR

JOSÉ IVO SARTORI (MDB) **20%**

ONYX LORENZONI (DEM) **18%**

PEDRO RUAS (PSOL) **5%**

EDEGAR PRETTO (PT) **4%**

BETO ALBUQUERQUE (PSB) **3%**

LUIS CARLOS HEINZE (PP) **2%**

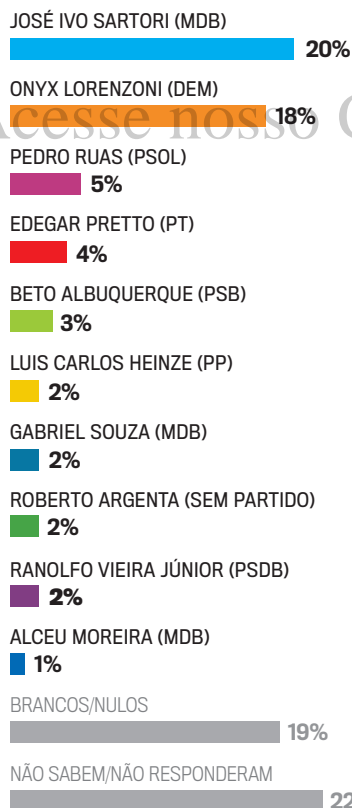
GABRIEL SOUZA (MDB) **2%**

ROBERTO ARGENTA (SEM PARTIDO) **2%**

RANOLFO VIEIRA JÚNIOR (PSDB) **2%**

ALCEU MOREIRA (MDB) **1%**

BRANCOS/NULOS 19%

NÃO SABEM/NÃO RESPONDERAM 22%

Fonte: *Real Time Big Data, pesquisa realizada nos dias 13 e 14 de janeiro, com 1000 entrevistados por telefone. A margem de erro é de 3 pontos porcentuais para mais ou para menos. O nível de confiança é de 95%. Registro TRE-RS 00252/2022*

FÁTIMA MEIRA/FUTURA PRESS

OPOSIÇÃO Onyx: o bolsonarista em alta nas intenções de voto e na rejeição

que recuperaram, minimamente, diga-se, as contas do estado e permitiram investimentos (alguns poucos). "Tenho convicção de que isso fará diferença para encaminhar a continuidade de nosso projeto", acredita.

Até agora, porém, não houve sequer a definição de quem será o nome da situação no pleito. O vice, Ranolfo Vieira Júnior, também do PSDB, conta com o apoio do governador. Nas pesquisas, no entanto, ainda não deslanchou. Aparece entre os últimos colocados, com 2% das intenções de voto. Por isso, dirigentes do partido defendem o nome da prefeita tucana de Pelotas, Paula Mascarenhas, como candidata à sucessão. Ela foi vice de Leite no município e depois foi eleita e reeleita para comandar a cidade. Outra possibilidade que começa a ganhar força é a de o PSDB não encabeçar a chapa. Nesse caso, o nome sairia do MDB, o principal aliado do atual governo. Na disputa estadual, o partido tenta chegar a um consenso entre o nome do deputado federal Alceu Moreira, presidente da sigla no estado, e o do deputado estadual Gabriel Souza, que conta com a simpatia de Leite por ter levado adiante pautas de interesse do Executivo enquanto presidiu a Assembleia em 2021. O indicado do partido seria candidato natural a encabeçar a chapa da situação do Palácio Piratini, caso os tucanos realmente abram mão da vaga.

Enquanto o PSDB não acerta, a oposição começa a ganhar terreno. A tradição conta também pontos a favor: desde a redemocratização, nenhum governador conseguiu se reeleger ou fazer um sucessor por lá. Um dos líderes das pesquisas, o ministro Onyx Lorenzoni, de mudança do DEM para o PL, se projeta como representante do bolsonarismo em um estado onde o presidente conserva melhores índices de popularidade que a média nacional. Onyx não está sozinho no campo à direita, já que o senador Luis Carlos Heinze (PP) quer aproveitar sua participação na CPI da Pandemia, onde se notabilizou por uma absurda retórica anticiência. Os dois, entretanto, detêm as maiores taxas de rejeição, segundo pesquisa Real Time Big Data: 42% para Onyx e 39% para Heinze. "É a eleição mais aberta que temos em muito tempo no estado", afirma Juliano Corbellini, doutor em ciência política pela UFRGS e consultor em marketing político. Igualmente aberto parece estar o destino político do jovem governador gaúcho. ■

FOI DADA A LARGADA

Quinze desembargadores dos cinco tribunais regionais federais disputam duas vagas no STJ e movimentam apoiadores de peso numa campanha acirrada **REYNALDO TUROLLO JR.**

CRIADO EM 1988, o Superior Tribunal de Justiça (STJ) é encarregado de uniformizar no país a aplicação das leis federais. Passam por ali decisões que mexem com a vida de todos nas áreas econômica (disputas entre grandes empresas, por exemplo), criminal (itens como regras para as delações premiadas fazem parte do escopo), ambiental, de saúde e de costumes. Além disso, o STJ julga recursos que chegam dos estados e ações contra governadores. Mas, diferentemente de outros tribunais superiores — incluindo o STF, para onde as indicações são feitas livremente pelo presidente —, a Constituição deu aos 33 ministros do STJ uma prerrogativa ímpar: escolher quem serão seus futuros colegas por meio de eleição interna. É elaborada uma lista dos mais votados, entre os quais o presidente indica um nome, que é depois submetido ao Senado.

Esse sistema faz com que a escolha de novos ministros passe sempre por uma campanha renhida entre os candidatos. A disputa atual já entrou para a história pela temperatura inédita que tem movimentado os corredores de Brasílias nos últimos meses. Com a aposentadoria dos ministros Napoleão Nunes Maia Filho e Nefi Cordeiro, em dezembro de 2020 e março de 2021, ficaram abertas duas vagas. Quinze desembargadores dos cinco tribunais regionais federais (TRFs) se inscreveram para um assento na Primeira Turma, que julga matérias de direito público, e outro na Sexta Turma, que julga crimes. Os quatro mais votados irão para a lista, e Bolsonaro escolherá dois.

Alguns favoritos já despontam no horizonte. Com seis nomes na disputa, o TRF-1 (Brasília) tem dois realmente competitivos: Ney Bello, que é visto com vantagem, transita bem entre os meios jurídico e político e conta com o apoio do ministro do STF Gilmar Mendes; e Carlos Brandão, apontado como próximo do também ministro do Supremo Kassio Nunes Marques e piauiense como ele. Outro nome citado em algumas rodas é o da desembargadora Daniele Maranhão, antiga na carreira e mulher — o que ajudaria a diversificar a lista. Visto como azarão, o TRF-4 tem cinco desembargadores inscritos, dos quais três foram da Lava-Jato. João Gebran, Leandro Paulsen e Victor Laus julgaram em Porto Alegre os recursos contra as decisões de Sergio Moro, mantendo-as na maioria das vezes. Num momento de revisão da operação, essa característica diminui as chances deles na disputa. Uma candidatura mais neutra ali é a de Fer-

RIBAMAR PINHEIRO

BOM TRÂNSITO Ney Bello: nome do TRF-1 é visto como bastante competitivo

QUEM É QUEM NA DISPUTA

Ministros do STF e do STJ fazem campanha para seus candidatos preferidos às duas vagas abertas na Corte

NEY BELLO

Natural de São Luís (MA), nomeado para o TRF-1, sediado em Brasília, em 2013

Gilmar Mendes (STF)

CARLOS PIRES BRANDÃO

Natural de Teresina (PI), nomeado desembargador do TRF-1 em 2015

Kassio Nunes Marques (STF)

ALUISIO GONÇALVES DE CASTRO MENDES

Natural do Rio de Janeiro, nomeado para o TRF-2, sediado no Rio, em 2012

Luiz Fux (presidente do STF)

CID MARCONI

Natural de Fortaleza (CE), nomeado para o TRF-5, sediado no Recife, em 2015

Humberto Martins (presidente do STJ)

MESSOD AZULAY NETO

Natural do Rio, nomeado desembargador do TRF-2 em 2005, hoje preside o tribunal

Luis Felipe Salomão (STJ)

nando Quadros da Silva, que, para observadores do processo, pode chegar entre os mais votados.

Único nome do TRF-3, sediado em São Paulo, Paulo Sérgio Domingues figura em todas as bolsas de apostas. Ele tem a simpatia de boa parte da bancada paulista do STJ, com destaque para o ministro Antonio Carlos Ferreira, benquisto na Corte. Além de ter conseguido unir as forças paulistas, Domingues presidiu de 2002 a 2004 a Ajufe, a poderosa associação dos juízes federais que tem grande entrada nos gabinetes da capital. Como a elaboração da lista costuma levar em conta critérios regionais, incluindo representantes do maior número possível de TRFs, a situação do TRF-2, com sede no Rio, é mais complicada. Há dois candidatos, Aluisio Mendes e Messod Azulay Neto, cada qual com um apoiador de peso. Mendes é a aposta do presidente do Supremo, Luiz Fux. O ministro considera que Mendes tem o melhor currículo, mas assegura que não interfere no STJ. Do outro lado, Azulay tem obtido apoio interno no STJ, sobretudo na bancada fluminense, e tem como aliado o ministro Luis Felipe Salomão, influente entre seus pares.

A situação que deixou Fux e Salomão em lados opostos, uma raridade, pode ter contribuído também para o movimento mais recente nessa corrida, que foi a decisão do plenário do STJ, na terça-feira 1º, de adiar a eleição, que estava marcada para o próximo dia 23, passando-a para 12 de maio. A justificativa foi o aumento dos casos de Covid-19. Na verdade, a prorrogação dá mais tempo para que os padrinhos operem nos bastidores. Afinal de contas, em três meses muita coisa pode mudar. Na nova data, em maio, devem começar também as conversas para eleger o próximo presidente do STJ, que sucederá em setembro o atual, Humberto Martins (pela tradição, será escolhida a ministra Maria Thereza de Assis Moura).

E o processo todo talvez atrase ainda mais. Uma ala da Corte espera que, nesse contexto de troca de comando, a eleição dos novos membros do STJ seja postergada novamente, ficando para o segundo semestre. Em setembro, Fux também deixará o comando do STF. Assim, se prosperar a ideia de deixar a definição do STJ para o segundo semestre, diminuirá a influência tanto de Fux como de Martins na escolha dos novos ministros. Martins, aliás, apoia Cid Marconi, do TRF-5 (Recife). Pesa contra ele o fato de não ser juiz de carreira (veio da advocacia) e estar há pouco tempo na magistratura. Já o próprio Martins é alvo de críticas por um suposto alinhamento com Bolsonaro. Setores do STJ já comentam nos bastidores que o ideal mesmo seria postergar o processo de escolha até 2023, o que tiraria do presidente, caso ele não se reeleja, o poder sobre as indicações. Mas essa hipótese ainda é muito improvável (não pelo resultado da eleição, diga-se). Certo mesmo é que teremos mais três meses de articulações intensas para as vagas do STJ. Foi dada a largada. ■

ANDRÉ COELHO/ASCOM/AJUFE

UNIÃO Paulo Sérgio Domingues: figura em todas as bolsas de apostas

O FANTASMA DA VIÚVA

Detentora de segredos sobre a rachadinha e a milícia, Julia Lotufo, ex-mulher de Adriano da Nóbrega, tenta nova cartada para se livrar da prisão **HUGO MARQUES** E **LARYSSA BORGES**

HÁ DOIS ASSUNTOS sobre os quais Jair Bolsonaro não gosta de falar: a denúncia de rachadinha nos gabinetes da família e a suposta relação dele com a milícia. Em tese, esses dois casos são capazes de arranhar ainda mais a imagem do presidente e até inviabilizar a sua reeleição. Na prática, já provocaram desgastes ao mandatário, mas nunca foram capazes de desestabilizar o seu governo. Uma das explicações para isso está no fato de investigados ainda se sentirem relativamente protegidos das garras da Justiça, o que inibe uma eventual vontade de contarem os seus segredos. Denunciado como operador da rachadinha no gabinete do então deputado estadual Flávio Bolsonaro, Fabrício Queiroz, amigo do presidente há mais de trinta anos, chegou a ser preso preventivamente, mas recuperou a liberdade por decisão da Justiça. Hoje, sonha ser candidato a deputado federal com o apoio do clã presidencial. Acusada por Waldir Ferraz, outro amigo do presidente, de ter organizado múltiplas rachadinhas, Ana Cristina Valle, ex-mulher de Bolsonaro, até foi chamada a prestar esclarecimentos ao Ministério Público (MP), mas ficou em silêncio e nunca mais foi incomodada.

Até aqui, prevalece uma espécie de blindagem, mas mesmo esse dique pode ser rompido, já que nem todas as testemunhas-chave compartilham dessa sensação de proteção. É o caso de Julia Mello Lotufo, viúva de Adriano Magalhães da Nóbrega, o ex-capitão da PM que antes de ser morto numa ação policial, em fevereiro de 2020, foi acusado de integrar uma das milícias mais temidas do Rio, empregou duas parentes no gabinete do Zero Um na Assembleia fluminense

REPRODUÇÃO

VIPS Adriano e Julia: na Sapucaí com credenciais providenciadas por Bernardo Bello

(ambas investigadas no caso da rachadinha) e ainda recebeu, no início da década passada, homenagens de Jair e Flávio Bolsonaro. A situação jurídica de Julia, que manteve um relacionamento amoroso de dez anos com Adriano, é muito diferente da de Queiroz e Ana Cristina. Em março do ano passado, a Justiça decretou a prisão da viúva, acusada de participar de um esquema de lavagem de dinheiro organizado por seu ex-marido. Posteriormente, Julia até conseguiu o direito a prisão domiciliar, mas desde então reivindica liberdade e autorização para se mudar para Portugal, onde seu atual marido tem uma empresa.

À Justiça, ela alega que, como não foi incluída no programa de proteção a testemunhas, corre o risco de ser morta num caso típico de queima de arquivo. Parte desse arquivo já foi exposta às autoridades. Depois de ter a prisão decretada, Julia apresentou ao MP do Rio uma proposta de delação premiada, ainda não aceita pelas autoridades, cuja íntegra foi revelada por VEJA em agosto do ano passado. No texto, ela aponta, entre outras coisas, quem seria o mandante do assassinato da vereadora Marielle Franco e do motorista Anderson Gomes (o ex-vereador Cristiano Girão, que nega) e diz que o bicheiro Bernardo Bello, ex-presidente da Vila Isabel, era o verdadeiro chefe do Escritório do Crime, grupo de matadores de aluguel no qual Adriano da Nóbrega ocupava papel de destaque. Na semana passada, Bello foi preso em Bogotá após ser apontado como mentor intelectual do assassinato de outro contraventor, Alcebíades Paes Garcia. Julia tinha dito aos promotores que Bello havia encomendado essa morte e, por isso, espera ter melhor sorte a partir de agora na Justiça.

Na próxima terça-feira, 8, a Quinta Turma do Superior Tribunal de Justiça (STJ) julgará um habeas-corpus em que ela pede a revogação de sua prisão domiciliar e o aval para sair do país. No julgamento, Julia precisa convencer os cinco ministros de que o vazamento de sua delação e a rejeição de seu ingresso no programa de proteção a testemunhas representam um constrangimento ilegal tamanho que ela precisaria imediatamente ser colocada em liberdade e receber autorização para emigrar para o país europeu. Não será fácil. O relator do caso, Reynaldo Soares da Fonseca, já rejeitou o pedido da viúva e não se sensibilizou com argumentos de que ela não deveria estar presa por ter distúrbios de ansiedade, depressão, síndrome do pânico e nódulos cancerígenos que precisariam de medicação. O pedido de soltura agora será submetido aos demais integrantes da Quinta Turma do STJ, colegiado que soltou Fabrício Queiroz e anulou diversas provas da rachadinha no gabinete de Flávio Bolsonaro.

REPRODUÇÃO

CHEFE Bernardo Bello: preso como mentor do assassinato de outro contraventor

Emparedada, Julia também está tentando a sorte no Supremo Tribunal Federal (STF). Há quase dois meses, tramita na Corte, em segredo de justiça, um habeas-corpus apresentado por ela. O ministro Luís Roberto Barroso já negou por razões processuais o pedido de liberdade e, na ocasião, aproveitou para deixar claro que o processo não mostra "ilegalidade flagrante ou abuso de poder" contra a viúva do miliciano. Houve recurso contra a decisão, que ainda será avaliado. Quando apresentou sua proposta de delação premiada, Julia discorreu basicamente sobre a atuação do Escritório do Crime e o papel de Bernardo Bello como chefe do esquadrão da morte. Ela nada falou sobre rachadinha ou a relação de Adriano com a família Bolsonaro. Na época da negociação, Julia disse a seus advogados que precisava escolher bem seus adversários e, sobretudo, seus potenciais aliados.

O raciocínio embutia uma esperança de receber ajuda ou contar com a mesma sorte de Queiroz, o que ainda não aconteceu. Antes de ser morto, enquanto estava foragido, Adriano teve como advogado Paulo Emílio Catta Preta, atual defensor de Queiroz. Numa conversa a que VEJA teve acesso, Julia desabafou: "Nossa defesa foi a defesa sugerida por eles, mas não adiantou nada". Ela não especificou quem seriam "eles". ■

O PLANO FOI PARA O LIXO

O ambicioso projeto de modernizar a economia a partir do modelo liberal (que ajudou a eleger Jair Bolsonaro) tem fim melancólico, vergado pela combinação de populismo com interesses políticos

VICTOR IRAJÁ

O ministro Paulo Guedes tem demonstrado nas últimas semanas inusitados sinais de otimismo. Em seu círculo mais próximo, tem comemorado uma conversa recente com o presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), em que o político revelou seu empenho em dar andamento à Proposta de Emenda Constitucional 110, que propõe a substituição de nove tributos por um imposto. Ao mesmo tempo, tramita na Casa, que reiniciou os trabalhos nesta semana, o projeto de lei do imposto de renda que cria a taxação sobre os dividendos de pessoas jurídicas. Com as duas medidas aprovadas, o ministro poderia se jactar de pelo menos um pedaço da ambiciosa reforma tributária proposta ainda na campanha eleitoral de 2018 ter saído do papel. Apesar do entusiasmo de Guedes, o prognóstico não é tão róseo quanto ele sugere. As chances de um assunto tão complexo ser aprovado às vésperas de uma campanha eleitoral são remotas e, mesmo que isso aconteça, o resultado ficará muito aquém do arrojado projeto capaz de debelar o cipoal tributário brasileiro imaginado pelo ministro. A expectativa era que ele instituísse um modelo fiscal mais justo, moderno e capaz de trazer competitividade à economia. Na prática, continuamos a pagar muitos impostos.

Formado na meca do moderno liberalismo econômico, a prestigiada Universidade de Chicago, Paulo Guedes chegou a Brasília em janeiro de 2019 disposto a mudar o Brasil. Para isso, passou a ter sob seu comando uma superestrutura formada pela fusão de quatro ministérios, uma maneira de manter controle absoluto das decisões econômicas. A ideia era resgatar o espírito animal preconizado pelos liberais e colocar um ponto-final aos voos de galinha da economia brasileira, com seu desempenho errático, taxas de crescimento decepcionantes e estruturas anacrônicas. Prometia implantar nos quatro anos de governo de Jair Bolsonaro medidas capazes de injetar 3,6 trilhões de reais na economia em uma década. A perspectiva, segundo seus planos, era dobrar o PIB per capita do país até 2030.

A dez meses do fim do mandado, o balanço é desfavorável para o ministro, para dizer o mínimo. Houve avanços como a reforma da Previdência e o governo conseguiu implementar microrreformas, com novos marcos regulatórios para os setores de gás, de transporte marítimo e de saneamento básico. Outro feito foi a aprovação da autonomia do Banco Central, que torna a política monetária brasileira mais confiável aos olhos do mercado financeiro. Mas as grandes mudanças, as que tinham de fato poder de virar o jogo, não aconteceram (e não se pode culpar a pandemia ou o Congresso por essa inoperância). As privatizações, que prometiam render 990 bilhões de reais e tirar do governo a responsabilidade de gerir — de forma quase sempre inepta — empresas públicas, não saíram do papel. A reforma administrativa, fundamental para dar agilidade ao Estado e acabar com privilégios entre setores corporativistas do funcionalismo, chegou a ser entregue ao presidente da Câmara, Arthur Lira, em 2020, mas foi relegada ao esquecimento pela falta de interesse do Executivo em mexer com os servidores. A promessa de levar o país à ribalta do comércio internacional, se transformou em um fiasco completo *(veja o quadro na pág. 46)*.

Os equívocos para um fracasso de tal magnitude são variados. Mas se houve um fator determinante para o naufrágio do projeto liberal de Guedes foi a conduta abilolada do próprio presidente da República. Fiel a sua convicção corporativista, centralizadora, po-

CAPA: MONTAGEM COM FOTOS DE SHUTTERSTOCK

PÁTRIA AMADA
BRASIL
GOVERNO FEDERAL
Privatizações
Reforma administrativa
Crescimento econômico
Menos impostos
Empregos

MATEUS BONOMI/AGIF/AFP

PERDA DE ESPAÇO O ministro Paulo Guedes: sua agenda e influência ruíram

pulista e eleitoreira construída nas décadas em que fez parte do baixo clero da Câmara dos Deputados, o presidente foi minando medidas que ele acreditava conflitantes com suas ideias retrógradas e supostamente, em seu raciocínio, ameaçadoras ao projeto de reeleição. Em 2021, em pelo menos duas oportunidades (na troca de comando da Petrobras e na patuscada do 7 de Setembro) ele conseguiu desestabilizar de tal maneira a economia que ele simplesmente inviabilizou o ano. "Muitos votaram em Bolsonaro por causa do Paulo Guedes, que trazia um discurso liberal, promessas de ajuste fiscal, privatizações e uma agenda de reformas. A verdade é que ao longo do caminho isso foi se perdendo", avalia o economista Alexandre Schwartsman, ex-diretor do Banco Central. "O ministro virou um mero viabilizador dos planos políticos do presidente, embalando seu projeto de uma forma que não parecesse um completo desrespeito aos princípios democráticos."

Nesse trajeto, Guedes perdeu não apenas as batalhas que os economistas, investidores e analistas de mercado tanto desejavam que fossem vencidas quanto encolheu dentro do governo. Em nome do rigor fiscal, comprou brigas com ministros e apoiadores do presidente que defendiam a gastança desenfreada. Mas, infelizmente, saiu derrotado. Em julho do ano passado, viu o seu poderoso Ministério da Economia ser desmembrado, com a recriação do Ministério do Trabalho. Mais recentemente perdeu o poder de decisão de liberação de recursos do Orçamento, que no ano eleitoral ficará com o chefe da Casa Civil, Ciro Nogueira, o expoente do Centrão, grupo que gosta do Estado grande, suas benesses e cargos. Assim, Guedes deixou de ser o protetor do cofre e as contas públicas foram entregues a quem gosta de gastar.

O maior símbolo da pequeneza a que o Ministério da Economia acabou relegado foi a posição secundária de descascar abacaxis como a complicada criação do programa social Auxílio Brasil, visto como de grande potencial eleitoral, mas sem fonte de receita capaz de sustentá-lo. Para resolver a situação, engendrou-se a PEC dos Precatórios, que, entre ou-

PROMESSAS PELO CAMINHO

O que foi cumprido entre os compromissos assumidos pelo governo

REFORMA DA PREVIDÊNCIA

Aprovada no primeiro ano de mandato, a proposta teve excluída a capitalização, que era fortemente defendida pelo ministro Paulo Guedes

REFORMA TRIBUTÁRIA

Ainda em negociação no Congresso, foi fatiada em duas para focar principalmente impostos sobre produção e de renda, mas ambas enfrentam oposição e não resolvem a situação do caos tributário

REFORMA ADMINISTRATIVA

Por falta de interesse do Planalto, o texto que moderniza o Estado está parado no Congresso; em vez de aprimorar a gestão pública e reformular carreiras, o governo prometeu aumentos pontuais de salários de servidores

PRIVATIZAÇÕES

Em julho de 2020, Paulo Guedes chegou a prometer "quatro grandes privatizações em noventa dias". A da Eletrobras segue a passos lentos, assim como a dos Correios. Nenhuma empresa foi privatizada. Houve apenas vendas de áreas e de ações de estatais

MARCOS SOUZA/NASCIMENTO SOUZA PRESS

VITÓRIA ISOLADA Votação da Previdência: a aprovação, em 2019, não foi acompanhada de outras grandes reformas

tras gambiarras, adiou o pagamento de dívidas já transitadas em julgado, deixando a conta para governos do futuro. Com tal golpe, Guedes sepultou de vez o ideário liberal dos mestres de Chicago e a agenda original foi atirada no lixo. Nas últimas semanas, o Executivo voltou a pressionar por projetos que ajudem a baixar de qualquer maneira os preços de mercado dos combustíveis, outra interferência indevida (o Posto Ipiranga do início diria que seria muito mais eficiente privatizar a Petrobras). "Decidi deixar o governo em março de 2021, depois de perceber que a reforma fiscal não era mais prioridade. Entendi que o programa inicial tinha sido deixado de lado", diz Vanessa Canado, ex-assessora de Guedes para assuntos tributários. "As janelas de oportunidade para aprovar reformas abrem-se e fecham-se no começo de cada governo. A dessa gestão foi definitivamente perdida."

Num efeito cascata, o rompimento com o modelo liberal e o esvaziamento dos projetos mais caros aos técnicos da pasta tiveram impacto direto sobre o "dream team" convocado por Guedes para o primeiro e segundo escalões do ministério da Economia. A equipe perdeu diversos nomes *(veja o quadro na pág. 48)*. "Durante o período de campanha de Bolsonaro, o discurso a favor da privatização soava como música para os meus ouvidos", recorda o empresário Salim Mattar, ex-secretário de desestatizações de Guedes. "A certa altura percebi que o establishment não era favorável à redução do tamanho do Estado e à venda de estatais. As resistências vêm de todos os lados: do Congresso, do Tribunal de Contas da União, dos sindicatos, dos funcionários das estatais, do Palácio do Planalto, do entorno do presidente, e por aí vai."

Pouco compreendido e muito criticado no Brasil, o pensamento liberal ajudou países a enriquecer em séculos passados ou a destravar o potencial de crescimento de suas economias. O fenômeno ganhou força com diversas reformas feitas na segunda metade do século XX, quando Estados nacionais estavam inchados no pós-guerra em razão de governos grandes, burocráticos e custosos demais. Para um país como o nosso, em que falta quase tudo em serviços públicos de qualidade, a receita de um governo menor pode parecer, para alguns, incongruente com as necessidades da população. Ainda mais em um momento tão polarizado quanto o atual, em que existe

AUTONOMIA DO BANCO CENTRAL

Em 2021, o Banco Central se tornou independente e o presidente da autarquia agora tem mandato mantido mesmo com a troca de governo

ABERTURA COMERCIAL

O Acordo Mercosul-União Europeia foi assinado, mas travou na ratificação pelos países europeus. Membros como a França prometem exigir rigor na questão ambiental como pré-requisito para entrada no grupo. Outros acordos com México, Estados Unidos e Canadá estão parados. O Brasil recebeu convite para ingressar na OCDE, mas ainda depende de mais avanços em regras tributárias e ambientais

RESPEITO AO EQUILÍBRIO FISCAL E AO TETO DE GASTOS

Apesar dos esforços no começo do governo e de um bom resultado de 2021, com uma arrecadação turbinada pela inflação, as expectativas da trajetória positiva futura da dívida foram dinamitadas por manobras para contornar o teto de gastos e para adiar o pagamento de dívidas de precatórios

MARLON COSTA/FUTURA PRESS

ECONOMIA REAL Consumidor penalizado: impostos elevados e em cascata

uma demonização da filosofia liberal. Nada pode estar mais longe da realidade. Ao propor que os investimentos privados tenham primazia em relação aos estatais, além de defender mais concorrência entre empresas, essas propostas ajudam a criar melhores empregos e condições para que as pessoas saiam da pobreza — e não que permaneçam eternamente nessa condição, na dependência de quem controla o dinheiro da União.

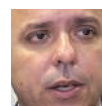
O liberalismo, no entanto, vai além de sua vertente econômica, formalizada pelo pai da economia moderna, o filósofo escocês Adam Smith (1723-1790). O pensamento tem origem no Iluminismo do século XVIII, como uma reação ao poder absoluto dos reis. Foi na concepção de liberalismo do pensador francês Montesquieu que surgiu o conceito de poderes independentes, mas harmônicos, algo que as repúblicas modernas buscam seguir até hoje, para desgosto de mandatários que consideram que o Estado precisa se dobrar a suas vontades. "O liberalismo envolve a busca pelo direito individual, e essas ideias acabaram se transpondo à literatura econômica, pregando que o Estado não deve interferir na economia", defende o economista Maílson da Nóbrega, ex-ministro da Fazenda. "Já o governo Bolsonaro se torna antiliberal quando celebra os tempos da ditadura e elogia torturadores. Confunde liberdade com vileza. A democracia gira em torno da liberdade e Bolsonaro tem uma visão limitada e distorcida dela."

É claro que um choque liberal não acontece de uma hora para outra, como prometia Guedes. Indústrias nacionais não podem ser colocadas, de forma abrupta, para competir contra fornecedores asiáticos que operam com mão de obra barata, sob o risco de falirem rapidamente. Outro exemplo de açodamento sem sentido seria tirar os direitos dados pelo Estado a cidadãos que dependem deles para sobreviver. Aos poucos, eles podem ser substituídos por benefícios melhores, que exijam uma contrapartida e ajudem a quem recebe a sair daquela condição. Mas nenhum liberal consciente pode defender a interrupção do Bolsa Família ou Auxílio Brasil de idosos,

TODOS OS HOMENS DO MINISTRO

O primeiro escalão original do Ministério da Economia, o "dream team" de Guedes, não chegou ao fim do mandato

SALIM MATTAR
DESESTATIZAÇÃO
Pediu demissão

MARCOS CINTRA
RECEITA FEDERAL
Foi demitido após polêmica ao defender nova CPMF, criticada por Jair Bolsonaro

CARLOS DA COSTA
PRODUTIVIDADE, EMPREGO E COMPETITIVIDADE
Deve assumir o escritório de economia na Embaixada de Washington

MARCOS TROYJO
COMÉRCIO EXTERIOR E ASSUNTOS INTERNACIONAIS
Foi eleito em 2020 presidente do Novo Banco de Desenvolvimento

ROGÉRIO MARINHO
PREVIDÊNCIA E TRABALHO
Assumiu em 2020 o Ministério do Desenvolvimento Regional

WALDERY RODRIGUES
ASSESSOR ESPECIAL DE RELAÇÕES INSTITUCIONAIS
Pediu demissão

MANSUETO ALMEIDA
SECRETARIA DO TESOURO NACIONAL
Pediu demissão para migrar para a iniciativa privada

DRONE MEDIA CHICAGO

com filhos, sem ocupação e à beira da fome. Aliás, o conceito de renda mínima está totalmente enquadrado no liberalismo. O Estado também deve sair de áreas em que sua presença não seja obrigatória, ao mesmo tempo que cria agências fortes e boas leis capazes de promover a concorrência, baixando, por exemplo, o preço dos combustíveis. Tudo isso leva tempo, mas é possível ser construído.

Existem, no entanto, medidas que não podem esperar. É o caso do combate frontal aos privilégios absurdos de certas castas do serviço público. Recentemente, o jornal *O Estado de S. Paulo* publicou uma lista de procuradores da República que receberam cerca de 500 000 reais em dezembro, em razão de uma série de vantagens acumuladas. Isso é inadmissível. Num país com tantos pobres como o Brasil, qual a justificativa para um funcionário público, sem nenhuma ação meritocrática, embolsar meio milhão de reais num mês? Outra excrescência é o exagero na cobrança de impostos sobre o consumidor, que pouco recebe em troca, assim como a complexidade bizantina de um sistema tributário e trabalhista que só prejudica os empreendedores. Esses defeitos graves atrasam o Brasil e precisam ser resolvidos.

HERITAGE IMAGES/GETTY IMAGES

RAÍZES PROFUNDAS O filósofo escocês Adam Smith e a Universidade de Chicago: o pai da economia moderna lançou as bases do liberalismo como um modelo para a criação de riqueza no século XX

Houve uma chance recente de enfrentar essas distorções. Ainda em 2019, Guedes foi aconselhado pelos estrategistas políticos no Ministério da Economia a dar andamento a mais de um grande projeto reformista ao mesmo tempo, na esteira da popularidade de Bolsonaro e da "lua de mel" do Congresso com a gestão recém-eleita. O plano apresentado pelo assessor especial Guilherme Afif e pelos secretários Esteves Colnago e Marcos Cintra envolvia aproveitar o bom clima da aprovação da reforma previdenciária para levar à frente as reformas administrativa e tributária. "A administrativa deveria ter sido enviada e aprovada antes da tributária, ainda no fim de 2019. Era o melhor momento para dar prioridade a ela. Acabou não acontecendo", diz Paulo Uebel, ex-secretário de Guedes e um dos cérebros por trás da proposta de reforma da gestão do Estado. "Neste ano, sendo um período eleitoral, dificilmente será aprovada uma reforma estrutural de relevância."

Atualmente, brinca-se jocosamente no Congresso Nacional que o café do ministro da Economia está gelado, uma analogia feita ao fim de governos. Sim, está bem frio. Não é que Guedes esteja de volta às caminhadas pela Praia no Leblon e não tenha nada a apresentar. Nos últimos dias, ele comemorou que o setor público consolidado — incluindo União, estados, municípios e estatais, com a exceção de Petrobras e Eletrobras — fechou 2021 com superávit de 64,7 bilhões de reais, o primeiro resultado positivo em sete anos. Foi, de fato, uma boa performance, mesmo considerando que o efeito decorre mais da inflação do que de uma excepcional gestão. Mas ainda assim é pouco. Não apenas diante do prometido e do desejado para o desenvolvimento do Brasil, mas também do que era possível ser feito e, neste ano de eleição, não mais será. ■

PRESSÃO O presidente: a economia cresceu com vigor, mas a inflação engole os ganhos e o põe em posição desconfortável

DESVENTURAS EM SÉRIE

Joe Biden, que completou um ano na Casa Branca, tenta reverter uma baixa popularidade histórica — mas, agora, até um espinhoso conflito entre a Rússia e a Ucrânia pode ser um obstáculo

CAIO SAAD

Prestes a embarcar para a Pensilvânia, na sexta-feira 28, o presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, foi surpreendido por uma notícia que viria a fazê-lo suspender a agenda: uma ponte na cidade de Pittsburgh desabou, ferindo pessoas, e não havia clima para ele entoar ali o planejado discurso sobre seu trilionário pacote de infraestrutura. O episódio deu munição a opositores e observadores para imediatamente tecerem comentários de pura ironia — os últimos tempos de Biden vêm sendo assim, acompanhados de toda sorte de infortúnios, altas dores de cabeça e um leque variado de crises.

O ex-vice de Barack Obama, que no polarizado cenário americano ascendeu na esteira dos sucessivos excessos do antecessor Donald Trump, chegou ao fim de seu primeiro ano de mandato tendo de duelar com uma inflação como não se via desde os anos 1980, assombrado por uma pandemia difícil de frear, com um enrosco migratório que se avoluma na fronteira com o México

e, agora, forçado pelas circunstâncias a lidar com um conflito espinhoso envolvendo um território que ele conhece bem — Ucrânia e Rússia —, mas é permeado de armadilhas nas quais não pode se enredar. "O governo enfrenta um perigo genuíno na Europa, que representa ao mesmo tempo um desafio para sua solidez e uma chance para se recuperar", avalia o cientista político John Tures, da LaGrange College.

Os termômetros para aferir o desempenho do presidente até o presente não lhe têm favorecido. O mais recente mostra que, se o pleito para o posto maior da nação fosse hoje, Biden (40%) perderia para Trump (46%) — pesquisa, aliás, que deixou democratas já insatisfeitos à vontade para ventilar uma possível candidatura da ex primeira-dama Hillary Clinton, derrotada nas eleições de 2016. Evidentemente falta chão até 2024, mas a aprovação presidencial precisa começar a se elevar: atualmente, ela patina em 39%, segundo o instituto Harvard CAPS/Harris, uma das piores da história de um ocupante do Salão Oval após um ano no poder.

Para tentar virar o jogo, Biden adicionou doses de agressividade à retórica, aproveitando-se do marco de um ano da ensandecida invasão do Capitólio para atacar Trump e os republicanos. Também abandonou o tom conciliador para alvejar a oposição quando ela barrou uma reforma eleitoral mirando o aumento dos votos de minorias, o que favoreceria os democratas em um momento delicado. Novembro é mês de eleições para o Congresso, e os republicanos podem levar a melhor. No afã de polir a imagem e galvanizar eleitores, Biden anunciou que indicaria a primeira juíza negra à Suprema Corte. Na quinta-feira 3, veio aos holofotes com um trunfo na mão: anunciou que o líder máximo do grupo terrorista Isis havia sido eliminado por forças americanas na Síria. "Ele sabe que precisa mudar o modo como se posicionou no primeiro ano de governo", diz o cientista político William Galston, do Brookings Institution.

CHIP SOMODEVILLA/GETTY IMAGES

SERGEY DOLZHENKO/EPA/EFE

UMA FRIA Treinamento para civis em Kiev, na Ucrânia: enrosco na Europa

O confronto das promessas de campanha com a realidade, sempre um choque, afetou Biden em muitos níveis. Ele elegeu-se se apresentando como um contraponto racional ao negacionismo dos trumpistas na crise pandêmica, de fato expandiu a imunização e a testagem, mas não conseguiu demolir o muro dos antivacina, um grupo inflexível que impõe um teto à contenção do vírus. E aí surgiu a ômicron, variante que se disseminou como nenhuma outra, emperrando algumas cadeias produtivas. Biden deu um gás à economia ao passar um parrudo pacote de estímulos. O crescimento veio, embalado pela maior taxa anual desde 1984 — 5,7%. O problema é que a inflação, de 7%, tem engolido os ganhos individuais e a sensação de bem-estar, o que faz o americano expressar um ceticismo que, aos olhos de certos países de PIB estagnado, pode soar incompreensível.

Uma frente de disparos contra Joe Biden vem de representantes de seu partido, que deixaram escapar que o chefe havia passado o primeiro ano perdido nos labirintos da burocracia e esqueceu-se de se posicionar como um líder. A atabalhoada retirada das tropas americanas do Afeganistão reforçou essa ideia, que agora Biden tem a oportunidade de reverter, a depender de como vai se sair no intrincado tabuleiro posto pela crise na Ucrânia. "Ele quer se mostrar ao mundo como um líder disposto a evitar o uso agressivo da força militar e, no lugar dela, focar nas alianças e na oposição ao autoritarismo", diz William Taylor, ex-embaixador dos Estados Unidos na Ucrânia. Com o nó do conflito sem desatar, porém, Biden reforçou o pelotão americano no Leste Europeu, enviando e realocando soldados, ainda que não demonstre interesse em um desfecho bélico — custoso sob vários pontos de vista. Resta ver como a diplomacia se desenrola. Em recente aparição pública, o presidente Vladimir Putin afirmou que os Estados Unidos estão ignorando "as preocupações da Rússia". Não há trégua para Biden em nenhum front. ■

MIGUEL A. LOPES/EPA/EFE

SÓ SORRISOS Costa: ele diz que vai conversar com os outros partidos, mas já tem força para passar seus projetos

QUE VIRADA, PÁ

Em um pleito emboladíssimo, ninguém imaginava que o Partido Socialista venceria com maioria absoluta — e isso pode ser um trunfo para uma reviravolta na economia **ERNESTO NEVES**

TODAS AS PESQUISAS indicavam que a eleição em Portugal seria palco de mais um daqueles rounds apertados que se veem no parlamentarismo mundo afora. Mas eis que as urnas trouxeram uma surpresa: o Partido Socialista (PS), liderado pelo já primeiro-ministro António Costa, que andava ligeiramente atrás nos últimos dias, conquistou uma raríssima maioria absoluta no pleito de domingo 30: ficou com 117 das 230 cadeiras, seguido do Partido Socialista Democrata (PSD), que obteve bem menos que o esperado, 76. "A maioria não significa poder absoluto, não se trata de governar sozinho", adiantou-se Costa, como bom articulador que é, avisando que vai conversar com outras legendas. Vitória tão acachapante, porém, lhe abre um caminho para pôr para a frente decisões-chave com pouco risco de que elas emperrem nos labirintos do poder. "Portugal está agora em um cenário de muito menos incertezas e mais estabilidade para a implementação de políticas públicas", avalia Michele Napolitano, da agência de análise de risco Fitch Ratings.

Esse é um cenário inteiramente diferente do que o Partido Socialista encontrou em 2015, quando subiu ao poder graças a uma ampla coalizão à esquerda, composta do Partido Comunista (PC) e do Bloco de Esquerda (BE) — costura que ganhou o nome de Geringonça. Ela seria desfeita em novembro passado, quando os aliados votaram junto com a oposição vetando o Orçamento planejado por Costa para 2022. Foi justamente o impasse que desembocou em eleições um ano antes do previsto, pleito este que acabou castigando tanto o PC quanto o BE, que encolheram. Enquanto isso, uma agremiação ultrarradical de direita, batizada Chega e capitaneada pelo comentarista de futebol André

Ventura, pulou de um para doze assentos e passou a ser a terceira maior força no Parlamento.

O socialismo de Costa, que fique claro, contém fortes tintas sociais-democratas — nada que faça lembrar aquela esquerda da Revolução dos Cravos que derrubou, em 1974, a ditadura inaugurada quatro décadas antes por António Salazar. Quando ele assumiu, em 2015, encontrou uma economia em frangalhos, um déficit público nas alturas e elevadas taxas de pobreza e desemprego, um quadro desolador que justamente lhe abriu as portas. No poder, Costa trabalhou em prol do equilíbrio das contas públicas, pôs o país em rota de crescimento e manteve o Estado presente e generoso. "Em Portugal, permanece a ideia de que o Estado precisa ter papel decisivo na economia e prover bem-estar", pontua o cientista político Pedro Magalhães, da Universidade de Lisboa.

Os socialistas têm pela frente um período de variados desafios, mirando tempos melhores depois do baque provocado pela pandemia. Em 2020, o país encolheu 8,4%, o pior resultado registrado em seis décadas. O que deve aliviar a jornada de Costa é um aporte da União Europeia na casa dos 22 bilhões de euros, que começou a chegar no ano passado, uma dinheirama que entrará mais fácil nos cofres no atual cenário de menos trepidações no plano político. De acordo com os analistas, o montante, batizado por lá de bazuca, tem o poder de fogo para fazer o PIB subir de forma consistente. O maior quinhão das verbas financiará obras de infraestrutura e o restante será empregado na modernização de empresas, para as quais se prevê baixar a carga tributária de 21% para 17%. Bem-vindo ao socialismo à portuguesa. ■

VILMA GRYZINSKI

DESAFIO: É DE ESQUERDA OU DE DIREITA?

Farmacêuticas e até mesmo Harry Potter mudaram de lado

TER UMA ÚNICA chave para explicar o mundo é um jeito garantido de aprisionarmos a nós mesmos em jaulas ideológicas. E também de levarmos grandes sustos. Ideias de esquerda que viraram de direita são um exemplo do nó mental que os simplificadores da realidade podem sofrer. Um caso muito presente em nossa vida é o das grandes farmacêuticas que desenvolveram vacinas contra a Covid-19. De vilãs do universo esquerdista, elas se transformaram em avatares da Ciência, com maiúscula, na sua forma mais pura. Na época da vilania, foram retratadas por John le Carré em *O Jardineiro Fiel*, depois filme de Fernando Meirelles, como as mais selvagens encarnações do capitalismo, capazes de usar crianças africanas como cobaias para um novo medicamento. Quem se revolta hoje com o poder das farmacêuticas são os militantes antivacinação, uma tribo da direita populista que tende a acreditar nas mais exóticas teorias conspiratórias. A Big Pharma, que já encontrou soluções para muitas das aflições da humanidade usando como motor a busca da recompensa material, virou a inimiga atual da direita pura e dura.

"Quem se insurge hoje contra restrições e censuras são intelectuais conservadores"

Outra extraordinária mudança de campo: a defesa da liberdade de expressão. Uma das mais tradicionais bandeiras progressistas, ancorada em campanhas históricas pela publicação de escritores proibidos, ela foi entregue de bandeja para a direita. Quem se insurge hoje contra restrições e censuras, praticadas em nome da eliminação de ofensas reais ou imaginárias, são intelectuais conservadores. A esquerda apoia a demonização até de uma escritora como J. K. Rowling, a criadora de Harry Potter, pelo crime de ter achado que mulheres biológicas têm uma realidade irreproduzível. A escritora, que passou a vida apoiando causas de esquerda e colocou dezenas de milhões de libras em obras filantrópicas, praticamente só tem defensores no lado conservador.

A pressão brutal de Vladimir Putin sobre a Ucrânia, com a intenção de reconstruir a esfera de influência do império russo, é outro caso quase inacreditável de guinada ideológica. A direita populista, que já tinha uma queda por Putin pelo estilo dominante e a defesa de valores tradicionais, parece ter se tornado porta-voz do Kremlin. Tucker Carlson, o influentíssimo apresentador da Fox, detona a causa ucraniana com mais eficiência do que qualquer profissional de agitação e propaganda. Essa versão invertida baixou, estrepitosamente, no Palácio do Planalto. O que faz a esquerda que sempre se encantou com o antiamericanismo de Putin? Arranca os cabelos com os novos aliados? Finge que não existem?

Para quem não gosta de explicações simplistas, melhor é voltar a ler *A Garota do Tambor,* o livro em que Le Carré testa até o limite simpatias e antipatias numa das questões mais complicadas do planeta, o conflito entre Israel e palestinos. O próprio escritor foi ficando esquerdista com a idade, num movimento oposto ao convencional. *O Jardineiro Fiel* é dessa fase. Não é a melhor. ■

GENTE

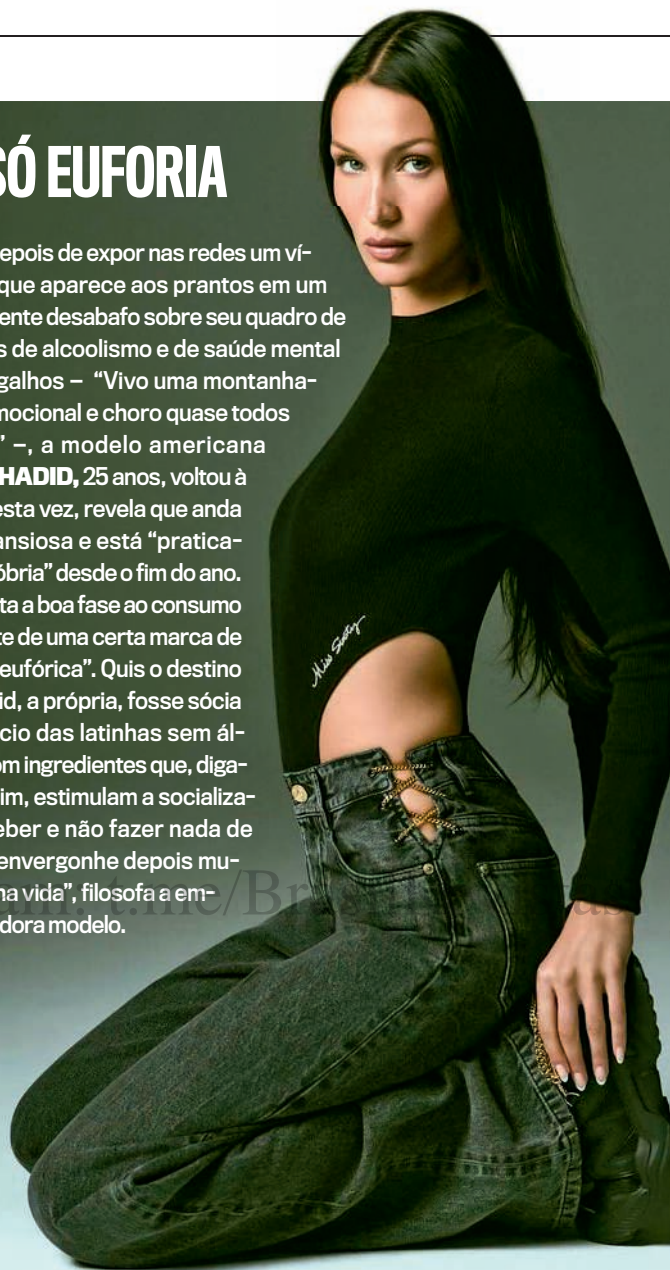
ALEX WONG/GETTY IMAGES

PASSANDO O CHAPÉU

Nos tempos em que saracoteava embalada em figurinos cheios de grife sob os holofotes globais, a então primeira-dama **MELANIA TRUMP,** 51 anos, pinçou do armário um chapéu de fartas abas que lhe encobriam a face para usar em um encontro com o presidente francês Emmanuel Macron na Casa Branca. O item foi posto recentemente por ela em leilão, em um combo que incluía um vídeo seu badalando com o acessório. A pedida mínima era alta – 250 000 dólares –, ninguém deu e o negócio acabou saindo por 30% menos do que Melania queria. A ex-modelo eslovena agora precisa lidar com duas dispensáveis dores de cabeça. Recebeu uma saraivada de críticas por ter colocado à venda um item de valor histórico. “Ela aprendeu com o marido, procura faturar com tudo”, alfinetou um ex-assessor – e, para piorar, selou a transação em criptomoedas, em queda livre nos últimos tempos.

INSTAGRAM @BELLAHADID

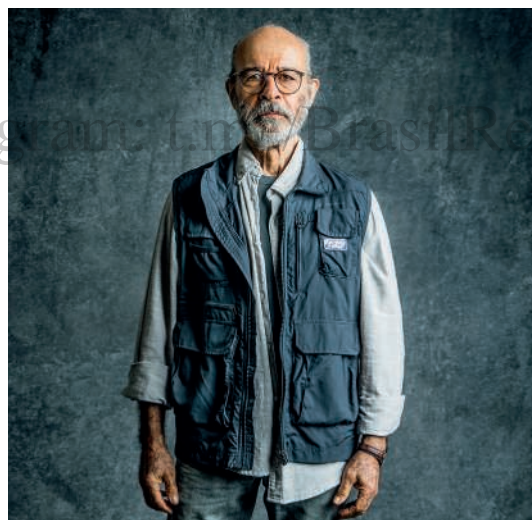
SÓ EUFORIA

Meses depois de expor nas redes um vídeo em que aparece aos prantos em um contundente desabafo sobre seu quadro de dez anos de alcoolismo e de saúde mental em frangalhos – “Vivo uma montanha-russa emocional e choro quase todos os dias” –, a modelo americana **BELLA HADID,** 25 anos, voltou à cena. Desta vez, revela que anda menos ansiosa e está “praticamente sóbria” desde o fim do ano. Ela credita a boa fase ao consumo frequente de uma certa marca de “bebida eufórica”. Quis o destino que Hadid, a própria, fosse sócia no negócio das latinhas sem álcool e com ingredientes que, digamos assim, estimulam a socialização. “Beber e não fazer nada de que me envergonhe depois mudou minha vida”, filosofa a empreendedora modelo.

DAVID CROTTY/GETTY IMAGES

BARRADOS NO BAILE 2

Rapper mais rico do mundo, **KANYE WEST,** 44 anos, anda espalhando aos quatro cantos do globo que a turnê de seu novo álbum incluirá no roteiro a Austrália. Nenhum problema, não fosse o fato de ele fazer questão de deixar sua situação vacinal contra a Covid-19 envolta em mistério. Levou imediatamente um passa-fora do primeiro-ministro Scott Morrison, o mesmo que enxotou o tenista Novak Djokovic por não estar imunizado. "Se não seguir nossas regras, ele não vai entrar e ponto-final", declarou Morrison. Ye, como o rapper pede para ser chamado, não tem dado muito motivo para ser recebido em tapete vermelho. Depois de embarcar em uma viagem negacionista sobre a vacina – "Eles querem colocar chips dentro da gente" –, resumiu: "É a marca da besta". Pelo visto, não vai muito longe.

BASTIDORES PANTANOSOS

Teve muita meditação coletiva e contemplação de pôr do sol durante as gravações do *remake* de Pantanal, a próxima trama global das 9, prevista para estrear em março. Os vídeos que exibem um elenco unido e sorridente, porém, não contam toda a verdade sobre a temporada de três meses em que a turma envolvida com a novela passou imersa na deslumbrante paisagem de Mato Grosso do Sul. Segundo nomes estelares, um integrante da trupe se encarregou de cortar o bom clima – o veterano **OSMAR PRADO,** 74 anos, que tocava nas feridas alheias e não se cansava de humilhar sobretudo os mais jovens. "A convivência não foi fácil, ele é muito autoritário", explica um dos colegas. Osmar, que vai dar vida a um personagem ora gente, ora sucuri, se diz surpreso: "Por que os que falam isso de mim não mostram a cara?". As cenas dos próximos capítulos prometem. ■

RAQUEL CUNHA/TV GLOBO

PRONTO PARA O

E bem rápido. O avanço de intervenções pouco agressivas preserva mais o coração e permite a volta à rotina em curto período de tempo

PAULA FELIX

"A cirurgia do coração provavelmente atingiu os limites estabelecidos pela natureza para todas as cirurgias. Nenhum método e nenhuma descoberta podem superar as dificuldades naturais que acompanham uma ferida no coração." Quase no fim do século XIX, precisamente no ano de 1896, o feito do cirurgião alemão Ludwig Rehn — a sutura de um corte no coração de um rapaz de 20 anos depois de uma facada — foi descrito pelo cirurgião inglês Stephen Paget no livro *The Surgery of the Chest* como o ápice dos procedimentos dedicados a tentar salvar a vida humana. Hoje, a afirmação não teria sentido. Ao longo dos últimos anos, os médicos agiram para corrigir defeitos cardíacos congênitos, descobriram meios de manter o coração batendo durante operações e exploraram caminhos para desobstruir artérias. Foram além. Das tradicionais cirurgias de peito aberto, ainda indicadas em alguns casos, os profissionais passaram para métodos menos invasivos, que possibilitam a troca ou correções nas válvulas sem a necessidade de corte, como o implante transcateter de válvula aórtica (TAVI), procedimentos robóticos e novos protocolos pós-operatórios que têm permitido tratar pessoas impossibilitadas de ser submetidas a operações mais complexas. Stephen Paget estava errado. A proeza do alemão Ludwig Rehn era só o começo.

EGBERTO NOGUEIRA/IMÃFOTOGALERIA

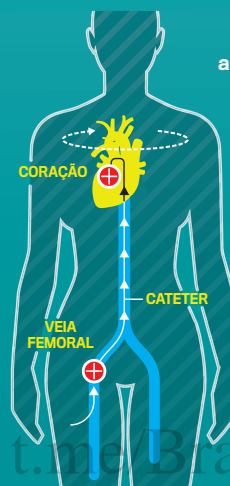
TREINO PARA O FUTEBOL
O administrador **José Gilberto de Jesus,** de 79 anos, passou por intervenção sem corte para corrigir um problema na válvula aórtica numa quinta-feira. "No sábado estava em casa." Já pedala e quer voltar à bola com os amigos

UTRA

Em 18 de janeiro deste ano, a equipe do cardiologista intervencionista Vinicius Esteves, da Rede D'Or São Luiz, deu uma bela demonstração disso. O time adotou a TAVI para corrigir um quadro de insuficiência das válvulas mitral e tricúspide de uma paciente de 87 anos que não respondia mais aos tratamentos com remédios *(veja no quadro ao lado).* Aórtica, pulmonar, tricúspide e mitral são as quatro válvulas que trabalham de forma ritmada para controlar a circulação do sangue pelo coração e garantir seu retorno para o organismo. Nelas, há estruturas semelhantes a portas de *saloons,* aqueles do Velho Oeste, que se abrem e se fecham durante a passagem do sangue. Se deixam de funcionar adequadamente, o paciente pode ter um quadro de estenose: a "porta" tem problemas para abrir, ou de insuficiência, dificuldade para fechar. No caso de insuficiência da mitral e da tricúspide, a falha promove o retorno do sangue ao coração, afetando seu funcionamento. Fadiga, falta de ar e tontura estão entre os sinais mais comuns de problemas.

O implante transcateter foi escolhido pelos cirurgiões em razão da frágil condição de saúde da paciente. Em casos como o dela, intervenções de grande porte não são recomendadas. Na TAVI, nenhum corte é feito. Cateteres são introduzidos através de um pequeno furo preferencialmente na veia femoral, localizada na região da virilha, e servem de veículo para transportar até o coração os dispositivos necessários à correção ou à substituição das válvulas. "É uma técnica tão eficaz e segura quanto a cirurgia convencional, mas menos agressiva", diz Esteves. A modalidade permite recuperação mais rápida e menor tempo de internação em comparação com as intervenções que exigem a abertura do tórax. Houve nesse episódio um ineditismo: pela primeira vez no mundo foram tratadas duas válvulas em um paciente com dextrocardia, condição caracterizada pelo posicionamento do coração do lado direito do corpo. E deu tudo certo. A paciente encontra-se em recuperação.

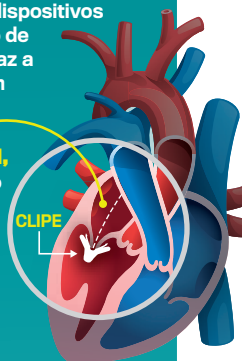
CORREÇÃO PIONEIRA

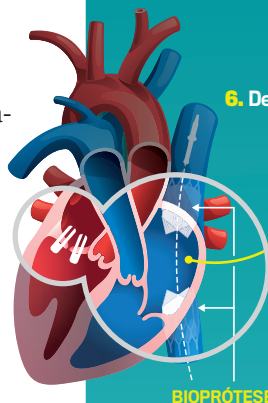
Em um procedimento pioneiro realizado no Hospital Vila Nova Star, em São Paulo, uma paciente de 87 anos com o coração do lado direito do corpo, condição chamada dextrocardia, foi submetida a uma intervenção nas válvulas mitral e tricúspide feita por meio de cateteres. Não foi preciso abrir o peito da paciente para que as correções fossem executadas

1. A paciente recebeu anestesia geral

2. Por meio de um furo na virilha, sem cortes, o cateter foi introduzido na **veia femoral,** na região da virilha

3. Com o auxílio de imagens, o cateter foi levado até o **coração**

4. Os médicos monitoraram a movimentação dos dispositivos por um equipamento de hemodinâmica que faz a fusão de imagens em tempo real

5. Na **válvula mitral,** foi feita a introdução de dois clipes para a correção da insuficiência

6. Depois, o procedimento foi direcionado à **válvula tricúspide**

7. Nela, duas biopróteses foram fixadas nas **veias cavas superior e inferior,** respectivamente, corrigindo a insuficiência

Fonte: *Vinicius Esteves, cardiologista intervencionista da Rede D'Or São Luiz*

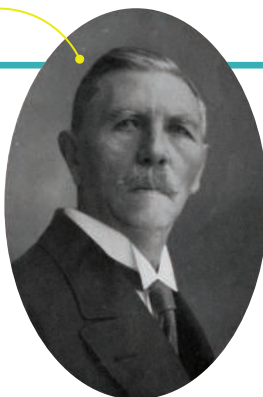
A execução de um procedimento desse gênero é possível graças à incrível combinação de dispositivos mais eficientes com sistemas que permitem a fusão de imagens do interior do coração em tempo real e expertise humana. Curioso é saber que o cateter, artefato tão simples e conhecido, tenha papel tão relevante. “Antes, eles eram usados somente para o diagnóstico de doenças”, explica Fabio Jatene, diretor da Divisão de Cirurgia Cardiovascular do Instituto do Coração. “Hoje são recursos de tratamento.” O médico alemão Werner Theodor Otto Forssmann (1904-1979) ficaria feliz ao saber do destino de sua invenção. Quando a criou, usando a si próprio de cobaia, foi esnobado — só teve o pioneirismo reconhecido décadas depois, ao ganhar o Prêmio Nobel de Medicina em 1956. Forssmann agora veria os finos tubos de plástico fazendo parte do sofisticado arsenal da cardiologia. Por meio dos cateteres, médicos também levam stents (dispositivos que desobstruem artérias) a pontos onde são necessários, prevenindo ou tratando o infarto. Décadas atrás, era impossível chegar até eles sem abrir o peito do paciente.

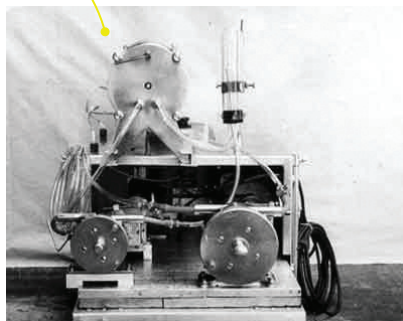
A evolução dos procedimentos minimamente invasivos na cardiologia fez a especialidade se aproximar da cirurgia robótica, baseada no uso de braços mecânicos comandados por cirurgiões — os braços executam movimentos absolutamente precisos, diferentemente da mão humana. No Hospital Israelita Albert Einstein, de São Paulo, dois procedimentos de destaque foram realizados com a ajuda dos robôs. Em 2019, o hospital foi o primeiro do Hemisfério Sul a fazer a desobstrução de coronárias de um homem de 55 anos por meio do equipamento. Depois, na pandemia de Covid-19 veio a ideia de usá-lo para tratar pacientes infectados que necessitavam ter artérias desobstruídas e, ao mesmo tempo, aumentar a segurança dos profissionais envolvidos no atendimento. “Durante o procedimento habitual há proximidade entre o paciente e a equipe”, explica Marcelo Franken, gerente médico do Programa de Cardiologia da organização. “Como lidávamos com pacientes contaminados pelo coronavírus, poderia haver risco de exposição do time”, diz. Os médicos conduziram um estudo com dez casos e demonstraram que, manipulando os cateteres via robô, os profissionais

DELICADEZA CIRÚRGICA

Como as operações cardíacas evoluíram

1896

O cirurgião alemão **Ludwig Rehn** suturou um ferimento no coração de um jovem de 20 anos

1953

O cirurgião americano John Gibbon inventou a **máquina coração-pulmão,** o equipamento de circulação extracorpórea que permitia intervenções mantendo a função dos órgãos

1967

O cirurgião argentino **René Favaloro** realizou uma operação pioneira: usou a veia safena para criar no coração outro canal para o sangue fluir, substituindo trecho de artéria obstruída

FABIO H. MENDES

A DISTÂNCIA Cirurgia no Einstein: a desobstrução de artéria com robô reduziu o risco de infecção da equipe pelo coronavírus

conseguiram ficar a mais de 2 metros dos pacientes durante a maior parte do procedimento. No futuro, acredita Franken, intervenções assim talvez possam ser realizadas a distância, beneficiando moradores de locais remotos carentes de profissionais. Afinal, de modo bem simples, bastaria ter um robô ao lado do paciente e especialistas direcionando seus movimentos de qualquer outra parte do país.

Evoluções médicas, no entanto, não se dão apenas no âmbito tecnológico. E assim é com o que ocorre na cardiologia neste momento fascinante. Em busca de oferecer mais conforto ao paciente, especialistas trabalham em protocolos de pós-operatório para que a alta ocorra mais rápido. “Em vez de ficar uma semana no hospital, ele sai em três dias com orientação para fazer reabilitação”, relata Fabio Jatene. Tudo isso não fará a cirurgia de peito aberto desaparecer, evidentemente. O que muda é o refinamento na hora de sua indicação. Idosos, como se sabe, são mais vulneráveis a complicações em operações de grande porte. Portanto, quanto menos agressivo o procedimento, melhor. O fato é que operações pouco invasivas, como a realizada em São Paulo recentemente, representam um imenso e louvável gesto de delicadeza para o órgão que todos os dias nos garante a vida. ■

2022

Em um procedimento pioneiro feito no hospital Vila Nova Star, uma paciente de 87 anos foi submetida a intervenção simultânea nas válvulas mitral e tricúspide utilizando a **TAVI**

Fontes: *Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS);* Brazilian Journal of Cardiovascular Surgery; *Centro Nacional de Informações de Biotecnologia da Biblioteca Nacional de Medicina dos Estados Unidos; Conselho Federal de Medicina (CFM); Hospital Israelita Albert Einstein;* Journal of the American Heart Association; *Ministério da Saúde; e Vinicius Esteves, cardiologista intervencionista da Rede D’Or São Luiz*

AS MÃES NO PAREDÃO

Pesquisa mostra que as brasileiras se veem o tempo todo julgadas pelo modo como criam os filhos e agora começam a romper o silêncio **DUDA MONTEIRO DE BARROS** E **RICARDO FERRAZ**

INSTAGRAM @THAILAAYALA

VIDA REAL
A atriz **Thaila Ayala**, 35 anos, estreou na maternidade com Francisco, 2 meses, e já virou alvo dos palpiteiros. Foi então às redes para ajudar a quebrar um tabu: "Não falar sobre o que é difícil não torna as coisas fáceis", diz

AS REVOLUÇÕES burguesas que sacudiram a Europa a partir do século XVII trouxeram embutida a ideia de que a esfera privada tinha um valor fundamental. Foi a senha que reinventou a percepção sobre os vários ritos da vida, entre eles casamento e filhos. O mito do instinto materno ganhou espaço, algo que seria inerente às mulheres, programadas para desempenhar tão nobre papel. A carga sobre elas pesou ao longo dos séculos que se seguiram, pressionadas entre o ingresso no mercado de trabalho e uma rotina multitarefas difícil de equilibrar, mesmo nos dias de hoje. Em um mundo cada vez mais complexo, o exercício da maternidade exige lidar com novas gerações expostas a uma infinidade de estímulos e altamente questionadoras. As mães se veem ainda torpedeadas por um monte de informações sobre o que é certo ou errado e, segundo muitas revelam agora de forma contundente, sentem-se constantemente avaliadas pelos outros no modo como criam a prole.

Essa sensação de permanente escrutínio, tendo os dedos da sociedade apontados em sua direção, é universal. Uma recente pesquisa feita pelo Instituto Ipsos, que mediu a temperatura do fenômeno em 28 países, mostra que 38% se dizem frequentemente julgadas. Entre as brasileiras, o índice sobe para 46%, ou seja, quase a metade desempenha a maternidade com o sentimento de que os que estão a seu redor, um grupo muito além da bolha familiar e dos círculos de amizade, consideram que elas fazem escolhas equivocadas. Entre as razões que as tornam alvo da crítica alheia aparecem a maneira como controlam o comportamento da criança (36%) e em que medida impõem limites (49%) — seja porque são permissivas, seja porque são rigorosas demais com os filhos. "Os comentários endereçados às mães vêm de todos os lados, inclusive de pessoas que nem sequer são pais e não têm noção do que estão falando", observa Priscilla Branco, uma das autoras do estudo.

SOB PRESSÃO

Pesquisa em 28 países, inclusive o Brasil, mostra quanto as mulheres se sentem avaliadas no exercício da maternidade

46% das brasileiras se revelam permanentemente julgadas

38% é a média geral do levantamento

36% são criticadas pelo comportamento dos filhos

49% ouvem dos outros que não sabem impor a dose certa de limites

Fonte: *Ipsos*

Meter a colher na condução da educação do filho dos outros é um clássico que atravessa gerações. Os pitacos envolvem desde as operações mais básicas — o jeito de segurar o bebê na hora do banho, como acalmá-lo, com que assiduidade amamentá-lo — até desafios como frear uma birra ou ministrar a dose certa do castigo. O tribunal segue firme quando a mãe se lança em jornadas extensas de trabalho e preserva sua vida social. Olhares de reprovação sempre rondaram a maternidade, só que as mulheres costumavam se calar, enquanto hoje começam a se manifestar sem medo de ser repreendidas — mesmo que o sejam. Os palpiteiros do século XXI agem à vontade sob o impulso de ventos antigos, culturais, que ainda situam a mulher na função de "cuidadora". Saiu do roteiro, digamos, padrão, e lá vêm as farpas. "Parte da sociedade compreende mal qualquer desvio do que é esperado nesse campo e nutre uma expectativa que não condiz com nenhuma realidade, especialmente com a mulher hoje emancipada e desempenhando um sem-número de papéis", diz o antropólogo Bernardo Conde, da PUC-Rio.

O assunto, como não poderia ser diferente nestes tempos, vem ganhando as redes, o que ajuda a tirá-lo do rol dos tabus. Recentemente, a atriz Thaila Ayala, 35 anos, pôs lenha no debate ao postar um vídeo em que desabafa contra críticas que passou a receber na internet desde o nascimento de Francisco, de 2 meses. "Temos medo de ser julgadas e por isso falamos pouco sobre as dificuldades de ser mãe", afirma a atriz. O tema foi levantado também em um muito comentando filme da Netflix, o excelente *A Filha Perdida*, baseado no livro da misteriosa escritora italiana Elena Ferrante, em que a personagem central, vivida por Olivia Colman, toma a radical de-

ARQUIVO PESSOAL

cisão de se afastar por três anos das duas filhas, deixando-as com o marido, de quem se separa, e de uma rotina que a sufoca. Ao expor os dissabores da maternidade, ela se instala na mira de quem não digere sua postura franca, que colide com a visão romanceada ainda em vigor. O julgamento dos outros pode agravar a culpa que persegue várias representantes do sexo feminino. "A mulher, diferentemente dos homens, se cobra por ter dificuldade em conciliar trabalho, estudo e tantos outros interesses com a maternidade", afirma a psicóloga Fabiana Esteca. É um sentimento tão claro e acentuado que ganhou nome, *guilty all the time* (culpadas o tempo todo), ou simplesmente GAT.

CADA MÃE, UMA CARTILHA

Desde que as gêmeas Cecília e Catarina, 5 meses, estavam na barriga, **Beatriz Milagre,** 25, ouve de tudo. Postou uma foto delas de fralda no verão e choveu gente falando que iam ficar resfriadas. "Não existe fórmula única."

Estudiosos dedicados às questões da maternidade advertem que a pior das armadilhas é sair em busca de um gabarito, tentando vestir o mesmo figurino de outras mães. A bússola para a criação dos filhos, afinal, tem a ver com o caldo cultural de cada família. A produtora Renata Pimenta, 37 anos, por exemplo, permite que Pedro, de 4, explore espaços públicos sem segurá-lo pela mão quando anda pela calçada. Seu objetivo é incentivá-lo desde muito cedo a desenvolver autonomia e responsabilidade. "Estou sempre por perto, supervisionando, e ele entende direitinho", assegura. A decisão, contudo, não passou incólume. "Sempre fazem comentários negativos, até xingamentos já ouvi", conta Renata. Conselheiros não faltam por aí para tecer suas teses, mesmo que ninguém os tenha consultado. Desde a gravidez, Beatriz Milagre, 25 anos, mãe das gêmeas Catarina e Cecília, de 5 meses, ouve mil e um pitacos. "Quando as meninas nasceram, percebi quanto a maternidade é romantizada e comecei a me sentir mal por não fazer

ARQUIVO PESSOAL

as coisas do jeito esperado", reconhece a administradora de empresas.

Embora não haja um único roteiro a ser seguido, e parte da graça da vida é a travessia de aprendizado, a ciência já chegou a algumas conclusões que podem ajudar a iluminar o atribulado dia a dia. De uma educação rígida no passado mais remoto, foi-se a um outro polo no anos 1970, quando se disseminou o movimento "autoestima positiva", em contraposição ao que era visto como uma camisa de força para o livre pensar. Os especialistas da atualidade defendem algo no meio do caminho, um misto de autonomia e limites.

O polêmico *Grito de Guerra da Mãe Tigre*, da escritora americana descendente de filipina Amy Chua, esquentou a discussão sobre a disciplina como ingrediente essencial à educação. Foi alvejada por muita gente pelo excessivo rigor, mas pôs à mesa a incontornável reflexão sobre o equilíbrio entre o sim e o não. Outra obra que fez o debate ferver foi o best-seller *Crianças Francesas Não Fazem Manha*, da americana Pamela Druckerman, que se mudou para Paris e ali notou que meninas e meninos eram menos dependentes e mimados. Concluiu que isso era resultado de uma combinação de limites sólidos, crianças envolvidas com a rotina da casa e uma dinâmica em que a maternidade não se torna o trabalho número 1 na vida dos pais. "A função deles é ajudar a controlar os impulsos dos filhos e ensiná-los a regular suas emoções", arremata a psicóloga Ceres Araújo. O jeito de chegar lá cabe a cada um. Quanto aos palpiteiros de plantão, vale o mandamento: não julgarás. ■

SEM TRÉGUA
A produtora cultural **Renata Pimenta,** 37 anos, surpreendeu-se quando amigos a alvejaram por manter com o ex-marido a guarda compartilhada de Pedro, 4. "Esperam que você seja mãe noite e dia", desabafa

Com reportagem de Nathalie Hanna Alpaca

MAR ABERTO

Além de explorar o espaço, a Nasa quer agora descobrir o que há nas profundezas extremas dos oceanos, onde nenhum homem jamais esteve **SABRINA BRITO**

É SEGURO dizer que, desde o início da corrida espacial, em meados dos anos 1950, acumulamos mais conhecimento sobre o espaço e o cosmo do que sobre as profundezas dos oceanos. Até crianças sabem que Marte é um planeta vermelho, frio, árido e rochoso, que vem sendo explorado por pequenos veículos, os rovers, de vários países. O que se conhece sobre o fundo dos mares, porém, resume-se a 15% de sua vasta extensão. Por ambas as explorações estarem tão conectadas em seus objetivos de ir até onde nunca nenhum ser humano jamais pôs os pés, a agência espacial americana, a Nasa, decidiu mergulhar com ímpeto na aventura marinha. É um belo passo para a humanidade.

A ideia é explorar principalmente o que os oceanógrafos chamam de Zona Hadal, faixa marítima que começa a partir de 6 500 metros de profundidade. É o trecho do mar por onde se estende a Fossa das Marianas, no Oceano Pacífico, um dos pontos mais fundos conhecidos, que chega a até inacreditáveis 11 quilômetros da superfície, no qual a pressão equivale a 1 tonelada por centímetro quadrado. Para percorrer esse território, os americanos estão desenvolvendo um veículo autônomo, o Orpheus. Os primeiros testes foram feitos em meados do ano passado. Ele pode trabalhar sem restrições em quase todos os lugares do oceano, incluindo as profundezas mais extremas. Espera-se que um pelotão desses robôs construa mapas 3D dessas vastas áreas inexploradas.

Na década de 70, cientistas da Dinamarca, Alemanha, Reino Unido e Japão encontraram microrganismos habitando essa região. A 8 000 metros de profundidade, foi achado um peixe de 15 centímetros, o *Pseudoliparis swirei*. O que mais há por lá? Áreas profundas representam uma grande fronteira para o conhecimento humano, especialmente quanto à biodiversidade. "Quase 40% das espécies recém-descobertas no mar profundo são novas", diz Alexander Turra, professor do Instituto Oceanográfico da USP e coordenador da Unesco para a Sustentabilidade do Oceano. "O potencial para descobertas é enorme."

Os organismos que vivem nesses ambientes extremos têm adaptações especiais para que possam se desenvolver. Os ecossistemas simulam tanto características da Terra no início da formação da vida quanto algumas condições inóspitas que podem ser encontradas em outros planetas. Trata-se de muita pressão e profundidade, frio, pouca luz e altas concentrações de compostos que normalmente não permitiriam a vida como a conhecemos, mas apenas a de organismos microscópicos. "Devemos olhar para a biologia do nosso planeta para entender a dos outros", alerta Turra.

Recentemente, a Nasa completou um período de seis anos mapeando o derretimento de icebergs na Groenlândia com o intuito de monitorar o progresso da perda de gelo e do aquecimento global. Agora, a exploração dos oceanos terrenos vai permitir que a agência espacial adquira conhecimento para investigar, por exemplo, Europa, uma das luas de Júpiter, coberta por um gigantesco oceano de água salgada. As condições ambientais de lá são semelhantes àquelas encontradas na Zona Hadal. Além disso, os americanos poderão usar o aprendizado para estudar o gelo lunar em sua próxima missão ao satélite natural ainda neste ano.

POR QUE OLHAR PARA BAIXO?

O que explica a nova investida da agência espacial americana

Tanto os oceanos quanto o espaço são ambientes pouco conhecidos pelo homem

+

O oceano e o espaço contam com condições desafiadoras, como as diferentes pressões e a falta de recursos essenciais à vida humana

+

Descobertas nas profundezas dos oceanos podem ajudar na corrida espacial

MERGULHO Orpheus em ação: o robô vai buscar novas formas de vida marinha

EVAN KOVACS/WHOI

JPL-CALTECH/NASA

MARTE Rover: experimentos nas águas deverão ajudar na corrida espacial

A exploração dos oceanos é essencial para a documentação de aspectos do ecossistema marinho que podem ser usados em pesquisas futuras e em setores como a indústria alimentícia, energética e médica. Além disso, é importante para a preservação dos mares, para entender a mudança climática e fenômenos como terremotos e tsunamis, cada vez mais presentes nos noticiários. “A Nasa sozinha não fará todo esse serviço”, ressalta o especialista da USP. “É preciso haver cooperação internacional para cumprir o grande desafio que é o mapeamento da biodiversidade do fundo do mar antes que nós a extinguamos.” O Brasil tem especialistas na área, mas faltam recursos. Convém mergulhar nessa missão, investir em ciência e tecnologia e criar condições para que também possamos fazer parte da força-tarefa. Antes que seja tarde demais para o planeta. ■

PEKIC/GETTY IMAGES

FARRA Distração de gente grande: o público grisalho conta até com conteúdo específico em canais do YouTube

O VOVÔ QUER JOGO

Mais digitalizados, os idosos descobrem os benefícios dos videogames. Além de brincar, eles mantêm a saúde mental em dia **SABRINA BRITO**

NÃO É DE HOJE que a tecnologia deixou de ser um hobby exclusivo dos jovens. Sessentões, setentões, oitentões — ou até mais do que isso — representam fatias relevantes do consumo de produtos eletrônicos e recebem atenção crescente da indústria, que desenvolve estratégias específicas para despertar o interesse desse público. Foi assim com os smartphones, e-readers, tablets e outros gadgets. Agora, a nova fronteira da digitalização que a turma grisalha está desbravando é ainda mais ousada: o mundo dos games.

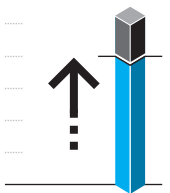
O setor cresce em ritmo acelerado em todas as faixas etárias, fenômeno que ganhou impulso com o isolamento social imposto pela pandemia. Em 2021, o valor movimentado pela indústria de videogames superou os 300 bilhões de dólares, mais do que os mercados de música e cinema combinados, segundo a consultoria Accenture. O mundo tem 2,7 bilhões de gamers e o número deverá chegar a 3,1 bilhões até 2024. A surpresa vem agora: parte significativa desse público será composta de pessoas da terceira idade.

De acordo com dados da empresa de pesquisa Euromonitor, 21% dos cidadãos com mais de 60 anos jogam videogames no mundo. O número chama a atenção, mas faz sentido. A mesma pesquisa mostrou que 82% dos consumidores com seis décadas ou mais de vida têm acesso a smartphones e 45% utilizam aplicativos de bancos. Com esse grau de digitalização — e a facilidade de jogar em aparelhos de celular — o acesso aos games passa a ser um caminho natural. Tanto é assim que, nos últimos três anos, detectou-se um aumento de 32% entre os gamers de 55 a 64 anos, conforme levantamento da GlobalWebIndex.

O interesse dos veteranos por jogos eletrônicos cresceu de tal manei-

NÃO TEM IDADE

Pesquisa mostra que os mais velhos estão abertos à diversão

21%
das pessoas com mais de 60 anos jogam videogames regularmente

Em três anos, o número de jogadores entre 55 e 64 aumentou
32%

24%
dos pais e avós gostam de jogar videogames com os filhos e netos

Fontes: *Euromonitor e GlobalWebIndex*

HUNTER MARTIN/GETTY IMAGES

INTERAÇÃO Campeonato: entretenimentos on-line favorecem a sociabilidade

ra que já existem até blogueiros gamers com muitos anos de vida. Um dos melhores exemplos é a japonesa Hamako Mori, considerada pelo *Guinness* a gamer mais velha do planeta. Na casa dos 90 anos, ela conta com pouco mais de 534 000 seguidores. Pelo YouTube, eles assistem à desenvoltura com que Mori passeia por jogos agressivos, como *GTA 5* e *Resident Evil*, ou títulos contemplativos, como *Minecraft*.

Outros canais para esse público são ainda mais populares. Além de proporcionar diversão e prazer, videogames podem ser especialmente interessantes para os mais velhos em razão dos benefícios à saúde física e mental que eles podem oferecer. De acordo com um estudo publicado no periódico científico *Proceedings of the National Academy of Sciences*, gamers de 70 a 80 anos de idade são capazes de realizar diversas tarefas com a mesma habilidade de pessoas até 50 anos mais jovens, uma vez que a coordenação motora e a atividade cognitiva exigida pela prática mantêm o cérebro mais jovem. Pesquisas mostraram ainda que o hábito de jogar videogames pode eventualmente desacelerar o surgimento de doenças neurológicas, como o Alzheimer. “São benefícios significativos, segundo apontam os estudos”, afirma Venceslau Coelho, médico do Serviço Geriatra do Hospital das Clínicas. “É uma forma de treinar atenção e memória a partir da diversão que os games oferecem. Os idosos estão protegendo o cérebro ao jogar.”

Isso ocorre porque jogos eletrônicos exigem que a pessoa realize diferentes tarefas em ordens específicas, utilize o raciocínio lógico, planeje suas próximas ações e explore o ambiente ao seu redor — atitudes que certamente estimulam a mente. Em um estudo, voluntários de 55 a 75 anos passaram meia hora jogando o clássico *Super Mario 64* diariamente durante seis meses. Ao final da pesquisa, publicada no periódico científico *Plos One*, eles apresentaram melhorias na memória de curto prazo e maiores quantidades de matéria cinzenta no cérebro do que aqueles que não tinham o hábito de jogar. Os games também oferecem benefícios sociais. Muitos permitem que os praticantes disputem partidas on-line, interagindo com pessoas em diversas partes do mundo. Embora o envelhecimento seja um destino inevitável, já é possível, com a ajuda da ciência e da medicina, retardar alguns de seus piores efeitos. Se for para trabalhar a mente, por que não fazer isso enquanto a pessoa se diverte? Não há dúvida: está na hora de o vovô e a vovó entrarem no jogo. ■

NA CHINA Área de competição: no futuro, poucas cidades no mundo terão as condições naturais para receber o evento

ENTRANDO NUMA FRIA

Primeira Olimpíada de Inverno a usar neve 100% artificial, Pequim é reflexo de uma tragédia ambiental anunciada pelo aquecimento global **ALESSANDRO GIANNINI**

EM 1980, os organizadores dos Jogos Olímpicos de Inverno de Lake Placid, nos Estados Unidos, assustaram-se quando a falta de nevascas nas montanhas da charmosa vila no estado de Nova York impediu que as pistas de cross-country fossem cobertas pelo gelo. Para receber as competições, eles foram obrigados a contratar caminhões abarrotados de neve artificial. Foi a primeira vez que o mundo esportivo enfrentou o que, soube-se mais tarde, era reflexo dos efeitos das mudanças climáticas. Com o passar dos anos, e o avanço do aquecimento global, o cenário agravou-se. Nos Jogos de Sochi-2014, na Rússia, 80% da neve usada nas arenas esportivas era artificial. Em PyeongChang-2018, na Coreia do Sul, o índice chegou a 90%. A nova edição da Olimpíada de Inverno, aberta oficialmente na sexta-feira 4, em Pequim, quebrou um triste recorde. Toda a neve do evento — sim, 100% — não veio dos desígnios da natureza, mas de fábricas erguidas pelo homem.

A neve natural está escasseando em muitas regiões do mundo, inclusive nas duas áreas próximas a Pequim, Yanqing e Zhangjiakou, onde acontecerão as provas de montanha. O problema é que também falta água,

IMENSIDÃO BRANCA

Conheça o processo de fabricação

1

Como a neve natural, a artificial consiste em uma simples mistura de água e ar

2

Canhões são usados para cristalizar os flocos e simular a queda de neve

3

Na boca dos aparelhos, canos perfurados pulverizam microgotas, que se misturam ao ar frio

KOKI KATAOKA/THE YOMIURI SHIMBUN/AFP

4

No contato, as gotículas formam flocos de neve

5

Algoritmos calculam a quantidade de ar e água que deve se misturar com base na temperatura e umidade

6

Os equipamentos incorporam potentes ventiladores para espalhar a neve na pista

Fonte: *TechnoAlpin*

MADDIE MEYER/GETTY IMAGES

PERIGO
Na pista antinatural: a superfície pode ser imprevisível e perigosa

matéria-prima para a fabricação mecânica dos flocos. Cria-se, como consequência, um círculo vicioso que poderá pôr em risco a realização de futuros Jogos. Em Pequim, a fabricação da neve será feita pela empresa italiana TechnoAlpin, fornecedora dos 100 geradores e 300 canhões que trabalharão para cobrir as pistas de esqui com um manto de neve branco, fofo e antinatural. A tecnologia envolve o uso de ferramentas que produzem uma mistura de água e ar comprimido. No contato com o ar frio, que é regulado por meio de um algoritmo, as microgotas congelam-se e formam cristais de neve a caminho do solo. Os equipamentos trazem potentes ventiladores que lançam os flocos nas pistas.

Ambientalistas calculam que os chineses usarão 185,5 milhões de litros de água de fontes naturais na produção de neve artificial, embora os organizadores dos Jogos assegurem que o atual sistema de fabricação empregue 20% menos líquido do que outros métodos. Além disso, o comitê acrescentou que o abastecimento local não será prejudicado, porque serão adotados métodos de reciclagem como coletar neve derretida em lagos de retenção e acondicionar o excesso das chuvas de verão em depósitos.

Um estudo realizado por pesquisadores do Sport Ecology Group, da Universidade Loughborough, na Inglaterra, e pelo grupo ambiental multinacional Protect Our Winters mostrou que não é tão simples assim. "Não se trata apenas do uso intensivo de água e energia, frequentemente associado a produtos químicos que retardam o derretimento", diz o relatório. "O uso de neve artificial oferece uma superfície que muitos concorrentes dizem ser imprevisível e perigosa." De acordo com a pesquisa, estações de neve irregulares e o derretimento rápido das coberturas de baixo nível estão se tornando mais comuns. "O risco é claro: o aquecimento causado pelo homem está ameaçando o futuro dos esportes de inverno", diz o levantamento. "Também está se reduzindo o número de locais climaticamente adequados para os Jogos de Inverno."

Desde que Chamonix abrigou os primeiros Jogos de Inverno, em 1924, 21 cidades serviram de sede das competições. Os pesquisadores avaliam que, até 2050, apenas dez terão os níveis naturais de queda de neve para sediar um evento dessa natureza. A francesa Chamonix está numa lista de alto risco, assim como localidades na Noruega, França e Áustria. A experiência chinesa mostra que já chegou o dia em que se depende de máquinas e não da natureza para competir na neve. E o cenário tende a piorar. ■

DIVULGAÇÃO

LAURA SCIACOVELLI/DIVULGAÇÃO

NOBRE DESCANSO
Passeio onírico: Amaka *(à esq.)* optou pelo conforto do conjunto fluido. Acima, o modelo Dior foca na estampa. À direita, o versátil pijama de Zegna. Basta o paletó para parecer um terno

DIVULGAÇÃO

DORMIR É UM LUXO

Grifes como Dior e Ermenegildo Zegna lançam coleções de pijamas que, de tão belos, levam a elegância ao mundo dos sonhos **SIMONE BLANES**

VESTIR UM PIJAMA de seda ou cetim, apostar em estampas diferenciadas ou investir em peças de grife para o repouso noturno está nos sonhos de 2022. Há um modo de medir o fenômeno: na plataforma digital Pinterest, a procura por imagens de peças para dormir entre seus 400 milhões de usuários ao redor do mundo teve um crescimento exponencial. As camisolas e conjuntos de cetim e seda femininos, por exemplo, geraram oito vezes mais buscas, enquanto dobraram as pesquisas das versões masculinas.

Os pijamas alcançaram o status de roupa nobre quando passaram a ser o figurino predileto na pandemia — alternados com os moletons, é claro. Nos últimos dois anos ganharam espaço tão nobre que muita gente começou a usar a vestimenta para ficar em casa, sem aquele ranço de virar o dia e a noite de pijama. Ao contrário, tornaram-se opção de bem-estar e elegância. “É uma mistura perfeita”, diz o estilista Dudu Bertholini. “Hoje, o chique é confortável e o confortável é chique.”

O resultado dessa transformação de conceito está sendo visto agora nas apresentações de grifes como Dior, que na divulgação de sua mais recente coleção, a Chez Moi, mostrou modelos deslumbrantes, e Ermenegildo Zegna. A marca italiana criou opções para homens cheias de bossa. Se olhadas rapidamente, podem até ser confundidas com uma roupa despretensiosamente elegante para sair em uma tarde luminosa de verão.

LUCILIA DINIZ

ROBERT KAMAU/GC/GETTY IMAGES

ROUPA DE SAIR Victoria Beckham: ela usou a clássica versão xadrez como roupa para o dia

E por que não? É o que muitas fashionistas como Victoria Beckham e a atriz Sarah Jessica Parker costumam fazer por aí quando desfilam seus belos pijamas nas ruas. Cometem uma transgressão — delicadamente planejada —, subvertendo a ordem do que se convencionou chamar de roupa íntima. Estão afinadíssimas com a essência do comportamento atual. “O que a moda contemporânea faz de mais forte é bagunçar as regras”, diz o estilista Bertholini. Mesmo assim, pijama é o dress code para o repouso noturno. Ainda mais nestes tempos em que a casa virou o lugar principal para tudo e todos, dormir também tornou-se um luxo. Não à toa, o mercado global de roupa para se deitar, estimado em 10 bilhões de dólares em 2021, deve dobrar nos próximos cinco anos. Eis aí um reflexo inesperado da pandemia. ■

LIÇÕES TARDIAS

A vida nunca deixa de nos abençoar com novos ensinamentos

OUTRO DIA acordei com um pouco de tosse. Fossem outros os tempos, tomaria um xarope e tocaria o dia. Mas, como os tempos atuais não permitem tal displicência, fiz o teste, e não deu outra: estava com Covid. São tantos os casos que o meu nem valeria registro, até porque, devidamente vacinada, não apresentei outros sintomas. Se resolvi contar o episódio, foi pela lição que dele tirei: quando você acha que determinada situação está sob controle, aí é que é a hora de manter a guarda alta. Devemos sempre estar atentos ao menor sinal de perigo, sobretudo quando ele não é aparente. A desatenção sempre será nossa inimiga. É justamente quando relaxamos que as coisas acontecem.

Pois foi o que me aconteceu. Com baixa exposição a situações de risco em potencial, e tendo tomado todos os cuidados básicos, achei que o vírus não cruzaria o meu caminho. Mas essa variante ômicron, como não se cansam de dizer os médicos, é mesmo perigosamente esperta, ela acha caminhos insuspeitos para se esgueirar para dentro do nosso corpo. Resultado: durante o período de incubação do vírus em alguém, achando que eu estaria a uma distância segura das pessoas mantendo o uso da máscara o tempo todo, acabei me expondo ao coronavírus de um modo que nem eu consigo entender.

Não baixar a guarda é uma daquelas lições tardias que a vida nos ensina. Aproveitei o período da quarentena de praxe para revisitar outras lições que têm me norteado ao longo dos anos. Acredito, por exemplo, que nosso maior inimigo somos nós mesmos, que com frequência nos boicotamos sem nos darmos conta. O outro pode até atrapalhar — se lhe conferirmos esse poder —, mas não estará ao nosso lado em tempo integral. Quando olhamos no espelho, não é ele que nos encara. É preciso prestar atenção, e pôr esse adversário sorrateiro em seu devido lugar — eis a lição.

Outro ensinamento que penso ser útil compartilhar é não nos compararmos aos outros. Cada um tem suas qualidades e aptidões. O desafio é descobrir as nossas — e explorá-las ao máximo. Não procure ser melhor que o seu vizinho, evite a tentação de se medir com a régua alheia. Tente apenas ser melhor do que você foi ontem, procure aprimorar a sua própria versão. Olhar para dentro, e não para o lado, já é um bom começo. Nesse sentido, talvez o melhor de todos os investimentos seja em você mesmo. O dinheiro gasto em educação, saúde, bem-estar nunca gera descontentamento.

> “Olhar para dentro, e não para o lado, é um bom começo. O melhor de todos os investimentos é em você mesmo”

Por fim, em vez de focar aquilo que lhe falta, valorize o que já tem. Há desejos que são genuínos e outros que resultam de uma necessidade inventada. Conhecer um destino longínquo e exótico, por exemplo, é realmente algo que fará grande diferença em sua vida? Se sim, reserve a passagem assim que possível. Mas pode ser que uns minutos de reflexão lhe digam que as conhecidas praias e montanhas aqui perto o fariam igualmente feliz. Como anotou meu irmão Abilio, “as pessoas podem copiar tudo o que a gente faz, mas não o que a gente é”.

Uma das belezas da experiência humana é que, independentemente da nossa idade, a vida sempre nos abençoa com novas lições — uma regra que até a Covid pode confirmar. ■

ISTOCK/GETTY IMAGES

AZUL Exposição à energia emitida pela tela do computador: quebra de proteínas vitais para a resistência da cútis

A LUZ QUE ENVELHECE

Passar horas em frente ao computador ou ao celular sem proteção acelera o processo de perda de viço da pele. É hora de se render aos filtros solares coloridos **CILENE PEREIRA**

USAR PROTETOR solar todos os dias, faça chuva ou faça sol, é hábito de muita gente. Ainda bem, porque representa escudo vital contra os prejuízos causados pela incidência da luz natural. Sem proteção, há risco de danos ao material genético das células, atalho para o surgimento de tumores como o melanoma, um dos mais agressivos e difíceis de ser tratados. Além disso, o cuidado permanente evita o aparecimento de rugas. O que ainda não entrou na rotina da maioria das pessoas é o costume de usar os produtos que representem algum tipo de defesa para a pele contra a chamada "luz visível" — ou "luz azul" —, irradiada pelo sol, sim, mas também por lâmpadas de LED e tela de computadores, smartphones e aparelhos de televisão. Esse tipo de energia está associado a um extremo desgaste cutâneo que termina por estimular o envelhecimento precoce, a flacidez e o brotar de manchas. E não há dúvida: passamos mais tempo diante de telas do que ao ar livre.

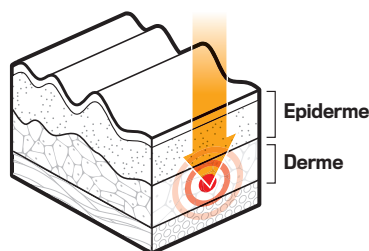
Na verdade, a informação dos malefícios da energia visível à pele é relativamente nova. Ela começou a ser discutida entre médicos e cientistas nos anos 2000, muito tempo depois de a ciência ter apontado os impactos nocivos das radiações UVA e UVB, emitidas primordialmente pelo sol, tanto sobre a vitalidade da cútis quanto em relação ao DNA. Atualmente, o que se sabe é que os efeitos desse tipo de luz no processo de envelhecimento da pele estão relacionados principalmente ao componente de pigmentação. "Portanto, seriam clinicamente mais visíveis em pacientes com hiperpigmentação cutânea, como o melasma, ou pessoas com a pele mais morena e com tendência à vermelhidão", diz o dermatologista Adilson Costa. Trabalhos recentes, contudo, detectaram também a produção de radicais livres, moléculas instáveis associadas ao envelhecimento precoce da pele que podem surgir em qualquer tipo de cútis. Isso basicamente estende a todos a influência nociva sobre a beleza

IMPACTO PROFUNDO

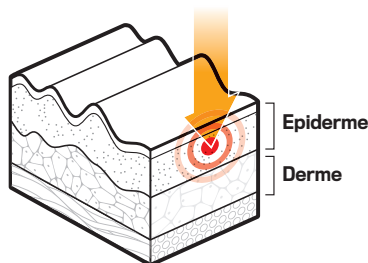
As diferentes radiações e seus efeitos

UVA

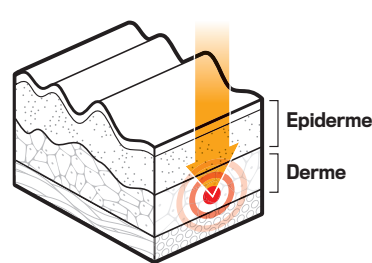
Principal emissor: Sol

Penetra na **derme,** a camada intermediária da pele. Danifica o colágeno e a elastina, proteínas que dão sustentação e elasticidade à cútis, respectivamente. Está associada ao câncer de pele quando não há proteção

UVB

Principal emissor: Sol

O comprimento de onda é menor. O raio chega à camada mais superficial, a **epiderme.** É responsável pela vermelhidão e por queimaduras e está na origem de tumores

LUZ VISÍVEL

Principais emissores: Sol + telas de computador, celulares, lâmpadas de LED e aparelhos de TV

Atinge a **derme** e está associada ao envelhecimento cutâneo e ao surgimento de manchas

da pele. Não há indicações de que a radiação de aparelhos eletrônicos tenha vínculo com o câncer.

Seria bem mais tranquilo se a proteção contra a luz azul pudesse ser feita da mesma forma que a adotada em relação aos raios solares UVA e UVB. Bastaria pegar firme no uso dos protetores mesmo dentro de casa. No entanto, há obstáculos. A luz azul também é gerada pelo sol e, claro, em potência muito maior. É uma armadilha silenciosa. “Alguns estudos demonstram que a quantidade da radiação emitida pelos equipamentos eletrônicos é inferior à da potência da radiação emitida pelo sol”, justifica Nathalia Harnam, diretora da L’Oréal Cosmética Ativa, divisão da empresa francesa que tem em seu portfólio algumas das marcas de dermocosméticos mais respeitadas do mundo. Ou seja: os danos causados pela luz visível proveniente da radiação solar são bem maiores do que os provocados pela tecnologia. Há artigos científicos mencionando que uma hora e meia a duas horas e meia de exposição à luz do sol, sem proteção solar, seriam equivalentes a 1 952 horas de exposição à luz visível de um aparelho eletrônico a 30 centímetros de distância. Há solução? Em parte, sim. Os únicos protetores que oferecem defesa também contra essa radiação azulada são os que contêm cor. “O pigmento presente na formulação de fotoproteção com cor é muito importante, pois ele atua como uma barreira física de fato, refletindo essa radiação como um espelho”, explica Nathalia Harnam.

Conclusão: para a proteção ser completa, o ideal é que os protetores tenham pigmentos coloridos. Há vários no mercado, como os de cor laranja, que, segundo os fabricantes, oferecem 95% de barreira. O problema é convencer os consumidores a usar os produtos, cujas texturas ou tonalidades às vezes não caem bem. Homens, especialmente, são avessos ao uso de filtros de qualquer tipo, o que dirá ao desses, tingidos. Mas com um pouco de esforço é possível encontrar os mais adequados e discretos e, dessa forma, encarar o sol, o trabalho ou o descanso na frente da TV sabendo que a pele está sob escudo protetor. A saúde agradece. ■

NA PRAIA
Raios solares: há radiação nociva além da UVA e da UVB

URILUX/GETTY IMAGES

É PIQUE! É HORA!

A letra em português de *Parabéns a Você*, cantada nos aniversários, completa oitenta anos e sua inusitada história inspira romance policial para o público juvenil **ANDRÉ SOLLITTO**

GALLO IMAGES/GETTY IMAGES

CELEBRAÇÃO Popular: a versão original sofreu mudanças com o tempo

A LISTA das músicas mais tocadas no Brasil nos últimos vinte anos traz algumas obviedades e uma surpresa. De acordo com o Escritório Central de Arrecadação e Distribuição (Ecad), a liderança é ocupada por *Ai Se Eu Te Pego*, o onipresente sucesso de Michel Teló. *Get Lucky*, da dupla francesa Daft Punk, que dominou as pistas e rádios em 2013, aparece na terceira posição. O inesperado está no segundo posto, entre as duas canções: o tradicionalíssimo *Parabéns a Você*, entoado em praticamente todos os aniversários nas diferentes regiões do país, nas mais diversas classes sociais e em qualquer idade, para crianças que completaram seu primeiro ano de vida ou para velhinhos centenários que não se cansam de repetir os mesmos versos por décadas a fio. A mágica canção faz agora, no próximo domingo, 6 de fevereiro, oitenta anos muito bem vividos — e, como mostrou o Ecad, ela continua indissociável da vida de cada um de nós.

Antes de chegar à versão brasileira, porém, é preciso voltar no tempo. Em 1875, as irmãs americanas Mildred e Patricia Smith Hill, professoras de uma escolinha primária em Louisville, no Kentucky, criaram a melodia original. Elas repetiam *"Good morning to all"* ("Bom dia a todos") quatro vezes como uma forma simpática de receber os alunos. Anos mais tarde, em 1924, a melodia apareceu no livro de partituras *Celebration Songs*, de Robert Coleman, com nova letra: *"Happy birthday to you"*, repetida quatro vezes. Na terceira, *you* dava lugar ao nome do aniversariante. Coleman não deu o crédito às irmãs Hill, foi processado e perdeu. Mais tarde, a canção apareceu em um musical da Broadway, em 1933, e começou a se espalhar pelo mundo.

Foi assim que chegou ao Brasil. Turistas americanos de passagem pelo país comemoravam seus aniversários cantando *Happy Birthday to You* em locais sofisticados como o Cassino da Urca. A música ficou tão popular que todos a repetiam mesmo sem saber direito a letra. O locutor Henrique Foréis Domingues, conhecido pelo apelido de "Almirante", decidiu reagir quando viu o estrangeirismo. Defensor da música brasileira, ele lançou, em outubro de 1941, um concurso no programa *A Orquestra de Gaitas*, da Rádio Nacional, para escolher uma letra em português.

A vencedora foi a discreta dona de casa Bertha Celeste Homem de Mello, então com 40 anos. Filha de fazendeiros e moradora de Pindamonhangaba, no interior de São Paulo, Bertha tinha se formado em letras e farmácia, mas nunca exerceu as profissões. Gostava de participar de concursos de rádio e escrever poemas. Contava que teve a ideia em cinco minutos e pediu para que um funcionário da casa levasse a carta com os versos ao correio.

A letra original que cativou o júri era um pouco diferente do que cantamos hoje. Ela dizia "Parabéns, parabéns / Nesta data querida / Muita felicidade / Muitos anos de vida". Quando foi gravada, em 1944, pelo grupo Milionários do Ritmo, ela sofreu a primeira alteração: "Parabéns a você". Outras mudanças, como "Parabéns pra você" e "Muitas felicidades", causavam incômodo em Bertha.

A segunda parte da música não foi escrita pela poetisa. A versão mais aceita da história diz que se trata de um apanhado de bordões dos alunos da Faculdade de Direito do Largo São Francisco. "É pique, é pique", por exemplo, veio do apelido de um deles, conhecido por andar sempre com uma tesoura no bolso para aparar o

MUITOS ANOS DE VIDA

As datas mais relevantes da famosa canção

1875

Foi composta a melodia original de **Happy Birthday to You**

1941

Uma rádio do Rio de Janeiro lançou um concurso para a versão da letra em português. ***Bertha Celeste,*** *poetisa e professora de Pindamonhangaba (SP), venceu o certame*

1944

Saiu a primeira gravação da música, feita pelos ***Milionários do Ritmo***

1954

A letra foi cantada por uma multidão na festa do ***IV Centenário de São Paulo,*** *caindo no gosto do público*

2069

Data em que a letra de Bertha cairá em ***domínio público***

REPRODUÇÃO

AUTORA Bertha Celeste: a poetisa escreveu a letra em poucos minutos

bigode. "É meia hora, é hora, é hora, é hora" fazia parte de uma brincadeira com o tempo que a cerveja demorava para resfriar nas barras de gelo do Ponto Chic, no centro de São Paulo. E "Rá-tim-bum", na verdade, era "rá, já, tim, bum", piada com o nome de um rajá indiano. Convidados para animar festas de aniversário, eles juntaram seus gritos à letra de Bertha.

Os pormenores da história foram reunidos pelo jornalista Marcelo Duarte, autor da série de almanaques *Guia dos Curiosos.* Há pouco mais de dez anos, quando a letra da canção completaria setenta anos, ele decidiu buscar as origens da música e escrever um livro sobre o tema. Conversou com Eliana Homem de Mello Prado, única neta de Bertha, e vasculhou edições antigas de jornais para encontrar as menções ao concurso e à repercussão do evento. Duarte acabou engavetando o projeto ao perceber que o livro ficaria muito pequeno.

Com a pandemia, resolveu rever o material e teve uma ideia. "Decidi escrever ficção a partir de um fato verdadeiro, como Rubem Fonseca fez em *Agosto*", diz. O resultado é *Parabéns a Você,* trama policial destinada a jovens leitores que chega agora às livrarias. O curador de curiosidades, como se apresenta, incluiu o material da pesquisa original na forma de "bastidores da ficção". É uma justa homenagem a uma canção que, cedo ou tarde, todos nós cantaremos. É pique! ■

O FIM DA INOCÊNCIA

Com *Além da Ilusão*, sua primeira novela na Globo, Larissa Manoela se desfaz de vez da imagem de atriz infantil para assumir as alegrias (e agruras) da vida adulta **RAQUEL CARNEIRO**

REQUISITADA Larissa: contrato com a Globo e acordo de sucesso com a Netflix ao mesmo tempo

INSTAGRAM @LARISSAMANOELA

FABIO ROCHA/TV GLOBO

MOCINHA Danilo Mesquita, Larissa e Rafael Vitti: triângulo em *Além da Ilusão*

LARISSA MANOELA tem um modo peculiar de chamar suas personagens. "São minhas meninas", diz ela a VEJA. O trato afetuoso vai da vilã pop Maria Joaquina, de *Carrossel* (2012), que a consagrou como atriz infantil aos 11 anos, até Elisa e Isadora, irmãs que serão vividas por Larissa, agora aos 21, nas diferentes fases de *Além da Ilusão* — sua primeira novela da Globo, que estreia na segunda-feira 7, na faixa das 6. "São duas meninas especiais, vivendo num período em que as mulheres não tinham voz", conta Larissa por vídeo de seu novo apartamento na Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro. A trama de época marca uma guinada na carreira da jovem de Guarapuava, no interior do Paraná: de estrelinha-prodígio do SBT, ela agora encara o desafio de ser um rosto do alto escalão da maior emissora do país. De uma ponta a outra, foram muitas as "meninas" pelo caminho — todas peças de um delicado planejamento de carreira para substituir a imagem juvenil pela de mulher emancipada.

Expoente da Geração Z, Larissa tinha só 4 anos quando deu início à peregrinação de testes para propaganda e TV, levando a família a se mudar para São Paulo. Ela cresceu não só sob a pressão da fama, mas também de um mundo pautado pelas redes sociais. A curiosidade a respeito de sua vida pessoal começou cedo — aos 13 anos, ela teve o primeiro namorado —, assim como o interesse por fotos da adolescente de biquíni na praia. Enquanto muitas ex-estrelas infantis entram rapidamente de cabeça na exploração da sensualidade para marcar uma nova fase de vida e de carreira, Larissa e os pais, Gilberto e Silvana Elias Santos, também seus empresários, optaram por outro tipo de transição de imagem, que vem sendo feita de forma lenta, gradual e segura. "Não faria sentido fazer essa passagem de forma abrupta. Não quero chocar as pessoas, mas, sim, tocá-las com meu trabalho", diz a atriz.

O INÍCIO A atriz aos 11 anos, em *Carrossel:* cativante apesar da vilania

SBT

Assim, Larissa foi das novelas infantis para o cinema adolescente, no qual fez bilheterias milionárias até fechar uma parceria com a Netflix e, finalmente, assinar com a Globo (tem um raro vínculo de longo prazo na rede hoje, com salário na casa dos 80 000 reais). Larissa, aliás, ostenta o crachá das duas empresas cobiçadas: a Globo teve de abrir uma exceção para sua nova contratada, que manteve o acordo com a plataforma americana — onde lançará mais um filme original após o término da novela. Enquanto isso, ela se orgulha de dominar o ranking de mais vistos da Netflix. "Acho lindo ver a carinha da Lari ali", diz, falando de si na terceira pessoa.

Ultimamente, essa carinha apareceu em destaque na plataforma com as novelas do SBT *Carrossel* e *Cúmplices de um Resgate*, e o recente filme *Lulli*. Na comédia produzida pela Netflix, vive uma estudante de medicina que escuta pensamentos. Em um mês, *Lulli* passou de 21 milhões de horas assistidas, tornando-se assim mais uma das cifras impressionantes de Larissa. No Instagram, soma 43 milhões de seguidores e cobra 150 000 reais por um post comercial. Popular com o público feminino de 20 e poucos anos, ela vem associando sua imagem a grandes marcas de beleza e de moda, atraindo as cobiçadas classes A e B. Seu cachê publicitário é estimado em 2 milhões de reais. Empreendedora, ainda é dona da LariCel, uma operadora de telefonia celular.

Acostumada à rotina frenética na vida profissional e pessoal, Larissa se viu trancada em casa em 2020 com a pandemia. Foi quando percebeu que precisava olhar para si. "Não sou perfeita", diz ela — mas sem revelar seus defeitos. Hoje, a rotina inclui ioga e terapia para manter a mente sã. Solteira no momento, garante que está aprendendo a "se amar primeiro". A inocência deu lugar ao amadurecimento. ■

ARQUIVO PESSOAL

NUNCA DESISTI DELA

Reinaldo Júnior, 39, conta o sufoco que passou depois que sua inseparável cachorra desapareceu em Guarulhos

O QUE ERA PARA SER uma viagem de sonhos, daquelas que mudam o curso da vida, virou um doído pesadelo. Estava indo do Recife para Navegantes, em Santa Catarina, de onde seguiria para Genebra, na Suíça. Tenho uns amigos lá e arranjei emprego na cozinha de um restaurante. Só não podia deixar para trás Pandora, a cadelinha vira-lata de orelhas pontudas que adotei há cinco anos e de quem não me separo. Em 15 de dezembro, embarcamos, eu na cabine, ela no compartimento de cargas. Estava feliz, leve. Foi na conexão em Guarulhos que senti um buraco se abrir em meu peito: me avisaram que a cachorra havia desaparecido no aeroporto. A companhia aérea dizia que ela tinha roído a caixinha onde era transportada, o que não se confirmou. Bateu o desespero. Decidi que não iria prosseguir viagem e comecei a fazer de tudo para encontrar Pandora. Foram 46 dias de sofrimento, mas também de esperança. Nunca desisti dela.

A empresa aérea me instalou em um hotel. Aí, minha rotina passou a ser acordar cedo e sair para procurar Pandora em tudo que é canto. Distribuía panfletos com a foto dela no saguão, nos arredores do aeroporto e nos bairros da cidade. Minha insistência fez a notícia circular em grupos de WhatsApp de funcionários e passageiros que estão sempre por ali. A história despertou também o interesse de associações de defesa dos animais, que me ajudaram a espalhar a informação. Uma pessoa, que me apoia até hoje, ficou sabendo do caso e gentilmente me hospedou depois que a companhia aérea suspendeu o hotel, decisão que felizmente seria revertida. A corrente de solidariedade que se formou me tocou muito e ao mesmo tempo me surpreendeu. Cheguei a receber mensagens de apoio dos Estados Unidos, Suíça, Bélgica, Itália. O elo do ser humano com os cães não tem fronteiras, é universal.

Fiquei o tempo todo alerta, ativo, correndo atrás, mas isso não aplacava minha agonia. Sentia um vazio profundo. Passava noites sem dormir. Às vezes, acordava e não queria sair da cama. Pode parecer exagero: a angústia era tanta que perdi a fome. Emagreci 16 quilos. E, em meio a isso, com a mobilização que havia provocado, começaram a chegar informações sobre o paradeiro de Pandora. Só que elas eram desencontradas. Fui até o Rio de Janeiro seguindo a pista de um caminhoneiro que jurava tê-la visto caminhando pela Rodovia Presidente Dutra. Estava tão desesperado que, se falassem que ela estava no trenó do Papai Noel, eu ia atrás. Trotes, golpes, pedidos falsos de vaquinha também se tornaram frequentes. Apareceu muita gente oportunista querendo tirar proveito da situação.

Foi um milagre finalmente achar Pandora em uma cidade imensa como Guarulhos. Um funcionário do aeroporto a avistou se escondendo da chuva, embaixo de um viaduto no terminal 3. Por precaução, como não tinha 100% de certeza de que era mesmo minha cachorra, resolveu ligar para minha mãe, que já havia chegado a São Paulo para me apoiar. Pandora estava quietinha quando ela a avistou, esperando para ser resgatada em um terreno baldio. Minha mãe fez questão de vê-la, se assegurar de que não era notícia falsa e de que estava tudo certo, até levá-la a mim. O reencontro foi muito especial. Eu chorava sem parar com ela em meus braços. Me chamou atenção quanto estava magrinha, abalada, mas viva, vivíssima. O episódio todo me fez pensar em um monte de coisas, desde as de ordem prática — as companhias precisam dispensar mais atenção ao transporte de animais de estimação — até no rumo que darei à minha vida. O emprego em Genebra foi preenchido e estou decidindo se volto para Recife ou permaneço em São Paulo, para um recomeço. Com tantas possibilidades em aberto, certo mesmo é que Pandora estará por perto. ■

Depoimento dado a Marina Lang

OS NOVOS ARES DO OESTE

De *Yellowstone* a *Vingança & Castigo*, o velho bangue-bangue se reinventa ao recuperar figuras históricas esquecidas e pôr em xeque as noções de masculinidade do filão

RAQUEL CARNEIRO

Astro absoluto dos faroestes, John Wayne (1907-1979) escolhia papéis que se enquadrassem em seu conceito de "homem de verdade". A definição de Wayne para o tipo até hoje marca o imaginário americano. "Homens devem ser fortes, justos e corajosos, não devem procurar brigas — nem recuar quando elas surgem", pontificava o ator, que, ao lado de Clint Eastwood e Henry Fonda (1905-1982), compôs a tríade de ouro do gênero na Hollywood dos anos 50 e 60. John Dutton, protagonista da série *Yellowstone*, decerto concordaria com a descrição de Wayne — mas só da boca para fora. Vivido por um Kevin Costner de voz gutural, Dutton mantém as aparências de caubói do Velho Oeste em pleno século XXI — ora andando a cavalo por seu rancho em Montana, ora administrando a propriedade do conforto de seu helicóptero. Ao mesmo tempo, o poderoso Dutton é a negação viva do arquétipo do "Homem Marlboro": seu senso de força, justiça e coragem é usado em benefício próprio — e ele reage com dissimulação odiosa com quem o ameaça.

DAVID LEE/NETFLIX

REVIRAVOLTA
Regina King em *Vingança & Castigo*: personagens negros em destaque

Em sua quarta temporada, *Yellowstone*, disponível na plataforma Paramount+, é um raro exemplar de série que, no boca a boca, conquistou crítica e público — da terceira para a quarta temporada, o drama de tom folhetinesco e armas de fogo abundantes aumentou em 81% sua audiência nos Estados Unidos. Recentemente, a trama ganhou um derivado,

PARAMOUNT NETWORK

FEMINISMO A GALOPE Isabel May e Tim McGraw em *1883:* mulheres dividem o protagonismo com os velhos caubóis

1883, também da Paramount, que acompanha, sob a óptica feminina, a peregrinação dos ancestrais da família Dutton para desbravar as planícies americanas em busca de um local onde se estabelecer. Ambas as séries são expoentes de um curioso movimento revisionista: na TV e no cinema, está em voga um novo faroeste. Ao resgatar personagens do Oeste americano real esnobados pela ficção — como negros, indígenas e mulheres —, ele areja o gênero com uma pertinente perspectiva contemporânea. E põe em xeque ideais sobre poder, possessividade e, claro, a masculinidade tóxica do filão.

O longa-metragem *Ataque dos Cães*, da Netflix, é um esforço irretocável dessa desconstrução da figura do caubói. Inspirado no livro de Thomas Savage, o filme, estrelado por Benedict Cumberbatch e dirigido por Jane Campion, evidencia a opressão de um mundo em que o selo de macho é arma traiçoeira: ela tanto fere o próprio protagonista, obrigado a reprimir sua homossexualidade, quanto alimenta a ira com que ele destrói vidas a seu redor. Também é notável a ideia de *Vingança & Castigo,* outro filme da Netflix: sua trama se apropria dos clichês do gênero, com seus bordéis, tiroteios e muita poeira, mas põe em cena pessoas negras do passado ofuscadas pela narrativa oficial. O elenco robusto, com Idris Elba, Regina King e Jonathan Majors, dá liga notável a essa premissa criativa.

Parte intrínseca de Hollywood desde seus primórdios, os faroestes ajudaram a definir os Estados Unidos como nação. Valores como a coragem, a integridade e a determinação moldaram um imaginário de orgulho e superioridade moral que ajudou os americanos na travessia dos tempos duros da II Guerra e início da Guerra Fria. Mas a divisão maniqueísta do mundo em vilões e mocinhos não resistiu ao tempo — e à realidade.

O mito do caubói começou a ser questionado ainda nos anos 60, com a explosão do *spaghetti western,* subgênero rodado na Itália por seu baixo custo e que bebeu do sentimento geral de reconstrução no pós-guerra. Inspirado nos samurais de Akira Kurosawa, o cineasta Sergio Leone criou faroestes nos quais o protagonista já não era uma fortaleza moral inabalável — seu anti-herói característico era o Clint Eastwood da *Trilogia dos Dólares,* um pistoleiro desencantado e que fazia justiça com as próprias mãos. No século XXI, Quentin Tarantino, um fã do gênero, abriria caminho ao resgate dos bangue-bangues com filmes como *Django Livre* (2012).

Os novos faroestes radicalizam o revisionismo desencadeado por Tarantino. Para além dos estereótipos de

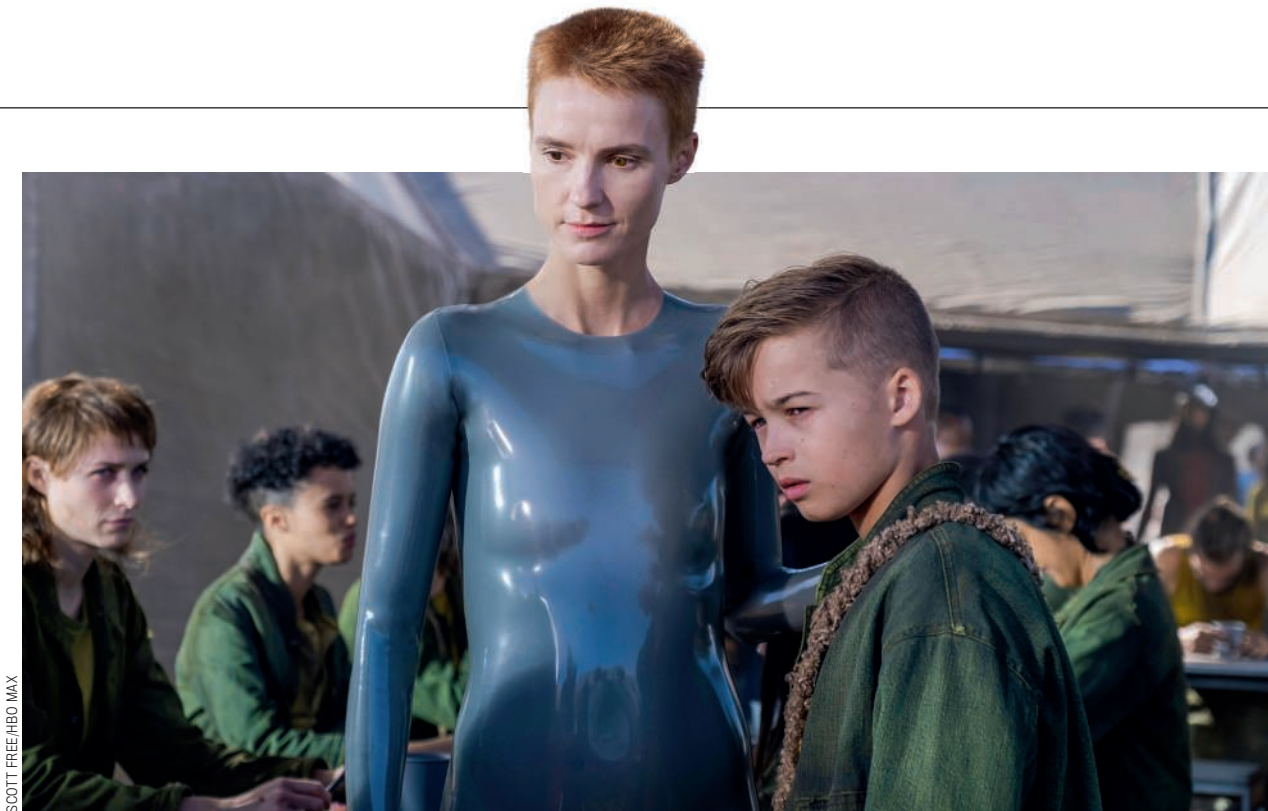
MUNDO NOVO Kevin Costner em *Yellowstone:* tempos de masculinidade em crise

KEVIN LYNCH/PARAMOUNT NETWORK

NETFLIX

CAUBÓI NO ARMÁRIO *Ataque dos Cães:* um afiado olhar sobre a repressão

gênero e raça, demolem a visão da terra sem lei. Sim, havia violência e embates covardes com a população nativa, mas os filmes e séries atuais mostram que a ocupação territorial dos Estados Unidos foi norteada por um acordo político entre o presidente Abraham Lincoln (1809-1865) e agricultores que conquistavam a posse de suas propriedades ao cultivá-las. A expansão atraiu estrangeiros e logo trouxe regras, como a proibição do porte de armas. Não obstante, desbravar o Oeste foi um desafio mortal em razão de ameaças que iam de mercenários a animais peçonhentos. Essas durezas da conquista, aliás, são o fio condutor de *1883* — que inova ao ser narrada por uma mulher. Elsa Dutton (Isabel May) é fictícia, mas representa as muitas figuras femininas que carregavam consigo habilidades variadas, desde conduzir o gado até empunhar uma espingarda quando necessário.

Yellowstone se revela o exemplar mais curioso dessa leva. O seriado é chamado de *Succession* republicana — em suma, bebe da série da HBO sobre a família do magnata da mídia Logan Roy, mas expõe uma visão de mundo conservadora (para não dizer trumpista). *Yellowstone,* de fato, repete parte da fórmula de *Succession*: o ricaço John Dutton treina seus quatro filhos para manter o legado da família. Mas os herdeiros não se mostram confiáveis, e o caubói se vê cercado de inimigos: uma reserva indígena, um empreendimento imobiliário e o parque nacional de mesmo nome da série — todos querem uma lasquinha de suas terras. Não é a perda de hectares, no entanto, que de fato o assusta. Dutton teme o fim do estilo de vida do caubói livre, que por mais de um século representou a quinta-essência do sonho americano. Os novos ares do Oeste, no entanto, são inescapáveis. ■

SCOTT FREE/HBO MAX

FUTURO OPRESSIVO A Mãe (Amanda Collin, *ao centro)* e suas crianças: dilemas existenciais com embalagem pop

UMA QUESTÃO DE FÉ

Produzida por Ridley Scott, a série *Raised by Wolves* chega à segunda temporada usando a ficção científica para falar de problemas do presente: o fanatismo e a intolerância

DEPOIS da destruição da Terra por uma guerra, um casal de androides é enviado para outro planeta carregando uma dúzia de embriões humanos. A missão dos robôs denominados simplesmente de Pai (Abubakar Salim) e Mãe (Amanda Collin) é criar as crianças segundo os valores de quem os programou. Conforme os episódios avançam, no entanto, o verniz tecnológico e o cenário inóspito revelam-se artefatos para a série ***Raised by Wolves*** investigar um dos conflitos mais antigos da humanidade: a contraposição entre ciência e religião. Na segunda temporada, que acaba de chegar à HBO Max, a série produzida por Ridley Scott aprofunda um debate que vem a calhar nos dias atuais — sua intenção é, sim, funcionar como alegoria do negacionismo contemporâneo. “Um dos aspectos mais importantes da ficção científica é que ela é maleável. Isso nos permite extrapolar problemáticas da humanidade para outros universos”, disse a VEJA o criador da trama, Aaron Guzikowski.

De fato, falar de uma questão tão ancestral quanto a fé por meio de vislumbres futuristas é um dos grandes temas da ficção científica desde sempre. E há o dedo de um craque nessa matéria em *Raised by Wolves* — ainda que envolvido apenas em sua supervisão, Ridley Scott confere à saga intergaláctica os tons existencialistas de filmes como *Blade Runner* (1982) e *Prometheus* (2012). O alvo óbvio da série é o fundamentalismo religioso, visto como ameaça opressiva que persiste mesmo quando a tecnologia permite ao homem brincar de Deus. Mas *Raised by Wolves* também alveja outra forma de fundamentalismo: aquele que faz da defesa do ateísmo uma fonte de intolerância que só alimenta o radicalismo do lado oposto.

A série aborda esses dilemas filosóficos com embalagem pop: referências que vão da *Bíblia* à Roma Antiga mesclam-se em um cenário de outro mundo onde, espantosamente, crescem plantas como baobás e babosas. Tecnológicos até o último fio de cabelo, os mitraicos, grupo de devotos que compartilha o nome de um culto romano, desenvolveram os androides como armas de destruição para expurgar os “hereges” da Terra. Alguns androides, porém, acabaram nas mãos de ateus, que os reprogramaram para que servissem à ciência. Quando os humanos são forçados a deixar a Terra, Pai e Mãe são enviados por um cientista ao planeta Kepler-22B, e entram em choque com os mitraicos, deflagrando a luta pela mente das crianças que salvarão a humanidade. Realmente, é preciso ter fé no futuro. ■

Amanda Capuano

ERIN SIMKIN/HULU

SEXO, INTRIGAS E VIDEOTEIPE

Vigorosa e mordaz, a minissérie *Pam & Tommy* recria o episódio que pôs a internet no mapa — a sex tape furtada que arrasou a vida de Pamela Anderson e Tommy Lee **ISABELA BOSCOV**

FOI PAIXÃO fulminante: Pamela Anderson, estrela da série *Baywatch*, e Tommy Lee, baterista da banda de metal Mötley Crüe, conheceram-se numa balada na virada de 1994 para 1995, reencontraram-se no México pouco depois e, após apenas quatro dias juntos, casaram-se — na praia, ele de bermudas e ela, de biquíni branco. Em um passeio de barco em Nevada, registraram alguns momentos de sua vida sexual em vídeo, e trancaram a fita no cofre que Tommy Lee tinha em casa, em Los Angeles. Em outra série de eventos que de início pouco teve a ver com essa, naquele mesmo início de 1995 Tommy Lee decidiu reformar sua mansão para acentuar o clima de romance dos aposentos do casal e deixou os empreiteiros meio loucos com suas repetidas e repentinas mudanças de planos. O relacionamento com a equipe azedou e um dos trabalhadores, Rand Gauthier, foi demitido sem receber pela mão de obra e pelos materiais. Quando Gauthier foi à mansão recuperar suas ferramentas, Tommy Lee o recebeu de espingarda no ombro. Aí o insulto se somou à ofensa, e o resultado foi um ciclone que varreu a vida do casal, arrasou Pamela — e revolucionou a internet.

Pam & Tommy (Estados Unidos, 2022), a minissérie cheia de verve que acaba de estrear no Star+, mapeia todos os fenômenos meteorológicos que, lá por 1996, afinal se combinariam nessa tempestade perfeita, do romance de vendaval que começou com Tommy Lee, extasiado, lambendo o rosto de Pamela de alto a baixo naquela balada ao tempo sempre cin-

TAL E QUAL
Lily como Pamela, e Sebastian como Tommy Lee: semelhança física e de personalidade

STEVE GRANITZ/WIREIMAGE/GETTY IMAGES

NOTORIEDADE
Pamela e Tommy Lee em março de 1995, antes do furacão: paixão fulminante e exposição

zento da vida de Gauthier. Ao fundo, enquanto isso, dois sistemas climáticos se aproximavam um do outro — a indústria da pornografia e aquela novidade ainda meio misteriosa chamada *world wide web*.

Pamela, encarnada por Lily James com uma semelhança física e de trejeitos que fazem o espectador esquecer que não é a própria que está ali — e com uma ingenuidade e uma meiguice que comovem —, e Tommy Lee, vivido por Sebastian Stan com rasgos de romantismo e entusiasmo que dão vividez e contrastes à *persona* de doidão com que o roqueiro se celebrizou, passaram o ano de 1995 no olho do furacão, sem o saber. Demorou meses para eles notarem que o cofre havia sido levado, e que o suspeito provável era o raivoso Gauthier (Seth Rogen encontra o timbre exato de ressentimento para o personagem).

Na condução vigorosa e atrevida do Craig Gillespie de *Eu, Tonya* e *Cruella*, que dá o tom aos outros diretores, e no roteiro do criador Robert Siegel, de *O Lutador* (2008), se o comportamento errático e os calotes de Tommy Lee irritavam Gauthier, ouvir o casal transando a todas as horas do dia o mortificava e aprofundava sua sensação de fracasso. Separado de uma atriz pornô (Taylor Schilling) — ele próprio era ator casual de filmes de sexo explícito — por quem ainda era apaixonado, sem grana e sentindo-se emasculado pelo modo como Tommy Lee o tratara, Gauthier concentrou na fita encontrada no cofre todo o seu desejo de vingança contra o músico.

Nem por um instante a certeza de que o estrago recairia sobre Pamela incomodou Gauthier; ao contrário, ela é que tornava a fita valiosa para ele. Tornada símbolo sexual por ensaios na *Playboy*, pelo maiô vermelho de *Baywatch* e pelos figurinos reveladores, Pamela teve seus direitos negados em todas as instâncias: na lógica machista, ela só teria a se culpar pela exposição do que nem sequer configurava intimidade, uma vez que ela já havia “mostrado tudo” antes. Nenhuma instância tripudiou tanto com ela, porém, quanto a pública: assim que as cenas caíram na rede então nascente e tiveram alcance multiplicado *ad infinitum*, a internet se descobriu como uma força de poder incontrolável. O mundo não foi mais o mesmo — mas de Pamela é que a culpa não é. ■

FOTOS DISNEY STUDIOS

NA TRILHA DO SUCESSO

Como funciona a fábrica de hits das animações da Disney, que acaba de colocar a canção-tema de *Encanto*, sua mais nova produção, no topo das paradas **FELIPE BRANCO CRUZ**

FAMÍLIA PERFEITA e abençoada com poderes mágicos, os Madrigal protegem há anos Encanto, um vilarejo nas florestas da Colômbia. A simpática adolescente Mirabel destoa do clã: é a única não dotada de alguma habilidade fantástica. Ao investigar o motivo, ela esbarra no misterioso desaparecimento de seu tio Bruno. Quando insiste em saber a razão da sina, a explicação é dada por meio de uma canção que mistura hip-hop com ritmos como salsa, cumbia e bachata. Tão misterioso quanto o sumiço do personagem é o impressionante sucesso da música *We Don't Talk About Bruno* (Nós não falamos sobre Bruno, em português) nas últimas semanas. O tema da nova animação da Disney, *Encanto*, alcançou o primeiro lugar na bíblia das paradas americanas, a revista *Billboard* — feito que o estúdio não realizava havia 29 anos, desde *A Whole New World*, de *Aladdin*.

Na busca pelas razões do êxito, depara-se com uma constatação típica dos novos tempos: *We Don't Talk About Bruno* viralizou entre os jovens no TikTok, ferramenta incontornável para criar hits hoje em dia. Mas isso toca só num aspecto superficial da questão. A verdade é que o gigante do entretenimento sempre teve força para impor suas canções — e vem fazendo isso consistentemente desde 1989. Lançado naquele ano, *A Pequena Sereia* foi um ponto de virada. Até então, as músicas dos filmes da Disney eram orquestrações etéreas ou temas clássicos, como em *When You Wish Upon a Star*, de *Pinóquio* (1940). No fim dos anos 80, a empresa percebeu que as trilhas so-

PASSINHOS Mirabel *(à dir.)*, em *Encanto:* hip-hop à moda colombiana

HIT DAS SELVAS *O Rei Leão:* canções feitas para despertar emoções

ARRASA-QUARTEIRÃO *Frozen:* música onipresente em festas e casamentos

noras de suas animações não poderiam mais ser meros adereços nas tramas: elas precisariam se tornar parte orgânica do roteiro, como ensinavam os musicais da Broadway.

A partir daí, todas as músicas passaram a conter alta carga emocional (haja coros e orquestrações melosas) e a abordar temáticas mais bem delineadas (para dar ao espectador uma causa com que se identificar). *A Bela e a Fera, Aladdin* e *O Rei Leão,* que vieram depois de *A Pequena Sereia*, seguiram a mesma lógica, com canções inseparáveis da história e capazes de despertar sentimentos que transcendem a própria música. Não por acaso, todos se transformaram em musicais — o que tem tudo para se repetir com *Encanto.* A longevidade das canções da Disney, por sinal, é atestada pela popularidade em casamentos e festas infantis. Segundo um levantamento do Ecad (Escritório Central de Arrecadação e Distribuição), nos últimos cinco anos as trilhas de produções do estúdio — incluindo o onipresente tema de *Frozen, Let It Go* — estavam entre as mais lembradas e tocadas nesses eventos.

No caso de *We Don't Talk About Bruno,* o sucesso vem embalado em singelas ironias. Apesar de bonitinha, a animação é das mais frugais da Disney nos últimos anos — ou seja, sua canção-tema revela-se maior que o filme. Além disso, a empresa fez *Encanto* com a clara intenção de reverenciar as plateias latino-americanas — daí o convite para Lin-Manuel Miranda escrever seu tema, já que o compositor personifica a força desse público na Broadway. Mas, embora traduzida para mais de vinte línguas (inclusive o português), *We Don't Talk About Bruno* só fez sucesso até agora em inglês. Interpretada pelos seis atores que fazem as vozes dos personagens, a canção está em primeiro lugar no ranking do Spotify nos Estados Unidos e na Inglaterra e ocupa a oitava posição no mundo. Na América do Sul, contudo, não ultrapassou a 100ª posição — mesmo na homenageada Colômbia, figura em opaco 25º lugar. Abaixo do Equador, quem diria, ainda se fala pouco sobre Bruno. ■

ZACH DILGARD/APPLE TV+

DISCO

THE 7TH HAND,
de Immanuel Wilkins
(Blue Note; disponível nas plataformas de streaming)

O saxofonista americano Immanuel Wilkins, de 25 anos, é uma das grandes revelações do jazz atual. Após ter seu álbum de estreia, *Omega*, apontado como o melhor do gênero em 2020 nos Estados Unidos, ele retorna com um novo trabalho igualmente magistral. Lançado pelo prestigioso selo Blue Note, *The 7th Hand* traz uma suíte de uma hora, composta por sete movimentos. Com inspirações na música gospel e em suas raízes africanas, Wilkins explora temas como a relação com o sagrado. Em *Don't Break*, a mais criativa do disco, ele soma seus poderosos solos aos atabaques do grupo Farafina Kan.

DIVULGAÇÃO

REVELAÇÃO Immanuel Wilkins: aos 25 anos, um primoroso álbum de jazz

TELEVISÃO

SUSPICION

(Estados Unidos/Inglaterra, 2022. Na AppleTV+)

Uma figura proeminente da mídia americana (Uma Thurman) tem seu filho raptado em um hotel de Nova York por quatro pessoas disfarçadas com máscaras de membros da família real britânica. Dias depois, em Londres, são presos cinco cidadãos desconhecidos entre si que haviam se hospedado no mesmo hotel, naquela noite. Todos alegam inocência, a despeito da pressão com que uma policial britânica (Skye Bennett) e um agente do FBI (Noah Emmerich) os interrogam. Enquanto isso, um sujeito caçado em vários países consegue se evadir das tentativas de detê-lo. Apesar dos lances improváveis, a série criada pelo veterano Rob Williams é bem produzida e se sai bem tanto nas reviravoltas quanto no suspense.

TRAMA CRIMINAL Noah Emmerich e Uma Thurman em *Suspicion:* suspense com boas reviravoltas

LIVRO

O SANATÓRIO, **de Sarah Pearse (tradução de Marcelo Schild; Intrínseca; 480 páginas; R$ 59,90 e R$ 39,90 em e-book)**

Por seu romance de estreia, a britânica Sarah Pearse foi comparada a gigantes do suspense como Agatha Christie e Stephen King. A trama policial com toques de terror de *O Sanatório,* livro em questão, tem como cenário um resort de luxo nos Alpes Suíços que, no passado, foi um lar para enfermos de tuberculose. A detetive Elin Warner visita o local para comemorar o noivado de seu irmão afastado, mas é chamada à ação quando a noiva desaparece, uma tempestade de neve se inicia e um inesperado assassinato aterroriza os hóspedes. Ao mergulhar o leitor nos segredos do local, a narrativa revela-se viciante. ■

OS MAIS VENDIDOS

FICÇÃO

1. **É ASSIM QUE ACABA** Colleen Hoover [1 | 25#] GALERA RECORD
2. **TORTO ARADO** Itamar Vieira Junior [3 | 53#] TODAVIA
3. **OS SETE MARIDOS DE EVELYN HUGO** Taylor Jenkins Reid [2 | 41#] PARALELA
4. **A GAROTA DO LAGO** Charlie Donlea [4 | 123#] FARO EDITORIAL
5. **NAS PEGADAS DA ALEMOA** Ilko Minev [8 | 6#] BUZZ
6. **TUDO É RIO** Carla Madeira [9 | 6#] RECORD
7. **TODAS AS SUAS IMPERFEIÇÕES** Colleen Hoover [7 | 10#] GALERA RECORD
8. **A REVOLUÇÃO DOS BICHOS** George Orwell [5 | 171#] VÁRIAS EDITORAS
9. **A VIDA INVISÍVEL DE ADDIE LARUE** V.E. Schwab [0 | 15#] GALERA RECORD
10. **BOX – GEORGE ORWELL** George Orwell [6 | 17#] PRINCIPIS

NÃO FICÇÃO

1. **MULHERES QUE CORREM COM OS LOBOS** Clarissa Pinkola Estés [1 | 91#] ROCCO
2. **O DIÁRIO DE ANNE FRANK** Anne Frank [5 | 257#] VÁRIAS EDITORAS
3. **LADY KILLERS: ASSASSINAS EM SÉRIE** Tori Telfer [6 | 53#] DARKSIDE
4. **SAPIENS: UMA BREVE HISTÓRIA DA HUMANIDADE** Yuval Noah Harari [3 | 257#] L&PM/COMPANHIA DAS LETRAS
5. **LULA, VOLUME 1** Fernando Morais [2 | 8] COMPANHIA DAS LETRAS
6. **RÁPIDO E DEVAGAR** Daniel Kahneman [4 | 147#] OBJETIVA
7. **PEQUENO MANUAL ANTIRRACISTA** Djamila Ribeiro [0 | 96#] COMPANHIA DAS LETRAS
8. **ARRASTADOS** Daniela Arbex [0 | 1] INTRÍNSECA
9. **BTK PROFILE: MÁSCARA DA MALDADE** Roy Wenzl, Tim Potter, L. Kelly, Hurst Laviana [0 | 1] DARKSIDE
10. **VIVENDO COMO UM GUERREIRO** Whindersson Nunes [0 | 2#] SERENA

AUTOAJUDA E ESOTERISMO

1. **O HOMEM MAIS RICO DA BABILÔNIA** George S. Clason [0 | 63#] HARPERCOLLINS BRASIL
2. **DO MIL AO MILHÃO** Thiago Nigro [3 | 151#] HARPERCOLLINS BRASIL
3. **MAIS ESPERTO QUE O DIABO** Napoleon Hill [1 | 142#] CITADEL
4. **PAI RICO, PAI POBRE** Robert Kiyosaki e Sharon Lechter [2 | 76#] ALTA BOOKS
5. **365 DIAS DE INTELIGÊNCIA** Augusto Cury [0 | 1] DREAMSELLERS EDITORA
6. **CORAGEM PARA CRESCER** Marcos Freitas [0 | 1] GENTE AUTORIDADE
7. **O PODER DO HÁBITO** Charles Duhigg [7 | 258#] OBJETIVA
8. **MINDSET** Carol S. Dweck [9 | 102#] OBJETIVA
9. **ESSENCIALISMO** Greg Mckeown [0 | 7#] SEXTANTE/GMT
10. **QUEM PENSA ENRIQUECE** Napoleon Hill [10 | 75#] CITADEL

INFANTOJUVENIL

1. **AMOR & GELATO** Jenna Evans Welch [1 | 29#] INTRÍNSECA
2. **COLEÇÃO HARRY POTTER** J.K. Rowling [3 | 100#] ROCCO
3. **MIL BEIJOS DE GAROTO** Tillie Cole [2 | 10#] OUTRO PLANETA
4. **VERMELHO, BRANCO E SANGUE AZUL** Casey McQuiston [4 | 44#] SEGUINTE
5. **OS DOIS MORREM NO FINAL** Adam Silvera [0 | 3#] INTRÍNSECA
6. **HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFAL** J.K. Rowling [5 | 328#] ROCCO
7. **O PEQUENO PRÍNCIPE** Antoine de Saint-Exupéry [9 | 334#] VÁRIAS EDITORAS
8. **O PRÍNCIPE CRUEL** Holly Black [0 | 21#] GALERA RECORD
9. **TODO ESSE TEMPO** Rachel Lippincott e Mikki Daughtry [0 | 2#] GLOBO
10. **KIT – UM DE NÓS** Karen M. McManus [0 | 2#] GALERA RECORD

Pesquisa: **Yandeh** / Fontes: **Aracaju:** Escariz, **Balneário Camboriú:** Curitiba, **Belém:** Leitura, SBS, **Belo Horizonte:** Disal, Leitura, SBS, Vozes, **Betim:** Leitura, **Blumenau:** Curitiba, **Brasília:** Cultura, Disal, Leitura, Saraiva, SBS, Vozes, **Cabedelo:** Leitura, **Cachoeirinha:** Santos, **Campina Grande:** Cultura, Leitura, **Campinas:** Cultura, Disal, Leitura, Loyola, Saber e Ler, Vozes, **Campo Grande:** Leitura, **Campos dos Goytacazes:** Leitura, **Canoas:** Santos, **Capão da Canoa:** Santos, **Cascavel:** A Página, **Caxias do Sul:** Saraiva, **Colombo:** A Página, **Confins:** Leitura, **Contagem:** Leitura, **Cotia:** Prime, Um Livro, **Criciúma:** Curitiba, **Cuiabá:** Vozes, **Curitiba:** A Página, Curitiba, Disal, Evangelizar, Livraria da Vila, SBS, Vozes, **Florianópolis:** Curitiba, Livrarias Catarinense, Saraiva, **Fortaleza:** Evangelizar, Leitura, Saraiva, Vozes, **Foz do Iguaçu:** A Página, Kunda Livraria Universitária, **Frederico Westphalen:** Vitrola, **Goiânia:** Leitura, Palavrear, Saraiva, SBS, Vozes, **Governador Valadares:** Leitura, **Gramado:** Mania de Ler, **Guaíba:** Santos, **Guarapuava:** A Página, **Guarulhos:** Disal, Leitura, Livraria da Vila, **Ipatinga:** Leitura, **Itajaí:** Curitiba, **Jaú:** Casa Vamos Ler, **João Pessoa:** Leitura, Saraiva, **Joinville:** A Página, Curitiba, **Juiz de Fora:** Leitura, Vozes, **Jundiaí:** Leitura, **Lins:** Koinonia Livros, **Londrina:** A Página, Curitiba, Livraria da Vila, **Macapá:** Leitura, **Maceió:** Leitura, **Manaus:** Leitura, Vozes, **Maringá:** Curitiba, **Mogi das Cruzes:** Leitura, Saraiva, **Natal:** Leitura, **Niterói:** Blooks, **Palmas:** Leitura, **Paranaguá:** A Página, **Passo Fundo:** Santos, **Pelotas:** Vanguarda, **Petrópolis:** Vozes, **Poços de Caldas:** Livruz, **Ponta Grossa:** Curitiba, **Porto Alegre:** A Página, Cameron, Disal, Santos, Saraiva, SBS, Vozes, **Porto Velho:** Leitura, **Recife:** Cultura, Disal, Leitura, Saraiva, SBS, Vozes, **Ribeirão Preto:** Disal, Saraiva, **Rio Claro:** Livruz, **Rio de Janeiro:** Argumento, Blooks, Disal, Janela, Leitura, Saraiva, SBS, Vozes, **Rio Grande:** Vanguarda, **Salvador:** Disal, Escariz, LDM, Leitura, Saraiva, SBS, Vozes, **Santa Maria:** Santos, **Santana de Parnaíba:** Leitura, **Santo André:** Disal, Saraiva, **Santos:** Loyola, Saraiva, **São Caetano do Sul:** Disal, **São José:** Curitiba, **São José do Rio Preto:** Leitura, **São José dos Campos:** Curitiba, Leitura, **São José dos Pinhais:** Curitiba, **São Luís:** Leitura, **São Paulo:** A Página, Aeromix, Blooks, CULT Café Livro Música, Cultura, Curitiba, Disal, Leitura, Livraria da Vila, Loyola, Megafauna, Nobel Brooklin, Saraiva, SBS, Vozes, WMF Martins Fontes, **Serra:** Leitura, **Sete Lagoas:** Leitura, **Sorocaba:** Saraiva, **Taboão da Serra:** Curitiba, **Taguatinga:** Leitura, **Taubaté:** Leitura, **Teresina:** Leitura, **Uberlândia:** Leitura, SBS, **Vila Velha:** Leitura, Saraiva, **Vitória:** MultiLivros, SBS, **Vitória da Conquista:** LDM, **internet:** A Página, Amazon, Americanas.com, Authentic E-commerce, Boa Viagem – E-commerce, Bonilha Books, Cultura, Curitiba, Leitura, Magazine Luiza, Saraiva, Shoptime, Submarino, Vanguarda, WMF Martins Fontes

[A|B#] – A] posição do livro na semana anterior B] há quantas semanas o livro aparece na lista #] semanas não consecutivas

LINHA TORTA

CHICO BUARQUE tem todo o direito de cantar ou não cantar o que bem entender. Jornalistas têm pleno direito de discordar de artigos publicados nos veículos onde trabalham. Assim como é assegurada aos cidadãos residentes em países democráticos a prerrogativa de se manifestar livremente dentro dos preceitos legais e é, também, dever de todos fazê-lo na obediência da civilidade. Afinal, como bem registra o título do espetacular documentário (Globoplay) sobre Nara Leão, o canto é livre. Ou deveria ser. Da série nasceu a polêmica da vez porque em um dos episódios Chico Buarque declara que não cantará mais *Com Açúcar, com Afeto* para “não desagradar às feministas” que repudiariam o (suposto) caráter machista da canção composta em 1967 a pedido de Nara.

Repetindo, o autor é livre para fazer o que quiser. Só não dispõe de autonomia para sugerir que quem queira cantar e/ou gostar da música seja defensor do machismo. Dias antes, profissionais da *Folha de S.Paulo* assinaram uma carta aberta à direção do jornal contestando o artigo do antropólogo Antonio Risério sobre racismo.

Até aí, tudo bem, não fosse o fato de que o abaixo-assinado pregava a proibição de publicações com teor semelhante. O protesto, aliás, pouco ou quase nada tinha a ver com o que estava de fato escrito no artigo em questão. Na essência, acusou-se ali o jornal de ser racista. A isso se dá o nome de censura expressa na tentativa de demonstrar superioridade moral em relação ao diverso. Justamente o contrário do respeito ao próximo, matéria-prima na qual se sustenta a arte da convivência coletiva. Produto esse em falta no mercado do debate público, na abordagem de questões que o mundo hoje nos apresenta como essenciais para a evolução da humanidade.

Natural e, sobretudo, necessário que determinados comportamentos, sejam eles na palavra, na ação ou no pensamento, antes vistos como normais, se tornem inaceitáveis e sofram adaptação ao novo tempo. Trata-se de um benfazejo aprimoramento das relações humanas.

> **“Quando a celebração da igualdade interdita o debate, o risco é o flerte com a censura ‘do bem’ ”**

No índex civilizatório se enquadram os preconceitos, as ideias, os julgamentos e quaisquer manifestações que preconizem discriminação e estabeleçam hierarquias entre pessoas ou grupos por suas características. A celebração da igualdade, junto aos esforços de fazê-la prevalecer, melhora a espécie.

Nenhum reparo, portanto, se impõe aqui ao correto. Política, social ou culturalmente falando. Sendo contraponto ao errado, o certo é um ideal a ser alcançado. Ao persegui-lo de modo errático, no entanto, se incorre no risco de cair no campo contrário, o da intolerância, da incivilidade, do desrespeito do direito de outrem, na interdição das ideias, naquilo, enfim, que agora se chama cancelamento.

A palavra remete a comportamentos primitivos, rudes. Cancelar quer dizer eliminar, riscar do mapa. Quando aplicada a opiniões, significa subtrair a validade do contraditório. E isso não como a conclusão do encadeamento de argumentos, mas em decorrência de juízo formado não raro com base na hostilidade, na repulsa ao que vem de lá. É estabelecida uma regra a ser seguida sem nuances e quem não obedecer a ela leva pancada.

Assim andamos vivendo. Note-se, para regozijo dos retrógrados com certidão passada no cartório do atraso. Desse modo, eles encontram campo fértil para tentar invalidar o esforço evolutivo chamando-o de autoritário. Nesse aspecto se dá a eles razão e recursos retóricos para atrair os adeptos da defesa do mundo velho.

Essa prática patrocina a tese enganosa, especialmente deletéria para a formação dos jovens que não viveram a ditadura no Brasil, de que existe censura “do bem”. Não existe. A definição de censura é clara: “Análise de trabalhos artísticos, informativos etc., com base em critérios morais ou políticos para julgar a conveniência da liberação pública à sua divulgação”.

Aos signatários dessa bossa nada nova, conviria lembrar os idos de dona Solange Hernandes, a ferrabrás chefe da Divisão de Censura e Diversões Públicas que entre 1981 e 1984 vetou e cortou em produções artísticas tudo o que na visão dela atentava contra os bons costumes e a política vigente.

Na visão dela e de seu entorno, bem entendido. Por essa lógica, estava dando o seu melhor em prol da preservação moral dos olhos, ouvidos, pensamentos e sentimentos alheios. Não dá para ser assim. ■

■ *Os textos dos colunistas não refletem necessariamente as opiniões de* VEJA